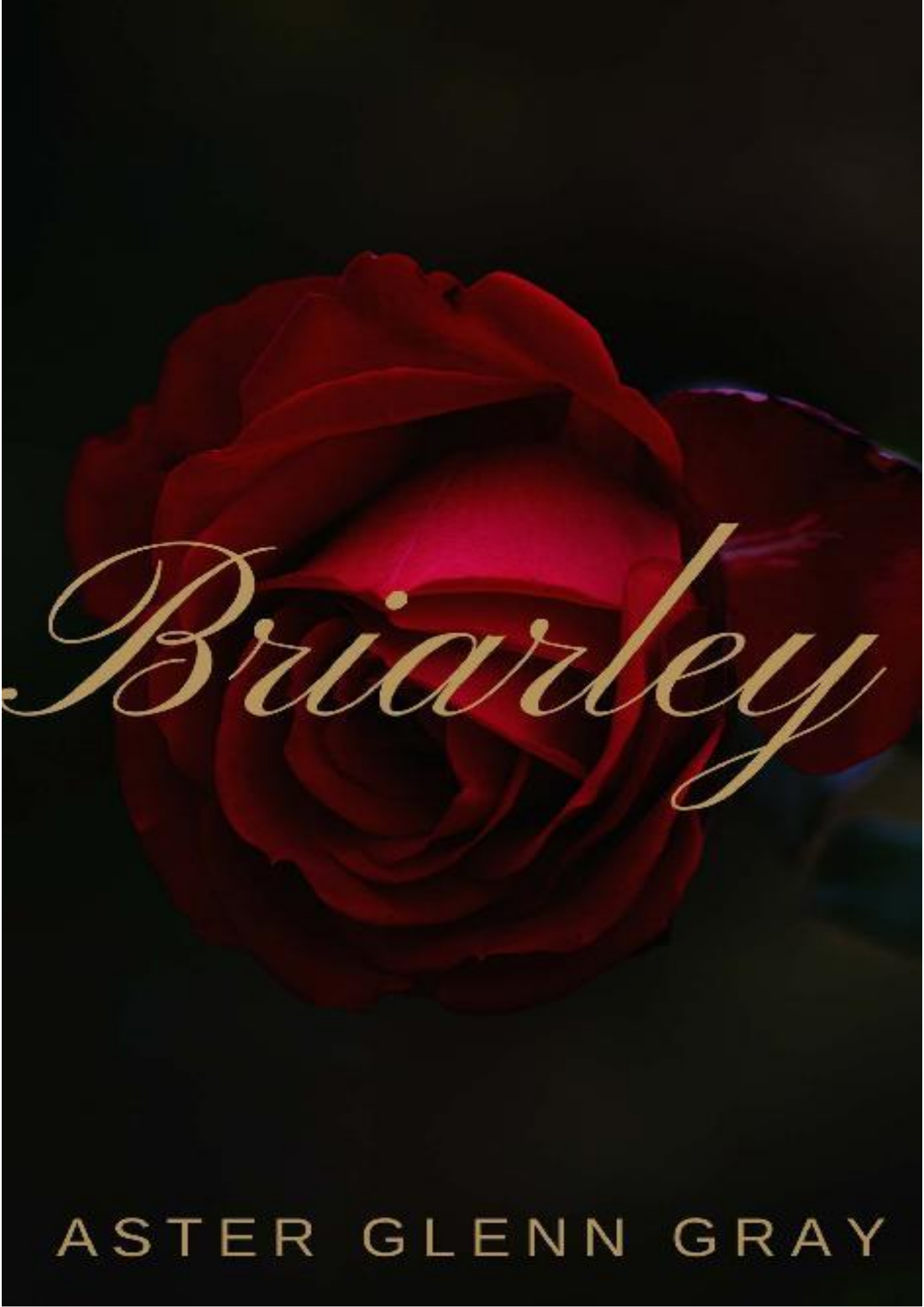
Briarley
ASTER GLENN GRAY



Hell Tales

Kardia Mou









Briarley

Aster Glenn Gray

Uma recontagem da Bela e a Fera durante a segunda guerra mundial.
Durante uma chuva de verão, um pároco inglês se refugia em uma casa de campo. A casa parece deserta, mas a mesa está posta com um sumptuoso banquete, como o pároco não via desde antes do racionamento da guerra.
Enervado pela estranha casa, ele foge, mas pára para arrancar uma única rosa perfeita do jardim para sua filha - só para o dono da casa aparecer, respirando com raiva.
Literalmente. A princípio, o pároco não suporta esse homem-dragão. Mas lentamente, ele começa a sentir a injustiça da maldição que mantém o dragão cativo. O que pode quebrar essa maldição vingativa?







TRADUÇAO





REVISÃO E ARTE



Capítulo 1

Era uma vez um pároco em um país com uma perna ferida em Somme[1], que vivia em uma casa paroquial cor de mel com sua filha, a garota mais bonita do mundo.

Outros poderiam ter dito que Rose não era a garota mais bonita do mundo, nem mesmo a garota mais bonita da aldeia de Lesser Innsley. Mas para o pároco ela era toda a beleza, ainda mais porque sua esposa morreu quando a Rose ainda era muito jovem, e Rose era tudo o que ele tinha para amar neste mundo.

E para a maior parte da infância de Rose, foi um mundo de paz, se não muito. Ela gostava de se sentar e ler no assento da janela, no escritório do pároco, que dava para o jardim. No outono, ela alcançava a janela aberta para arrancar uma pêra da árvore espalhada na parede da casa paroquial; e o pastor diria, distraído: “Não derrame suco nos livros, Rose.”

Ela às vezes derramava suco nos livros. Mas ela os leu também, livro após livro, e conversou sobre eles com ele enquanto caminhavam juntos no jardim à noite. Ambos amavam a ficção policial e colocaram braçadeiras pretas no dia em que Sir Arthur

[1] A batalha de somme , também conhecida como a Ofensiva de Somme foi travada entre julho a novembro de 1916 sendo considerada uma das maiores batalhas da Primeira Guerra Mundial.

Conan Doyle morreu, o que confundiu muito a professora de Rose, a Srta. Clarence, quando ela veio tomar chá naquela tarde.

E assim os anos passaram quietamente. Rose saiu de casa para assistir a uma faculdade feminina em Oxford. O pároco ficou arrependido por vê-la partir e sentiu muita falta dela, e ainda assim ficou feliz por ela ter ido à sua própria universidade, onde passaria anos felizes.

Mas então a guerra veio de novo.

Rose saiu de Oxford para se tornar enfermeira. Suas cartas eram tão leves e brilhantes como sempre, mas o coração do pastor estava dolorido por ela, pois ele sabia como eram os hospitais de guerra.

Um fim de semana no final do verão, ela recebeu uma licença inesperada. O pároco não sabia que ela estava chegando até ela chegar, e ele já havia prometido entrar na cidade do condado para discutir a remoção das crianças de Londres para o campo.

—Claro que não devo interromper o seu trabalho de guerra. — disse Rose, e sorriu.

Mas o pároco viu o quanto ela estava desgastada e triste por trás daquele sorriso. —Vou trazer-lhe uma rosa. — disse ele. —Como eu costumava fazer, quando você era mais jovem, e eu tinha que ir embora.

Pois Rose, depois que sua mãe foi embora e morreu no hospital, costumava ficar quase inconsolável quando o trabalho de seu pai o chamava para longe de casa de um dia para o outro: e assim ele começou a costumá-lo sempre trazendo uma rosa. Essas rosas pressionavam solenemente entre as páginas de um livro, onde conservavam sua doçura. *—E se você sentir minha falta, Rose.* — o



pároco costumava dizer a ela. —*abra o livro e cheire as rosas, e saiba que eu voltarei para você.*

Mais velha agora, e sabendo quantas pessoas vão embora e não voltam em tempos de guerra, Rose prendeu a respiração e seus olhos se embaçaram. —Oh, papai. — ela disse; e ela poderia ter dito mais, mas ela olhou para cima e viu a melancolia em seu rosto, e lembrou que ele tinha sua própria guerra, quando ele era jovem. —Por favor, papai. — ela disse mais gentilmente. —Traga-me uma rosa.

Mas o pároco quase esqueceu. Ele não conhecia bem a cidade do condado: estava mais longe de casa do que costumava ir, e sua perna ferida doía quando ele caminhava. Ele sentou-se em uma reunião e esfregou a perna e refletiu com tristeza que não deveria ter andado de bicicleta até agora. Mas o que foi feito foi feito.

Ele deu seu discurso e tomou seu chá e discutiu as necessidades da guerra em tons graves. A reunião se arrastou, e continuou, como as reuniões acontecerão. E o resultado disso tudo foi que o pároco esqueceu a rosa até estar fora da cidade. Sua perna doía muito para voltar atrás; mas o pensamento daquela rosa esquecida o entristeceu mais do que ele poderia dizer.

Talvez o pesar nublou seus olhos. Algo deve ter acontecido: no caminho de casa, ele deu um giro errado e não conseguiu encontrar o caminho de volta. Os sinais da estrada tinham sido todos derrubados, de modo que os alemães não conseguiriam se orientar se chegassem às costas da Inglaterra. —E se eles estão tão confusos quanto eu. — reclamou o pároco, parando no crepúsculo ao lado de um grande carvalho. —talvez eles simplesmente se virem e voltem para a França.

Ele se virou - embora tivesse se virado antes e, de alguma forma, acabasse por se perder mais - e então parou, pois na virada

viu algo que não havia visto antes. Havia um grande portão de ferro e, depois de uma longa estrada branca margeada por grandes sebes altas de rosas, que terminavam numa grande pilha cinzenta de uma casa.

O pároco olhou para o belo caminho de cascalho sem nenhuma desaprovação. *Ora aqui estava uma casa que não havia dado seus jovens servos ao esforço de manter em função da guerra*.

Ainda assim, os mendigos não podem escolher. As nuvens negras ferviam acima da casa e o ar cheirava a chuva. O pároco passara o tempo dormindo na chuva nas trincheiras da França: procuraria abrigo contra a tempestade naquela grande casa. É bem provável que estivessem um telefone, e ele poderia ligar para Bert no Green Man, que poderia mandar uma mensagem para Rose para dizer a ela que não se preocupasse. Então o pároco poderia passar a noite aqui a salvo e seco, e até tomar uma rosa com ele pela manhã.

Pois as rosas eram magníficas. Mesmo na penumbra do crepúsculo tempestuoso, as pétalas vermelhas brilhavam. O pároco, um jardineiro amador, olhou-as fascinados enquanto conduzia a bicicleta pela estrada, imaginando como os jardineiros conseguiam uma perfeição tão uniforme. Devem ter sido muito rápidos em remover qualquer rosa murcha.

Algumas gotas de chuva caíram em seu rosto enquanto ele levava sua bicicleta para a grande escadaria na frente da casa. Certamente alguém deve ter visto sua abordagem. Mas as portas não se abriram e nenhum lacaio desceu a escadaria, e a casa permaneceu escura e silenciosa. Placas esplêndidas esculpiam o nome do lugar acima da porta. Este era o Briarley Hall.

O pároco estremeceu. O vento frio girou em torno dele e pareceu impulsioná-lo até os degraus, embora sua perna ruim



protestasse contra o esforço. Ainda assim, não havia mais nada para isso agora: a primeira onda de chuva bateu no cascalho branco, tornando-o cinza e úmido.

Ainda assim, o pároco hesitou sobre a aldrava em forma de dragão, que olhava para ele com olhos vermelhos de granada. — Como se fosse se transformar na cabeça de Jacob Marley. — ele murmurou para si mesmo. O vento frio soprou uma camada de chuva sob a saliência, e algumas gotas chegaram até os degraus do pároco, e o pároco estremeceu e estendeu a mão para bater.

Então ele se afastou. Uma faísca saltou entre a mão dele e a aldrava.

A aldrava de dragão pareceu olhar para ele, zombando. O pároco hesitou, a mão ainda meio levantada, até que uma rajada de vento fez a chuva cair para o lado e se espalhou pelas costas. Então ele levantou a aldrava pesada e a abaixou.

Mesmo através da madeira espessa da porta da frente, o pároco podia ouvir o som daquela batida reverberando pelo corredor da frente. Ele se levantou e esperou e ouviu; mas ele não ouviu vozes nem passos. A porta não se abriu e nenhum lacaio saiu, e a casa permaneceu escura e silenciosa.

Embora fosse verão, o pároco começou a tremer de frio da chuva. Ele levantou a aldrava novamente e a derrubou três vezes. Ele podia ouvir seus ecos se sobrepondo dentro da casa.

Então o aguaceiro começou a sério. O pároco desistiu da educação e empurrou com força a porta. Abriu com tanta rapidez silenciosa que ele quase caiu dentro.

Capítulo 2

—Boa noite. — o pároco gritou. Sua voz soava hesitante, embora talvez qualquer voz soasse tão abaixo daquela vasta caverna de um telhado. Na verdade, aquela era uma casa grande, mais grandiosa até do que a casa de campo de lorde Ashton, o maior amigo de Oxford do pároco; e ele ficou por alguns momentos pingando no chão de ladrilhos, e esperando que alguém viesse, apenas para dizer a ele para sair.

Mas ninguém veio. O trovão retumbou e um jato de chuva soprou pela porta aberta, o que levou o pastor a fechá-la. —Boa noite. — ele chamou de novo, e deu alguns passos furtivos mais para dentro do salão, como uma criança entrando no escritório do pai.

Deve haver alguém aqui. A casa não tinha aquele cheiro de mofo de um lugar que havia sido fechado. O piso de azulejo e o corrimão de mogno da grande escadaria brilhavam, como se tivessem sido polidos naquela mesma tarde. Mas ninguém apareceu: nenhum lacaio ou empregada doméstica, nenhuma criança da casa espiando pelo corrimão da escada. O corredor estava escuro e bastante frio.

Talvez um inválido vivesse aqui: um inválido com um pessoal muito pequeno (embora exigisse muitos trabalhadores, para manter a grande escadaria em tal corte). Talvez todos vivessem nos fundos



da casa e não tivessem ouvido o pároco acima do tambor da chuva do telhado.

—Espero que não seja uma pressão nos seus cadernos de racionamento para alimentar um viajante faminto. — disse o pároco ao salão vazio, elevando a voz mais alto na esperança de que pudesse ser ouvido mais longe. Havia um banco ao lado da escada, e ele mancou para ele, e afundou-se nele com tanto alívio quanto se fosse um otomano de seda. Ele esfregou o joelho, a canela e esperou.

Mas ninguém veio. A chuva batia no telhado, e a luz das janelas ficava mais fraca.

E então o pároco pareceu sentir o cheiro suculento de rosbife.

Não poderia ser, claro. Ninguém tinha carne assada nos dias de hoje - nem mesmo em uma grande casa como esta. *Alguém poderia sentir uma miragem?*

Mas miragem ou não, o aroma atraiu o pároco irresistivelmente pelo corredor. O cheiro de carne assada ficou mais forte, e agora ele parecia sentir o cheiro rico e saboroso dos pudins de Yorkshire[2] também - e se todos os odores ainda são ilusórios, ele não poderia ser enganado no brilho cintilante de chamas em uma porta à frente.

E onde houve uma fogueira, deve haver algum habitante. Ninguém poderia se dar ao luxo de acender uma fogueira em um cômodo vazio nesses dias.

Mas a sala de jantar também estava vazia. No entanto, os servos devem ter acabado de sair. A mesa estava arrumada extravagantemente à francesa, com todos os pratos nela, e uma junta

---

2 

em cada extremidade da mesa: um leitão inteiro assado na cabeça e um rosbife ao pé, e pratos de canto de pãezinhos fumegantes, e cenouras fatiadas brilhando em sua manteiga como moedas de cobre. Uma torre de maçãs era a peça central. Aglomerados de minúsculas e brilhantes uvas cascateavam pelos lados.

Mesmo no Hall, ele não via esse banquete desde antes do início da guerra. Mas não havia ninguém aqui, e nenhum som de ninguém na casa: nenhum tilintar distante de piano ou chocalho de utensílios de cozinha (embora em uma casa tão grande, é claro que ele não ouviria isso), nenhum passo se aproximando seu jantar, ou o mordomo veio para verificar a refeição uma última vez.

A sensação de frio que ele sentiu pela primeira vez na porta retornou, e desta vez não havia vento para colocar a culpa. Um fogo crepitava na lareira de canto. O quarto estava quentinho.

O pároco não acreditava em magia das fadas; ele se esforçou para quebrar o pessoal do campo em sua paróquia do hábito. Mas aqui: uma casa vazia, uma mesa tentadora, um preço a ser pago pelo andarilho desavisado que comeu até mesmo uma daquelas minúsculas uvas.

Um amargo medo ancestral cresceu dentro dele. Fazia meses desde que ele tinha comido carne assada, e ainda assim ele se viu recuando.

—Estou com medo. — disse o pároco, ainda se esforçando para falar com cortesia, para o caso de o ar não estar tão vazio quanto parecia. —Acho que devo me despedir deste lugar. Espero não ter causado problemas; Sinto muito.

Ele andou o mais rápido que pôde pelo caminho que tinha vindo. O salão pareceu alongar-se por muito mais tempo, e a sensação de estar sendo observado subiu e desceu pelas suas costas.



Mas ele chegou ao átrio da frente ileso, e descobriu que a chuva tinha sumido, e a lua brilhou através da janela em forma de leque acima da porta alta.

Passou tanto tempo assim?

—Eu acho que devo agradecer a você pela sua hospitalidade. — o pároco disse ao ar vazio. —E boa noite.

Seus dedos tremeram quando ele alcançou a maçaneta. Mas ficou facilmente sob sua mão e a porta se abriu silenciosamente.

Uma névoa suave e bela subiu do cascalho branco no crepúsculo ao luar, e enviou outro espinho supersticioso pelas costas do pároco. Ele nem sempre foi pároco. Ele lera inglês em Oxford, na juventude, e conhecia todas as velhas e estranhas histórias de Beowulf[3] e do rei Arthur; e comprou e leu com Rose todos os livros de contos de fadas de Andrew Lang.

—Uma boa história será boa para Rose. — ele disse - porque o som de sua voz o confortou - assim como o sólido guidão de metal de sua bicicleta. O povo das fadas, ele lembrou, não gosta de ferro frio. —Ela pode muito bem pensar que eu inventei tudo. — ele murmurou; pois já começou a parecer estranho para ele, enquanto se afastava. —Mas, mesmo assim, ela vai gostar.

A névoa subia alta e espessa, de modo que a roda da frente parecia desaparecer no nevoeiro. O pároco sentiu-se desconfortável quando olhou para ela, e ainda mais inquieto quando seu olhar caiu ainda mais e viu que não conseguia ver seus próprios pés carregados naquela névoa. Ele olhou apressadamente para longe.

E essa foi a sua ruína: pois seu olhar caiu sobre as rosas novamente.

---

[3] Conto sobre um cavaleiro chamado Beowulf que chega a corte do Rei Hrothgar e se oferece para combater um demônio chamado Grendel.

Parecia uma pena não cumprir sua promessa para a filha, quando havia tantas rosas aqui e ninguém para sentir falta delas.

O pároco apoiou a bicicleta na trilha de cascalho e atravessou a grama até as sebes de rosa ao longo do caminho. O luar só enriquecia suas cores aveludadas. Mesmo sob a luz prateada, as pétalas brilhavam vermelho-vinho.

O pároco segurava uma rosa vermelha em sua mão: uma flor tão vasta quanto uma peônia[4], suas pétalas macias como a pele de um bebê. Seu canivete estava sem lâmina adequada, e levou alguns minutos para serrar através do espesso caule espinhento. Seu polegar pegou e rasgou um dos espinhos, pingando sangue vermelho na grama verde abaixo.

Mas finalmente a faca venceu. O caule tinha sido cortado irregularmente, mas a rosa permanecia imaculada. O pároco levou-a ao nariz e fungou. Não cheirava tão doce quanto achava que deveria.

Mas, mesmo assim, ele a colocou carinhosamente em seu casaco de botão e deu um tapinha e voltou para o caminho, onde a névoa envolvia sua bicicleta. Apenas um guidom subia visível acima da grossa gaze branca de neblina.

Mas no momento em que o pároco pôs os pés no caminho, os portões de ferro se fecharam. Eles caíram juntos com um som terrível, e o pároco ficou congelado em surpresa e horror rastejante.

Também não se roubava as flores das fadas. Não se deve sangrar no chão das fadas.

---

4 



—Ladrão!— Gritou uma grande voz, e o pároco deu a volta, procurando a fonte. —Ladrão! Ladrão! Ladrão!

E então o pároco ficou coberto de vergonha. Ele poderia ter roubado uma flor, como um menino de escola? —Sinto muito. — disse ele. —Eu queria para minha filha; e suas rosas são tão perfeitas, não parei para pensar ...

—Sua filha!— Gritou a voz, e de repente o pároco viu a fonte. A voz vinha de cima, de uma geringonça voadora que parecia ter construído em forma de um enorme monstro mecânico.

O pároco recuou e voltou, e poderia ter corrido - mas sua bicicleta oculta pela névoa o traíra. Ele colidiu com a bicicleta e homem e bicicleta caíram juntos no caminho.

A grande coisa voadora voou para o caminho. Suas asas se agitaram na névoa e agitaram o cascalho, enviando uma onda de areia no rosto do pároco.

A coisa aterrissou ereta em seus próprios dois pés e dobrou as asas com elegância contra a sobrecasaca. O pároco pensou descontroladamente em espiões, ou instalações de testes secretos para estranhas novas armas voadoras: pois parecia que este homem usava asas nas costas, como Daedalus[5]. Sua cabeça tinha ficado monstruosa - *era uma máscara de gás?*

Mas a luz da lua caiu no rosto do homem, e o pároco viu com horror e fascínio que ele não usava máscara. Nem foi sua deformidade do tipo que muitos dos companheiros do pároco sofreram na última guerra. O gás usado na guerra podia comer narizes, olhos e rostos inteiros; mas não conseguiu alongar o rosto em um focinho de dragão escamoso.

[5] Personagem da mitologia grega conhecido por vários fatos incluindo a queda de Ícaro, onde Daedalus constrói asas com penas seguras com cera, ao atingir uma altura máxima a cera que mantem as penas juntas começa a derreter e Ícaro cai.

Nem deu asas a um homem. A criatura os havia dobrado tão bem quanto um pássaro, sem rigidez mecânica.

O fascínio do pároco quase superou seu terror. —O que você é?—Ele perguntou.

Um rugido de fogo soprou do focinho da criatura. As chamas não alcançaram o pároco, mas o calor explodiu contra ele como uma força, ressecou sua garganta e chamuscou suas bochechas, e prendeu-o ao chão.

O homem-dragão saltou para frente, as asas piscando para que bloqueassem o céu. Ele reuniu o pároco em seus braços e levou-o para o ar.



Capítulo 3

Eles pousaram no telhado da mansão. O dragão pousou o pároco nos ladrilhos úmidos escorregadios, e o pároco escorregou, e por um momento doentio pensou que poderia escorregar do telhado e cair para a morte - mas se conteve e sentou-se com dificuldade.

O dragão estava acima dele, suas asas abertas, um grande borrão negro contra o céu enluarado. Depois dobrou as asas e, com isso, parecia novamente um homem: um homem de constituição vigorosa, ombros largos e braços fortes, mas um homem mesmo assim.

O terror do pároco diminuiu. Levantou-se de pé, trêmulo, a perna latejando, mas pelo menos determinou que morreria em pé se isso acontecesse.

—Eu sinto muito por ter cortado sua rosa. — disse o pároco. — Eu vou pagar por isso, se você desejar. Mas por favor, senhor, deixe-me ir para casa para minha filha.

O dragão bufou. Pequenos cachos de chamas lambiam suas narinas. —O que eu preciso com alguns xelins[6]?— Ele perguntou, e

[6] O xelim era uma moeda divisionária usada antes da adoção de sistema decimal em 1971 no Reino Unido.

gesticulou para a extensão de suas terras. O jardim de rosas parecia ter crescido, por isso se estendia ao longe, e o portão de ferro fechado parecia apenas um brinquedo no final da longa estrada branca.

—O que você precisa de uma única rosa? Você tem um mar delas. — o pároco respondeu.

Outro bufo, outro lampejo de chamas. O fogo iluminou brevemente os olhos escuros daquele dragão, e o pároco viu que eles não eram olhos de serpente com pupilas rasgadas, nem olhos de animais de qualquer espécie, mas os olhos de um homem.

—Você acha que você é um Robin Hood de rosas?— O homem-dragão exigiu. —Eu proponho um comércio.

—Oh?

—Você concorda?— O dragão exigiu. Houve uma sugestão de um grunhido sob sua voz.

—Eu dificilmente posso concordar sem conhecer os termos. — disse o pároco agudamente.

—Muito bem. Você estava levando a rosa para sua filha, você diz?

O pároco desejou abruptamente que não tivesse mencionado Rose.

Ele não respondeu, mas o dragão não parecia precisar de uma resposta. Depois de uma ligeira pausa, ele continuou. —Eu vou libertar você se você enviá-la para mim para tomar o seu lugar.

—Impossível. — A voz do pároco era plana.



O dragão recuou. Suas garras clicaram no telhado de ardósia. —Mas é muito possível. — objetou ele. —E ela será feliz aqui, eu prometo. Aqui ela pode ter todas as rosas que ela poderia querer.

O pároco quase riu, foi tão absurdo. —Eu não acho que as rosas são tudo o que há para a felicidade. — disse ele.

—Mas ela vai ter tudo mais também. — o dragão objetou. — Muita comida, servos e lindos vestidos. Isso é tudo que uma mulher poderia querer. Não é?

—Há uma velha história. — disse o pároco. —Dos contos do rei Artur, que talvez você conheça - a história de Gawain e da senhora doentia.

O dragão bufou. Bolas de fogo gêmeas subiram de suas narinas. —Vá para a moral, pároco. —disse ele. —Eu odeio parábolas.

—Então, vou direto ao assunto e digo que o jeito da mulher é o que ela quer. E todas as rosas do mundo não compensarão a falta dela. — disse o pároco.

O dragão bateu com uma das patas com tanta força que quebrou uma telha. —Eu poderia jogá-lo fora deste telhado. — disse ele. —Você quer morrer aqui?

—Não. — disse o pároco. —Mas eu não queria morrer em uma trincheira durante a guerra, e ainda assim eu teria feito isso se chegasse a isso.

Houve outra pausa. Chamas piscaram no focinho do dragão novamente, acendendo faíscas profanas em seus olhos humanos marrons. —Mas isso é diferente. — disse ele. —Você não tinha outra escolha então.

—Nem eu agora. — disse o pároco.

O dragão rangeu os dentes. —Veja a razão!— Ele rugiu, e então se acalmou com um esforço. —Venha agora, para a razão. Envie sua filha e você pode ir livre.

—Estou sendo bastante razoável. — respondeu o pároco. —Eu não comprarei minha liberdade a esse preço.

O dragão deu um grito furioso que saiu acompanhado por uma gota de fogo. O fogo chegou ao céu, e as asas do dragão se abriram e bateram tão forte que derrubaram o pároco novamente. Ele teve que se mexer nas telhas para não escorregar. No momento em que ele estava novamente estável, o dragão estava muito distante, voando para longe como um grande morcego horrível.

—Eles terão a Defesa Civil atrás de você. — o pároco gritou, embora, sem dúvida, o dragão estivesse longe demais para ouvir. —Você pode muito bem colocar um sinal de alerta para os nazistas.— Ele imaginou os pilotos da Luftwaffe[7] correndo para o dragão no céu, e apesar de tudo deu um sorriso. —Se a Luftwaffe conseguir você, será o único bom trabalho que já fizeram. — ele chamou o dragão, embora o dragão já tivesse desaparecido na escuridão.

Uma chuva fina e fria começou a cair novamente. O pároco sentou-se dolorosamente. Poderia ser verão, mas com o tempo assim ele pode morrer de exposição aqui, ou pelo menos sentir um grande calafrio. Ele deve sair deste telhado.

Em seus dias mais jovens, o pároco e seu querido amigo Rupert Spiles gostavam de escalar os prédios de Oxford à noite, para que pudessem ficar sozinhos juntos na escuridão. Mas descer naquela pilha medonha estava totalmente fora de questão, com a perna do jeito que estava - e, de qualquer forma, uma monstruosidade paladiana como essa teria poucos pontos de apoio.

[7] Foi o ramo aéreo da Wehrmacht durante a Alemanha Nazi.



—Da próxima vez. — comentou o pároco, e seus dentes estavam começando a tagarelar: —da próxima vez eu vou ser sequestrado por um dragão com o bom gosto de ter uma mansão gótica.

Um relâmpago se espalhou pelo céu e iluminou o telhado por um segundo precioso - e então o pároco viu a claraboia, refletindo os raios com um brilho deslumbrante.

Uma janela.

Ele estava salvo.

Foi uma longa e cansada passagem pelo telhado até a janela. Muitas e muitas vezes ele se sentiu escorregando e agarrou-se aos ladrilhos escorregadios com os dedos dormentes, e suas mãos foram arranhadas e cortadas quando chegou à janela. Ele deixara de tremer: já não sentia o frio.

Ele bateu uma junta golpeada contra a vidraça. Não houve resposta.

O pároco deu um chute na bota de sola grossa através de um painel de vidro. Ele alcançou e abriu a janela, e caiu no quarto.

O chão era acetinado, tão bem polido quanto os andares abaixo. Não havia mofo aqui, nada daquele odor negligenciado que os quartos pouco usados assumiam: nenhum cheiro de ratos ou teias de aranha.

Um dragão muito arrumado ele deve ser, para manter todo o lugar tão limpo. —Ele deve. — disse o pároco, e começou a rir do jeito selvagem de alguém muito cansado deveria parecer. — Ele deve ter sequestrado um exército de servos.

O pároco se arrastou para longe da janela, da chuva cuspida. Ele sabia, com alguma parte distante de sua mente, que deveria continuar se movendo. O dragão voltaria para sua casa, certamente,

e poderia facilmente encontrar aquela janela quebrada, e encontrá-lo novamente. Mas ele foi totalmente gasto e a chuva tamborilou suavemente no telhado; e o pároco adormeceu.



Capítulo 4

Agora, nada em uma aldeia rural inglesa pode permanecer um segredo por muito tempo, certamente não o desaparecimento de seu pároco; e a notícia se espalhou por Lesser Innsley na mesma noite de seu desaparecimento. Sua filha Rose esperou por ele, lendo em uma velha poltrona favorita antes do fogo, enquanto a chuva batia suavemente no telhado, tentando não se preocupar. Certamente seu pai simplesmente procurara abrigo na chuva em um pub e não pensara em ligar.

Mas então a chuva parou e ele não veio. Rose continuou a ler e ele não veio; e ela terminou outro capítulo e ele não veio; e então se viu sentada com o livro fechado sobre o polegar, olhando fixamente para o fogo, embora não o estivesse vendo.

O relógio começou a atacar. Rose saltou de sua cadeira, como se o relógio a tivesse assustado assim que soltou o cuco do relógio; e vestiu o capuz e as galochas e fechou a porta atrás dela antes que o último golpe fosse anunciado.

A chuva passara, mas poças pontilhavam as estradas. Rose se adiantou independentemente, e a bainha da saia estava encharcada quando chegou ao Green Man.

Não era comum uma moça chegar ao Green Man tão tarde sozinha, e todos olhavam para ela com desconfiança - mas Rose, no meio de sua preocupação, não percebeu. —Bert. — disse ela para o barman. —Meu pai ligou?

De uma vez Bert estava todo preocupado. —Não, senhorita Harper, ele não fez. — disse ele. —Ele não voltou para casa?

Rose sacudiu a cabeça. —Eu estou preocupada ...— ela começou, e sumiu.

—Talvez a tempestade tenha derrubado as linhas telefônicas. —sugeriu Bert.

—Ou o ele foi embora. — um dos homens atirou, e ficou em silêncio quando todos os outros franziram o cenho para ele.

—Foi uma tempestade ruim, senhorita. — disse Jem Thatcher. —Mesmo os alemães não estariam lá fora, eu não duvido.

—Não são os alemães que eu estou preocupada. — disse Rose. —É a perna dele. Ele levou a bicicleta até a cidade do condado e temo que ele ... possa ter se cansado. — ela concluiu, sem graça, embora esse fosse o menor dos seus medos. Ela temia uma queda ou um colapso; ela temia que ele pudesse estar deitado encharcado na estrada em algum lugar, incapaz de ficar de pé.

—Não se preocupe, senhorita. — disse Bert. —Assim como provavelmente ele parou em uma casa de fazenda que não está no 'telefone'. —Ele fez uma pausa, com o queixo eriçado em sua mão, e pensou; e disse, desculpando-se. —É só que não podemos acenar luzes ao redor, senhorita. Nós estaríamos procurando por ele, mas não queremos sinalizar a Luftwaffe agora. Seu pai não iria querer isso.



—Ainda assim e tudo. — disse Jem Thatcher. —Não há lua o suficiente para que pudéssemos olhar, não poderíamos? Apenas sobre a cidade, caso ele esteja perto de casa.

Olhe eles fizeram, naquela noite. No dia seguinte, também, eles olharam e contataram as aldeias ao redor para que eles olhassem também. No final do dia, parecia que todas as estradas entre a aldeia e a cidade do condado haviam sido revistadas, e nenhum sinal do pároco ou de sua bicicleta fora encontrado.

E a licença de Rose chegou ao fim: ela deveria pegar o último trem de volta. Ela se sentou na plataforma da estação, o rosto muito pálido e as costas muito retas, ambas as mãos segurando o cabo de um velho saco de carpete que havia sido da mãe dela, há muito tempo.

A professora da escola da aldeia, a Srta. Clarence, sentou-se ao lado dela, e eles não falaram até saberem que o trem estava chegando. Não mostrava nenhum farol, mas eles podiam sentir sua aproximação antes de ouvir as rodas batendo nos trilhos.

—Seu pai gostaria que você fosse. — disse Clarence. Ela tinha sido a professora de Rose, quando Rose era uma garotinha, e ela pensou como ela olhava para ela que ela não tinha visto a criança parecer tão enlameada e desleixada desde o seu retorno à escola após a morte de sua mãe. Uma criança que sorria tinha sido substituída por uma elfa silenciosa, assim como uma jovem brilhante tinha sido substituída por uma estátua. —Ele estava muito orgulhoso de você por se juntar.

Rose respirou fundo - poderia ter sido o primeiro fôlego que ela tomara desde que eles tinham vindo à delegacia, pois tudo que a Srta. Clarence tinha visto - e se levantou, com a brusquidão de uma marionete puxada a seus pés.

Mas seu rosto suavizou quando ela se virou para a senhorita Clarence. —Você vai entrar em contato comigo - no minuto em que encontrar alguma coisa. — ela disse, com uma meia ordem e meio pedido. —Você não vai tentar me poupar?

A Srta. Clarence conseguiu arrancar uma das mãos de Rose da alça da mochila e a segurou nas duas. —Nós não vamos poupá-la. — disse ela. —Eu mesmo enviarei o telegrama, no momento em que tivermos notícias.

O trem entrou na estação. Cortinas de blecaute cobriam suas janelas, e foi surpreendente quando o condutor abriu a porta, e a luz se derramou daquele vagão aparentemente escuro.

A luz silhueta Rose por um momento, quando ela deu o condutor a sua passagem. Então a porta se fechou e o trem saiu da estação. Ele se fundiu no crepúsculo escuro. O barulho de suas rodas nos trilhos se desvaneceu e foi substituído pelo canto dos pássaros da noite; e finalmente, até o estrondo da passagem do trem desapareceu do chão e o trem sumiu.



Capítulo 5

Quando o pároco acordou, ele estava quente.

Ele estava quente e envolto em suavidade, e quando ele abriu os olhos, descobriu que era de manhã, e a luz do sol entrava por uma janela alta e se deitava em quadrados macios sobre a colcha da cama de quatro colunas onde ele estava deitado.

Ele ficou muito quieto e tentou lembrar onde estava e como chegara lá, e não conseguiu; e, num frenesi de preocupação, ele jogou as cobertas para trás e se levantou.

A cabeça dele nadou e a perna ruim quase cedeu, mas ele segurou a cabeceira da cama e se levantou. Sua visão clareou, e ele pôde ver através da janela, que mostrava uma vista interminável de altas sebes de rosas florescentes, e uma fina faixa branca de cascalho indo até um distante portão preto distante.

Ele sentou-se na cama. O rascunho beliscou suas pernas, e ele olhou para baixo e viu que alguém o vestira com uma camisola antiquada, como uma ilustração de Dickens.

Ele ainda estava no covil do dragão. E alguém o trouxe para este quarto e o tirou de suas roupas molhadas. O pároco não podia imaginar o dragão fazendo isso. Ele tinha servos depois de tudo? Uma falange de garotas raptadas, talvez.

Só então, uma batida firme soou na porta.

O coração do pároco deu um pulo. —Olá?— Ele chamou, esperança subindo em seu peito. Talvez este fosse um servo, afinal de contas. Talvez finalmente tudo fosse explicado.

Mas a porta não se abriu e, em vez disso, o criado falou através dela, a voz abafada pela madeira grossa. —O mestre deseja vê-lo para o café da manhã. — disse ela.

—Quem é o seu mestre?— Perguntou o pároco. —Qual é o nome dele? Você pode me dizer onde estou?

—Suas roupas estão na cadeira. — disse a voz. E então houve um farfalhar de pano e recuou passos. O pároco deu um soco frustrado no colchão.

Bem, não havia nada para isso a não ser tomar o café da manhã com o dragão - e esperar que o dragão não tivesse a intenção dele para o prato principal.

Suas roupas estavam limpas e secas e pressionadas. O pároco as colocou e foi até a porta, que abriu suavemente, e olhou para cima e para baixo do longo corredor - e percebeu que não tinha ideia de que caminho seguir. Sua perna ainda doía e ele não gostava da ideia de procurar por toda a casa para a sala de jantar; mas menos ainda ele queria perder a chance de raciocinar com o dragão.

E, quando ele olhou para o corredor novamente, viu que à direita, as velas estavam acesas em candelabros espaçados ao longo da parede. *Eles não haviam sido acesos antes*, ele pensou.

Ele balançou a cabeça e desapareceu pelo corredor, seguindo as velas, como se pudesse seguir um fogo-fátuo através de um pântano. Ele esperava que eles o levassem a um fim melhor do que os aventureiros estavam acostumados a fazer.



As velas levaram-no por uma escada em espiral e um amplo salão. Ele ainda estava fraco e a caminhada o cansava tanto que ele não podia nem se preocupar com o encontro com o dragão; e ficou aliviado quando finalmente chegou a uma sala de jantar. Era menor do que a caverna que vira em sua primeira noite naquele lugar, com a refeição em pratos fritos em um aparador ao longo da parede, e a mesa posta para dois, com uma cadeira almofadada de um lado e um banquinho no chão do outro.

O pároco bufou. O dragão pretendia colocá-lo em seu lugar, parecia.

O dragão virou-se - e foi só então que o pároco o viu, pois estivera parado nas sombras junto à janela brilhante.

—Bom dia. — disse o dragão, avançando para que a luz brilhasse em seu rosto. Ele estava tentando sorrir, pensou o pároco, mas a expressão parecia estranha em seu focinho reptiliano.

O pároco não sorriu de volta. O dragão enfiou os polegares com garras nos bolsos do colete de brocado. —Meus funcionários dizem que eu me aproximei mal disso. — ele disse.

—Um sequestro geralmente é uma abordagem pobre. — concordou o pároco.

A tentativa de sorriso saiu do rosto do dragão. Seus dentes estalaram juntos e o babado escamoso em volta do pescoço se ergueu. Depois, alisou de novo, como se por força de vontade, e aquele sorriso estranho voltou. —Você vai entender uma vez que eu explico. — disse ele, e apontou para os pratos de atrito com uma mão com garras. —Mas primeiro, vamos comer. Você deve estar com muita fome.

Não adiantava discutir com a nobreza e, de fato, o pároco se viu faminto com o cheiro da comida. Era um café da manhã inglês que ele não via desde o início da guerra: bacon e peixe defumado, tomates grelhados, fatias grossas de presunto e fatias mais grossas de torrada, e toda a manteiga que alguém pudesse desejar. Nenhum racionamento, ao que parece, no país das fadas.

Este pensamento prendeu o pároco, mesmo quando ele pegou um prato de porcelana. —Você vai me desculpar. — disse ele. —Mas isso não é comida de fada? Não vou deixar este lugar e descobrir que vinte e quatro anos se passaram da noite para o dia se eu comer?

O dragão já enchera o prato e sentou-se no banquinho; e o pároco viu que deveria acomodar suas asas. Era difícil ler aquele rosto reptiliano, mas os ombros do dragão se ergueram como se estivessem assustados. —Não. — disse o dragão. —Isso não é parte do encanto neste lugar.

Então o pároco empilhou o prato e pegou a cadeira. O brinde rangeu entre os dentes, o gosto da manteiga enchendo sua boca e, depois de meses cansados de margarina, quase chorou com o gosto.

—Mas. — disse o dragão. Havia uma ansiedade reprimida em sua voz. —Você está certo em suspeitar de magia aqui. Eu estou debaixo de uma maldição.

—Uma maldição?— Disse o pároco, e tentou reprimir sua própria ânsia: *finalmente, uma explicação*.

O dragão assentiu. Ele empilhou o prato com peixe fumado e engoliu-os inteiros, sem mastigar, inclinando a cabeça para trás, de modo que desceram por sua garganta - e o pároco se perguntou com que frequência ele comia; se, como uma cobra, ele pudesse fazer uma refeição em um mês e descansar satisfeito com isso, ou se ainda precisasse comer tanto quanto qualquer criatura de sangue quente.



O dragão comeu três arenques, engolindo devagar, e o pároco achou que estava saboreando o suspense. Essa impressão ficou mais forte quando o dragão lavou o peixe com a boca cheia de chá, que ele bebeu da elegante porcelana Spode, com uma garra presa no cabo.

—Quase cem anos atrás. — disse ele. —Uma feiticeira lançou uma maldição sobre mim e toda a minha casa. Preciso aprender a amar, ela disse, e ser amado em troca, ou então a maldição nos prenderia para sempre. —Ele olhou fixamente para o pároco. —O prazo da feiticeira está se aproximando. Se eu não quebrar a maldição, eu e todo o meu povo ficaremos presos assim - para sempre. Então você vê porque eu devo ter sua filha.

O pároco não foi edificado. —Você está fazendo tudo errado. — disse ele. Ele falou com alguma aspereza - mais do que ele teria se permitido se estivesse falando com um de seus paroquianos; mas nenhum de seus paroquianos o havia sequestrado. —Não é assim que você aprende a amar, de maneira alguma. O amor é paciente, o amor é gentil. Não inveja, não se orgulha, não é orgulhoso. Não desonra os outros, não rapta ...

—Você está citando erroneamente. — o dragão interrompeu. — Paul não diz nada sobre sequestro.

—Então você conhece seus primeiros coríntios, afinal. — disse o pároco. O dragão olhou com raiva e o pároco agarrou a mesa e continuou. —Eu estou parafraseando. Acredito que a injunção contra o sequestro está implicada em todo o resto.

—Se você conhece a sua Bíblia tão bem. — disse o dragão. — Então você sabe que a Bíblia lhe diz para não roubar.

—Peço desculpas. —,disse o pároco com firmeza. —Eu disse a você que vou pagar pela flor.

—E eu lhe contei o pagamento que eu desejo!— O dragão rugiu.

—Então estamos em um impasse. — disse o pároco. —Pois minha filha não é minha para oferecer.

O dragão meditou. —Ela está noiva?

—Ela está muito empenhada. — disse o pároco gravemente, pois era verdade, à sua maneira: Rose estava muito engajada no trabalho de guerra, em seus estudos, em muitas coisas que não envolviam atender aos humores de uma pessoa. Dragão.

O dragão caiu de volta em seu assento e pressionou as mãos sobre os olhos. Aquelas mãos ainda pareciam bastante humanas - exceto que elas estavam com garras. —Estou condenado. — disse ele.

A atitude era tão parecida com algo de um melodrama pobre que o pároco teria rido, se sua memória das explosões de fogo do dragão não o contivesse. Em vez disso, ele tomou o café da manhã (e ficou feliz ao descobrir que esfriara, como comida normal, em vez de ficar sempre quente), e esperou que o dragão levantasse a cabeça.

O dragão não fez. O pároco sentiu uma falta de vontade de pena. —Venha agora. — disse ele. —Não é tão ruim assim.

—É. — disse o dragão. Sua voz tinha o som abafado e quebrado de alguém falando através das lágrimas. —Eu tenho cem anos para quebrar a maldição; e esses cem anos terminarão em outubro.

—Bem. — disse o pároco. —Você simplesmente está indo mal a tudo isso, só isso. A maldição diz que você deve aprender a amar e ser amado, não é? Essas são as únicas condições?

O dragão assentiu com a cabeça ainda enterrada em suas mãos.



O pároco quebrou um pedaço de um rolo e passou manteiga nele. —Então eu sugiro que você pegue um filhote. — disse ele.

O dragão levantou a cabeça novamente. —Um cachorrinho!— Ele rosnou, indignado. —A maldição não diz nada sobre um filhote de cachorro.

—Não diz nada sobre uma donzela também. — o pároco se juntou novamente. —Não vejo razão para não experimentar um filhote. Se você alimentá-lo e brincar com ele, ele vai amá-lo dentro de uma semana, e os filhotes são muito fáceis de amar em troca, eu acho. Eu vi homens quebrados pela guerra juntos novamente por um bom cão. —De fato, a reunião do pároco com seu próprio cão irlandês foi uma grande ajuda para ele depois que ele voltou para casa ferido do Somme. —Eles podem trazer pessoas que estão quase mortas de tristeza de volta à vida.

O dragão olhou para ele. Apesar de todos os seus anos de experiência em ler rostos, o pároco achou difícil ler a expressão no focinho do dragão. Desdém, talvez, ou horror. Certamente ele não ficou satisfeito.

O coração do pároco bateu forte. Ele quebrou outro pedaço do pão e passou manteiga na torrada também, com sua melhor aparência de indiferença. —No mínimo, um filhote de cachorro lhe dará algo para fazer além de lamentar.

O dragão se arrepiou - não no sentido metafórico que um humano poderia eriçar, mas num verdadeiro arrepio de um babado escamoso no pescoço. —Eu não sento e luto o dia todo. — ele disse indignado.

—Perdoe-me. — o pároco disse suavemente. —É você, então, quem mantém a casa e os jardins em tal ordem impecável e cozinha estas deliciosas refeições?

O dragão bufou. —Eu tenho servos para isso. — disse ele, sua boca curvando-se com desdém.

—Garotas que você sequestrou?

—Não. — disse o dragão. Ele parecia ferido. —É isso que você pensa de mim?

—É claro. — respondeu o pároco.

O dragão tentou responder, e não conseguiu, e clicou os dentes juntos e voltou para seus arenques.

—Eu não vi os servos. — acrescentou o pároco.

—Você não faria isso. Eles ficam fora de vista para forasteiros. — disse o dragão.

—Eles são dragões como você?— Perguntou o pároco.

O dragão bufou. —Eles não são como eu.

E ele não seria mais extenso sobre o assunto. O pároco não tentou muito. Ele se sentiu cansado de novo, como um brinquedo mecânico, e queria descansar.

Ele não tinha certeza de como se despedir - se deveria pedir desculpas ou limpar os pratos. Por fim, ele disse. —Acho que ainda estou fraco devido à minha recente indisposição. Espero que não se importe se eu for embora para descansar.

O dragão acenou com a mão em garras. Ele estava de cenho franzido para seus arenques, seus ombros largos curvados para dentro e toda a sua atitude ainda tão cheia de tristeza que era quase engraçado.

E, no entanto, também tocou o pároco, e contra a vontade dele, ele ficou na mesa um pouco mais. —Qual é o seu nome?— Ele perguntou.



O dragão levantou a cabeça. —Os serventes me chamam de mestre. — disse ele. —As meninas me chamaram de besta.

—As meninas?— O pároco disse bruscamente.

—Eles foram embora. — disse o dragão. —Nenhuma delas poderia me amar.— Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente. — Você deveria ir também. — disse ele. —Você foi minha última esperança, mas você é inútil para mim.

O coração do pároco bateu com esperança e medo. É claro que ele gostaria de ir para casa: mas se o dragão o expulsasse agora mesmo, ele não achava que conseguiria sair do portão da propriedade. —Se você me emprestasse o uso de sua carruagem. — disse o pároco. — E me levasse para a cidade mais próxima, ficaria feliz em deixá-lo em paz.

O dragão balançou a cabeça. —A menos que carruagens sem motorista tenham se tornado comuns. — ele disse —Como ouço carruagens sem cavalos - não funcionam. É impossível.

—Então, tenho medo de parar aqui até me recuperar.

A mandíbula do dragão se apertou. Ele rosnou, e o som foi mais assustador porque o pároco não achou que fosse consciente. — Faça como quiser. — o dragão rosnou, e ele saiu, suas asas arrastando atrás dele como um manto de ópera negro.

O pároco sentou-se um pouco mais, esperando que suas forças voltassem. Ocorreu-lhe que, se esperasse tempo suficiente, um dos criados certamente teria que limpar o desjejum, e esse poderia ser outro mistério resolvido.

E talvez um tenha feito. Mas seu esgotamento levou a melhor sobre ele antes que acontecesse, e ele adormeceu com a cabeça apoiada em seus braços sobre a mesa brilhante, e acordou ao

descobrir que alguém havia colocado um travesseiro sob seus braços e um cobertor em volta de seus ombros, tão gentilmente que ele não se mexeu ao toque.



Capítulo 6

Esse pequeno mistério do travesseiro e do cobertor oferecia uma agradável distração da questão mais inquietante da maldição. O pároco não podia imaginar que o dragão tivesse uma mão nele (ou, por assim dizer, uma garra): isso exigiria uma consideração que lhe parecia bastante estranha.

Deve ser os servos, então. E deve ter sido aqueles servos gentis invisíveis que o haviam encontrado no antigo quarto do criado, e o levaram para o calor, e provavelmente o salvaram da pneumonia.

Ele deve agradecer-lhes. E, mais, ele deve falar com eles: os servos sempre sabiam de tudo e poderiam, sem dúvida, lançar mais luz sobre a questão dessa maldição.

—Eu não suponho. — disse ele. —Que você está em algum lugar, seus servos? Eu gostaria muito de te agradecer.

O pároco ouviu, esperançoso, mas é claro que só houve silêncio. Ele suspirou.

Ele poderia simplesmente esperar até que os criados viessem encontrá-lo novamente. Mas não sentia vontade de esperar e, de qualquer forma, não havia necessidade: sempre se podia encontrar criados na cozinha de uma grande casa.

Muito antes de o pároco encontrar a cozinha, ele podia ouvir e cheirar: o tilintar de panelas, o cheiro úmido de água fervente, a gargalhada deliciada de uma garota. Quando o pároco chegou mais perto, ele também pôde ouvir as palavras e parou no corredor para o caso de ouvir algo importante em escutar.

Mas eles não estavam discutindo nem a si mesmo nem sua maldição, mas discutindo com risos de bom humor. — Não há nenhuma chamada para comer todos eles, minha garota. — disse uma mulher acidamente.

—Oh, mas existe! Eles são tão bons! — Gritou uma menina em resposta, e o pároco reconheceu a voz da garota que batera à sua porta naquela manhã. Houve um som como um tapa, e o pároco imaginou uma cozinheira golpeando a mão de uma jovem garota enquanto ela pegava um doce delicioso.

Tão vívida era a ideia de que parecia muito estranho vir até a porta e não ver ninguém, embora uma pequena torta de groselha pairasse no ar. Permaneceu ali, congelado, no súbito silêncio que saudou a chegada do pároco; e então se moveu para o lado de repente, como se fosse agarrado (uma exclamação rapidamente abafada apoiou o pároco nessa suposição) e se tornou metade de uma torta de groselha, e então desapareceu completamente.

E então a sala ficou em silêncio. Uma panela fervia no fogão e a fumaça subia, e, quando ninguém a salvou, o pastor correu na direção dela e enrolou um pano de prato em volta da mão para removê-lo do calor. —Você não precisa se calar por minha conta. — o pároco disse suavemente. —Eu sei que você está aqui. Essa invisibilidade - é parte da maldição que seu mestre mencionou, não é?



Alguns momentos excruciantes de silêncio absoluto passaram. O pároco puxou uma cadeira na mesa da cozinha, principalmente porque sua perna doía. Mas talvez a sensação de que ele se sentisse fácil o suficiente tenha algum efeito sobre os criados: depois que ele se sentou, ouviu-se um som como uma exalação, e então a voz de uma mulher disse: — Então o mestre falou sobre isso. Nós dissemos a ele que ele deveria. Isso torna tudo mais fácil.

O pároco inclinou a cabeça na direção da voz, que parecia vir do lado do fogão. —Vocês são aqueles que me trouxeram para o quarto, não são? Eu devo agradecer a você.

—Nós dificilmente poderíamos deixá-lo lá em cima como um gato molhado.— Esta era uma voz mais profunda, masculina. —Eu aprendi minha lição, se o Sr. Briarley não tiver.

—Tivemos uma lição mais fácil de aprender, talvez. — respondeu a mulher.

—Não há nada tão difícil em aprender a não deixar seus convidados se afogarem na chuva. — disse a garota.

O pároco limpou a garganta. —Se eu posso perguntar, a quem tenho a honra de falar?

—Sra. Price. —ela disse. —Eu sou a cozinheira. E nós temos Annie aqui, assim como a menina do leite.

Um feixe de cenouras levantou-se da mesa e acenou alegremente para o pároco. —É bom ver você tão bem. — disse a voz da garota.

—Tenho o prazer de conhecê-la. — disse ele, olhando para algum ponto à esquerda das cenouras, na esperança de que fosse o rosto de Annie. Ele não achou que fosse bem sucedido; ela riu, não indelicadamente.

—Não vá rir da tentativa dele, Annie. — disse a sra. Price.

—Sim senhora. — disse Annie, não muito envergonhada; e ela continuou imediatamente. —E Hugh também está aqui, que foi o segundo lacaio.

—Como vai você? — disse a voz mais profunda, e o pároco, que não soube dizer de onde veio, curvou-se gravemente para o quarto.

—Estou bem o suficiente. — disse o pároco. —Graças aos seus cuidados. Mas cheio de perguntas sobre este lugar, como você pode imaginar, e eu não queria despertar memórias dolorosas em seu mestre perguntando a ele. Embora talvez seja doloroso para você também; parece muito difícil para você ser amaldiçoado quando foi seu mestre quem desgostou a feiticeira.

—Oh não, senhor. — disse a Sra. Price. O pároco achava que essa era a cortesia de um criado que desejava manter seu lugar, dando uma boa cara a ele perante a nobreza; mas ela continuou. — Todos nós a expulsamos também, veja. Ela parou primeiro na leiteria, para pedir um pouco de soro a Annie; e quando Annie disse que não, ela veio até a cozinha para pedir um pouco de pão e um canto quente perto do fogão para dormir, só eu fechei a porta na cara dela. Muito ocupada com os preparativos para a festa para ter pena de uma das criaturas de Deus. É como a história de Sodoma e Gomorra, é. — disse a sra. Price, quase sonhadora. —O Senhor prometeu poupar a cidade se Abraão pudesse encontrar dez bons homens nela, mas ele não poderia; não mais do que o anjo poderia encontrar uma única boa alma entre nós.

— A feiticeira, senhora Price. — disse Annie. —Eu não acho que os anjos vão amaldiçoar as pessoas.



—Bem, e quem pensava que as feiticeiras andavam na terra, hoje em dia?— Perguntou a sra. Price. —É tão provável quanto o outro, não é?

—Fui o último a vê-la. — disse Hugh, interrompendo gentilmente uma discussão que soava como se tivesse sido ensaiada muitas vezes no século passado. —O mestre me pediu para jogá-la para fora do portão, depois que ela interrompeu sua festa de aniversário. Ela entrou pela porta da frente, como se ela fosse de qualidade, quando ela era apenas uma bruxa velha e esfarrapada. Qualquer um poderia jogá-la fora.

A sra. Price bufou.

—Bem, eles teriam. — disse Hugh teimosamente. —Ele riu dela e me disse para jogá-la fora, e ela gritou aquela maldição enquanto eu a arrastava para fora do quarto. “Você vai pagar por isso.” disse ela. “Uma maldição de cem anos sobre você.” disse ela. “Você aprenderá a amar e ser amado, ou será tão feio quanto seu próprio coração - para sempre.” —Eu tinha um pouco de pão no bolso - acrescentou ele. — Talvez se eu tivesse dado a ela, poderíamos ter sido poupados de tudo isso.

—Não seja bobo. — disse a sra. Price. —Talvez ela tivesse poupado você, mas o resto de nós estava condenado até então, sem dúvida. Os sinos estavam praticamente tocando à meia-noite quando você a colocou fora do portão.

—Os sinos?— Perguntou o pároco. Ele não ouvira sinos neste lugar.

—Os sinos da igreja, que não foram ouvidos aqui desde então, por causa de um lugar amaldiçoado e Deus virou as costas. — disse a Sra. Price tristemente.

—Ele nunca faria isso. — disse Annie com firmeza. —Eu não acho que Deus viraria as costas para mais lugar algum, Sra. Price. Essa foi sua promessa a Noé com o arco-íris.

—E quando foi à última vez que você viu um arco-íris por aqui?— Perguntou a sra. Price.

—De qualquer forma. — disse Hugh - a pressa em sua voz sugeria que ele estava interrompendo outro argumento de longa data. —A maldição veio ao amanhecer no dia seguinte. As últimas carruagens tinham acabado de sair, e a maioria de nós servos foi para a cama, e então eu ouvi o mestre gritar. E quando fui até ele, encontrei-o exatamente como ele está agora.

—Parecendo o Satã que está na janela da igreja em Briarfield. — acrescentou a sra. Price.

—E o monte de nós invisível. — disse Hugh. —E é assim que estamos desde então.

Um pequeno silêncio triste seguiu-se. Finalmente o pároco quebrou. —Vocês três estão gerenciando esse grande lugar por conta própria?

—Não, amor. — disse a sra. Price. —A casa corre sozinha, principalmente. Mantém-se limpa e mata as ervas daninhas do jardim, e organiza um banquete todas as noites, assim como foi no último dia.

—Também fez seu café da manhã, o que não acontece normalmente. — acrescentou Annie.

—Talvez a casa esteja tão cansada disso tudo quanto nós. — disse Hugh. Sua voz soou pesada. —Quanto tempo nos resta? A maldição foi lançada em toda a véspera de Hallow em 1840.

—É agosto de 1940. — disse o pároco.



Um copo de porcelana caiu e quebrou. —Não pode ser cem anos já!— Annie chorou.

—Annie!— A sra. Price repreendeu.

—Bem, e nós tentamos tanto! E é tudo por nada, e o diabo vai sair da grade no jardim e arrastar todos nós para o inferno! —Annie gritou. —E tudo por sua conta, por que não enviaria para você filha.

O pároco não teve tempo de formular uma resposta antes que a senhora Price se aproximasse de Annie. —Oh, como se qualquer uma das outras garotas tivesse feito algum bem!— Exclamou a sra. Price. —O mestre também afundou em sua miséria para notar Maria Madalena se ela aparecesse e se oferecesse a ele, e isso é um fato.

—Tem havido outras garotas?— Perguntou o pároco. Qualquer coisa para levar a conversa para longe de Rose.

—Claro e nós tentamos. — disse a Sra. Price. —A primeira coisa que fizemos foi enviar convites para todos os moradores do antigo condado que costumavam visitar.

—E o mestre se escondeu nas masmorras e não viu ninguém. — disse Annie. Sua voz soou sufocada pelas lágrimas. —Se ele tivesse deixado a Srta. Pryor vê-lo, ela poderia ter chorado com ele e alisado o cabelo dele, e todos nós teríamos sido salvos, simples assim, mas não! Ah, não ele!

—E é o seu lugar para criticar o mestre, Annie?— Perguntou a sra. Price.

—Não pode ser uma crítica afirmar os fatos. — insistiu Annie.

—De qualquer forma. — interveio Hugh. — Nenhuma delas permaneceu por muito tempo, embora tivéssemos disposto uma linda colação e tudo mais. Certamente ninguém foi procurar nas masmorras. E ele só teria saído pelo caminho de volta, se tivessem.

—Uma vez que desistimos, enviei anúncios para uma governanta. — disse Annie. —Eu tirei a idéia de Jane Eyre.

—Mas a maioria das meninas saiu depois de alguns dias. — disse a sra. Price. —Cheiravam a mentira, elas fizeram, e quem poderia culpá-las? Fazendo barulho em torno desta grande casa vazia como ervilhas, e nenhum sinal de uma criança para cuidar.

—Então ele não estava ameaçando tirar as pessoas do telhado?— Perguntou o pároco secamente.

—Ele disse?— Disse a sra. Price. Ela parecia chocada, e houve uma longa pausa, e então ela disse apressadamente. —É só porque o fim está tão perto, amor. Eu suponho que o mestre está ficando desesperado. Se ele conheceu mais das meninas mais cedo ... — Então ela parou, percebendo, talvez, que isso estava se aproximando perigosamente de críticas. —Ele não suportava ser visto. — disse ela, como se estivesse em desculpa. —Mesmo por nós, mesmo por anos.

—Ele foi tão vaidoso antes da transformação. — disse Annie ao pároco. —Ele tinha o cabelo dourado mais lindo, como os de uma garota e belos ombros largos - e tudo se voltou contra ele depois. Ele costumava passar pela casa e quebrar todos os espelhos, só de manhã eles sempre eram bons como novos, e ele não podia suportar ninguém para olhar para ele, nem veria a maioria das garotas que nós trouxemos. Oh! —Ela engasgou, e então gritou. — Ele poderia ter quebrado a maldição anos atrás! Estamos todos condenados como condenados por conta dele!

—Annie!— Sra. Price disse bruscamente.

—Oh, você não vai boxear meus ouvidos!— Annie chorou. Um banquinho caiu. Algo bateu contra o pároco; e atrás dele, uma porta se abriu e depois bateu. Annie saiu correndo da cozinha.



Outro longo silêncio se seguiu. A porta abriu e fechou novamente, muito suavemente, e o pároco achou que Annie deveria ter voltado; mas ela não falou, e então o pároco pensou que talvez Hugh tivesse ido atrás dela.

A chaleira assobiou. Ele subiu no ar e correntes de água fumegantes foram derramadas em duas xícaras de chá sólidas. A chaleira ressoou no fogão novamente, e a sra. Price disse. — Mesmo se você tivesse cem filhas que estivesse disposto a nos enviar, não vejo como isso ajudaria. O mestre está assim, não vejo como ele pode aprender a amar quando sai tão tarde. Ele falhou de novo e de novo, abençoe sua alma. Você também pode sair enquanto puder.

—Oh. — disse o pároco - e descobriu, com grande surpresa, que ele não queria ir. —Parece-me. — disse ele lentamente. —Que fui chamado aqui para ajudá-los.

—Adapte-se a si mesmo. — disse a sra. Price, não com indelicadeza. Uma das xícaras de chá ergueu-se no ar, e atravessou a sala até ele, e ele sentiu o leve farfalhar de suas saias contra a perna da calça - o que era uma coisa estranha de se sentir de fato, quando não havia ninguém para ver. —Você não pode piorar as coisas, abençoado seja você. Só é melhor você sair antes que a maldição termine.

—Você sabe o que vai acontecer então?— Perguntou o pároco. —Ela disse?

—Ela não era assim. — disse a sra. Price, e soltou um suspiro silencioso. Uma porta do forno se abriu e uma panela de scones flutuou e pousou suavemente em um balcão. —Mas ela disse que nossos corações são de pedra; e é minha convicção que nos transformaremos em pedra quando o tempo acabar. Ou talvez pilares de sal.

A segunda xícara de chá, que ainda estava no balcão, levantou-se de seu lugar. Inclinou-se e o líquido pareceu elevar-se e elevar-se acima do rebordo da taça, por isso deveria ter caído; mas deve ter entrado na boca invisível da Sra. Price. Ela largou a xícara fumegante. —Eu me pergunto. — ela murmurou. —Se ficaremos visíveis, então.



Capítulo 7

O dragão convocou o pároco para o café da manhã na manhã seguinte - ou pelo menos Annie disse que ele tinha; o pároco tinha alguma suspeita de que a garota o tivesse atormentado.

Certamente ele não prestou atenção ao pároco enquanto tomavam o café da manhã juntos, mas engoliu o salmão defumado com uma expressão abstrata. Isso lembrou o pároco em vez do café da manhã de sua infância, quando seu pai estava sentado com o jornal erguido como um escudo entre ele e seus filhos.

O pároco suspeitou que seu pai não poderia ter conseguido amor suficiente para desencantar sua modesta casa no terraço, se alguma vez tivesse caído sob um feitiço - e ele certamente não teria nenhuma bruxa disfarçada de mendiga explodindo em jantares de aniversário, então talvez fosse apenas sorte que o salvou.

—Você pega o jornal?— Perguntou o pároco.

—Um jornal?— O dragão piscou para o pároco como se tivesse esquecido que estava ali. —Por que deveríamos? Estamos totalmente afastados do mundo.

—Não totalmente. — objetou o pároco. —Eu entrei. A guerra em si pode chegar até você, no final.

—A guerra?— o dragão disse: e o pároco percebeu, incompreensível, que eles ainda não sabiam da guerra aqui. —Os franceses estão prontos para invadir?

—Os franceses!— Gritou o pároco; e então lembrou que, em 1840, quando a casa havia sido pega no tempo como uma mosca no âmbar, a guerra mais recente teria sido a napoleônica.

—Não. — disse o pároco. —Com a Alemanha. Esperamos que não haja invasão de terras, mas eles estão lançando bombas de aviões.

Um longo silêncio seguiu essa explicação: e o pároco percebeu que devia ser um bom negócio para um homem de 1840 aceitar. —Os prussianos conquistaram o restante dos estados alemães. — explicou o pároco. —E agora eles estão tentando conquistar o resto da Europa.

—Soltando bombas de aviões. — disse o dragão. Ele parecia atordoado.

—Um avião... — o pároco começou a explicar.

—Eu sei o que é um avião. — o dragão estalou. —Eu os vi quando estou voando.

—Se você topar com um com uma suástica na cauda... — o pároco retornou. —Você pode nos fazer um favor a todos e derrubá-lo. Eles estão lançando bombas em Londres. O governo está



planejando enviar as crianças para o interior do país para mantê-las seguras. Um orfanato inteiro caberia neste lugar.

Foi apenas um pensamento ocioso quando ele disse isso, e ainda assim, cristalizou-se em um plano. O dragão viu e recuou, o folho no pescoço subindo.

—Um orfanato!— Gritou o dragão.

—As crianças podem ser ainda mais eficazes contra sua maldição do que um filhote. — disse o pároco. —Eles podem derreter os corações mais difíceis. Olhe para Eppie em Silas Marner... —Isso certamente tinha sido publicado muito depois de 1840.— Ou Timinho em Uma Conto de Natal?

O dragão também não pareceu reconhecer essa referência. Ele pareceu chocado. —Impossível. — disse ele. —Como poderíamos deixar estranhos neste lugar, quando somos todos - como somos? Você me baniria para os sótãos? Devo me esgueirar pelo telhado no escuro da noite, para poder respirar um pouco sem ser visto?

—Nem um pouco. — disse o pároco. —Não vejo razão para você se esconder. Eu pensei que você poderia se encarregar de divertir as crianças.

—Diverti-los. — disse o dragão, espantado. —Meu querido homem, olhe para mim.— E ele abriu as suas asas, que se espalharam tão largamente que todas encheu a pequena sala de café da manhã.

O pároco fez uma pausa e depois se recompôs. —Você diria a eles que você tem algum tipo de doença estranha. — disse o pároco. —Eu diria que eles se acostumaram com isso - especialmente se você os levou voando.

—Voando. — disse o dragão. Ele parecia um pouco fraco.

—Poderíamos fazer um pouco de arreios para você. — disse o pároco. —Então nenhuma das crianças se soltaria e cairia, você sabe. Pode ser feito bastante seguro.

—Seguro.— O dragão soou como uma tia solteirona afrontada.

—Preciso buscar os sais aromáticos?

—Não!— O dragão disse. —Não, isso é tudo loucura. Não poderia ser feito. Teríamos que nos esconder, não haveria outra escolha; e nenhum esconderijo é uma prova contra as crianças.

—Não é um orfanato, então. — o pároco retornou. —Uma casa de convalescença. Os homens doentes não são conhecidos por sua dedicação à exploração. Mas parece-me que um orfanato seria melhor. As crianças podem se lançar ao seu conhecimento.

—E por que eu iria querer que as crianças se entregassem ao meu conhecimento?— O dragão exigiu.

—Isso lhe daria algo para fazer além de pão em cantos escuros e ninhada.

—Eu não sento e ninho!— O dragão rugiu. Ele bateu com as mãos na mesa, então suas garras cavaram na madeira, e pequenas chamas de fogo subiram de seu nariz.

O pároco esperou impassível. O dragão recostou-se em seu banquinho, suas asas se arrepiaram e seu folho no pescoço ainda se erguia; e o pároco disse. —Eu sei que isso não é do seu agrado, senhor. Mas parece-me que você deve arriscar algo, talvez arriscar tudo, se quiser quebrar essa maldição.

O babado do pescoço do dragão baixou. Ele ficou em silêncio por um longo tempo e depois disse. —É tarde demais para colocar seu esquema em ação. O encantamento vai acontecer na véspera de Todos os Santos este ano, e não haverá refeições encantadas para



alimentar ninguém depois disso, e talvez não muito de uma casa também. O encantamento fez toda a manutenção. Sem ela, a casa pode cair e estragar durante a noite. Você pode acordar e descobrir que o telhado desmoronou e um grande carvalho crescido no meio do salão...

A imagem dolorosa parecia agradá-lo. Sua voz se desvaneceu e ele olhou para a meia distância, como se saboreasse.

O possível naufrágio da casa parecia uma falha fatal no esquema do orfanato. O pároco suspirou. —Bem. — ele disse. — Então, devemos retornar ao plano de filhotes, então.

—Você nunca desiste?— Perguntou o dragão. Ele parecia cansado e não com raiva agora. —Meu coração é de pedra sólida e incapaz de derreter.

—Eu não devo desistir. O destino de seus servos está ligado ao seu e, por causa deles, continuarei tentando, por mais que você pense que é impossível. Até a pedra pode derreter.

O dragão piscou para ele, um desconcertante piscar de olhos de lagarto onde suas pálpebras inferiores subiram.

—Assim que minha perna estiver um pouco melhor. — disse o pároco. —Irei ao vilarejo mais próximo para encontrar um filhote.

—Você pode sair quando quiser. — disse o dragão. Ele se levantou, suas asas se rearranjando em algum desalento. —Você não precisa fingir que voltará.

—Mas eu voltarei. — disse o pároco.

O dragão levantou as mãos com garras e saiu da sala do café da manhã.

Capítulo 8

Passou-se quase uma semana antes que a perna do pároco fosse suficientemente boa para permitir que ele realizasse seu esquema. O dragão não se entusiasmou com a ideia e recusou-se a discuti-la - na verdade, recusou-se a discutir qualquer coisa, mas sentou-se em silêncio no café da manhã todas as manhãs.

O resto do dia, ele desapareceu em algum lugar. - Na sua torre, olhando para o seu retrato de antes da maldição. — disse Hugh. —É o que ele faz principalmente.

O pároco engasgou com uma risada. —Ele agora?

—Oh, você é sem coração, muito de você. — Annie repreendeu. —Como ele aprenderá a amar se não lhe dermos uma chance?

Essa parecia uma abertura tão boa quanto a que o pároco provavelmente teria, então ele disse. —Eu pensei que ele poderia começar com um filhote de cachorro.

—Um cachorrinho!— Exclamou a sra. Price.

—Por que não? Tanto quanto eu posso dizer, não há nada na maldição que diz que ele deve aprender o amor romântico. A bruxa não lhe pediu para se casar com ela, não é? Apenas para aprender a amar.



Um silêncio pensativo caiu entre os servos. —Um filhote de cachorro, ainda!— Disse a sra. Price. Ela clicou a língua. —Eu não sei como isso funcionaria. Eles não têm almas, as bestas brutas.

—Agora eu não concordo. — disse o pároco brandamente. —O bom Deus fez todos eles, assim como fez você e eu.

O pároco não achou que os tivesse convencido, mas mesmo assim, quando perguntou onde poderia encontrar um filhote, deram-lhe instruções para a aldeia mais próxima. —É Briarfield. Adoráveis danças que eles tiveram no passado também, não se lembra, Hugh?

Concordaram, eles estavam à esquerda na estrada e depois disso - meio quilômetro e meio ou meio quilômetro? E houve uma virada? Eles não podiam concordar.

—O encantamento nos liga à propriedade. — disse Annie. —Eu tentei e tentei nos primeiros dias sair no portão, ir até Briarfield para encontrar meu Jimmy; mas, de algum modo, a pista ficou comprida e virou entre as rosas, e lá estava eu de novo na casa e nunca perto da parede externa.

—Mas não vai te preocupar, amor. — disse a sra. Price rapidamente. —Todos os nossos visitantes deixaram facilmente.

Não foi o medo de si mesmo que congelou o pároco por um momento. Foi o horror de cem anos preso naquela casa impecável e seu infinito labirinto de rosas.

Ele passou a perna por cima da bicicleta e começou a pedalar na direção branca e limpa estrada. —Adeus!— Os servos chamaram depois dele. —Adeus! Adeus!

E embora a viagem parecesse infinitamente longa a princípio, ainda assim, mal parecia momentos antes que o pároco chegasse ao portão de ferro e disparasse entre os pilares para a floresta.

A temperatura não mudou, nem o tempo ensolarado, e ainda assim parecia haver uma qualidade diferente do ar além dos portões: o cheiro fraco de noz-moscada do outono, de folhas começando a girar. Setembro chegou.

O pároco respirou fundo o ar suave. As folhas sussurravam acima de sua cabeça, de modo que a luz do sol batia na estrada de terra deslocando-se como um caleidoscópio. O pároco sentiu vontade de jogar a cabeça para trás e cantar na luz do sol, como ele e Rupert Spiles costumavam fazer quando eram estudantes, e andavam de bicicleta pela região rural de Oxford para fazer piquenique na grama alta junto ao rio.

Os estudantes ainda andavam de bicicleta no país, agora que a guerra estava acontecendo? Tinha Rose feito isso?

Rose!

O pensamento de Rose bateu no pároco com tanta força que ele quase afundou na parede de pedra ao lado da estrada. Ele parou bem a tempo, dobrou quase por cima do guidão, ofegando.

Rose, Rose, Rose! O pastor estava desaparecido - quanto tempo? Grande Scott, ele perdeu a noção do tempo. Poderia ser uma semana ou mais? Sua filha deve estar louca de preocupação - de fato, toda a aldeia ficaria desanimada. Sequestrado por espiões alemães, é isso que eles estariam dizendo: o pároco conhecia seu pessoal.

Como ele poderia ter sido tão descuidado?

Era o encantamento: roubara seu tempo e roubara sua inteligência, e afastara sua filha de sua mente. Ele estava em sua



bicicleta de novo, ele estava pedalando rápido, piscando pela estrada sem olhar para o sol salpicado. Ele deve voltar para Lesser Innsley imediatamente, deve deixar que todos saibam que estava a salvo, e nunca mais voltar àquelas rosas brutais e à propriedade encantada e ao seu ridículo senhor carregado de pessimismo, e deixá-los todos à beira do abismo.

Ele parou de novo abruptamente e se agarrou ao guidão, respirando com dificuldade.

Não. Não havia mais ninguém vindo; e a sra. Price, Annie e Hugh foram incapazes de quebrar a maldição. Ele não poderia simplesmente abandoná-los ao seu destino - ele não poderia nem mesmo abandonar o dragão ao seu destino. *Não*.

Ele escreveria para sua filha. E então ele voltaria para a propriedade.

A luz do sol parecia mais fraca enquanto ele pedalava lentamente. Chegou rapidamente à aldeia de Briarfield e encontrou a lojinha que também era o correio sem problemas. Ele parou do lado de fora, cingindo-se - pois a presença de um estranho é sempre notada em uma aldeia desse tamanho, e ele deve oferecer alguma explicação para si mesmo.

Bem, ele poderia muito bem dizer que ele estava perdido. Sua bicicleta certamente o suportaria. Talvez ele pudesse até dizer que havia passado por uma propriedade a caminho da cidade - uma propriedade cercada de rosas - e ver se a população local poderia dizer algo que pudesse ser útil.

Mas a diretora mal olhou para cima de seu livro para contar a mudança do pároco quando ele comprou a caneta, a tinta e o papel e, assim, não ofereceu nenhuma oportunidade para um interrogatório

gentil. O pároco retirou-se para escrever e depois parou, olhando para o papel em branco. O que ele poderia dizer?

Querida Rose, eu tropecei em uma propriedade encantada, onde um dragão que também é um homem ameaçou me manter prisioneiro. Eu decidi ficar e tentar ajudá-lo a quebrar sua maldição, porque eu sinto muito por seus servos, que são amaldiçoados junto com ele, mas ao contrário dele não pode quebrar essa maldição por conta própria.

Bem, isso convenceria Rose que seu pai havia ficado louco.

No final, ele escreveu que estava bem, seguro, e havia caído de bicicleta na chuva, e estava muito doente para escrever até agora - o que não era falso, se alguém considerasse um encantamento uma espécie de doença. Ele ficaria onde estava por enquanto e Rose não se preocuparia.

Ele não conseguia se lembrar do último endereço de Rose, então escreveu uma carta semelhante para a Srta. Clarence e anexou à carta a Rose. A senhorita Clarence poderia ser contada para levar a carta ao seu destino.

—Eu não suponho. — ele perguntou à diretora, quando chegou para enviar a carta. —Que você conhece algum filhote na aldeia que precise de uma casa? Um destemido. — acrescentou ele; precisaria de um cachorrinho destemido para se aquecer ao rosto de lagarto do dragão. —Fui detalhado para encontrar um para animar um inválido.

O olhar até então fixo da pós-revista saiu do romance dela. Ela olhou para o pároco com intensidade feroz. —Eu sei apenas o um.

***



Parecia uma curta viagem de volta à propriedade. A preocupação corroeu as milhas. O cachorro estava sentado na cesta de bicicletas do pároco, com o queixo na borda e a língua pendendo para que ela pudesse sentir o vento no rosto, e o pároco continuou olhando para ela, imaginando como o dragão a levaria. Ela levaria o dragão.

Houve aquela mudança sutil no ar quando ele reentrou nos portões de ferro: o cheiro de outono foi substituído pelo perfume fraco de rosas, a confortável pista de terra trocada pelo cascalho branco liso. Seus pneus de bicicleta deviam ter deixado uma pista enquanto ele pedalara naquela manhã, mas mesmo isso havia sido suavizado.

O dragão esperava por ele na porta.

O pároco parou a uns três metros dele. O olhar de olhos arregalados do dragão nem sequer piscou para o cachorrinho na cesta da bicicleta, mas permaneceu fixo no pároco. Suas asas batiam lentamente, meio estendidas, como se ele precisasse de apoio para se equilibrar.

—Bem. — disse o pároco, sorrindo, enervado por essa recepção silenciosa. —Estou de volta.

—Você está de volta. — o dragão concordou.

—Louvados sejam os santos! — exclamou Annie, e o pároco deu um pulo ao ouvi-la tão perto, quando, é claro, ele não pôde vê-la. —Nenhum dos outros voltou. Nem mesmo a senhorita Granger.

O pároco começou a se sentir envergonhado. Ele empurrou a bicicleta para a frente, de modo que o cachorro na cesta da bicicleta estava quase debaixo do nariz do dragão. O cachorro olhou para

cima, seu pêlo castanho e macio obscurecendo seus olhos. Ela deu uma fungada pensativa e, depois, um pequeno e simpático latido, e o pároco agitou as orelhas macias e moles.

—Eu trouxe um cachorro para você. — disse o pároco. —Como eu prometi. O nome dela é Daisy.

O dragão piscou, as pálpebras inferiores erguendo-se daquele estranho jeito reptiliano e olhou para baixo. Daisy olhou de volta para ele, de olhos brilhantes, os reflexos avermelhados em seu longo e macio pêlo brilhando ao sol.

—Você me prometeu um cachorrinho. — disse o dragão.

O pároco suspirou. —Então eu fiz. Mas a funcionária precisava de um lar para o cachorro da mãe, e ... achei que o ato de caridade poderia dizer contra a maldição ... e, afinal de contas, um filhote de cachorro precisaria ser treinado.

—Eu sei como treinar um filhote de cachorro. — o dragão estalou.

Claro que ele fez. Esse foi o tipo de coisa que aprenderam nessas propriedades rurais. O pároco suspirou. —Você não vai acariciar suas orelhas?

O dragão estendeu a mão - com a mesma cautela que pensava que o cachorrinho poderia mordê-lo, como se seus dentes tivessem alguma chance contra o couro escamoso dele - e acariciou as pontas dos dedos nos ouvidos de Daisy. O cachorro balançou a cabeça e lambeu a palma do dragão. Ele empurrou a mão para trás.

—Você deveria alimentá-la. — aconselhou o pároco. —Você deveria ser o único que a alimenta. Já vi soldados em estado de choque darem grandes e grandes passos quando recebem um cão.



O dragão estava pegando o cachorro de novo, mas agora a mão dele parou no meio do ar. Daisy esticou o nariz na direção dele, tentando farejar suas garras. —Eu não sou um soldado. — o dragão objetou.

—Eu vi muitas pessoas que sofreram. — disse o pároco. — retornar à vida e amor e felicidade através da ação de um bom cão. Tente.

O dragão estendeu a mão, os braços totalmente estendidos e levantou o cachorro da cesta. Sua expressão cautelosa se transformou em confusão quando ele ergueu o cão ainda mais, e depois para o horror - pois as patas traseiras de Daisy eram meros troncos.

Um acidente com um cortador de grama, a diretora disse. — Um cão soberano para um inválido. — ela disse, quase implorando. — Ela não pode se levantar e fugir. —E ela se virou, com a rapidez de uma inglesa que não conseguia reprimir suas lágrimas - e então Daisy cheirou a palma da mão com o nariz macio, e o pároco não conseguiu, resistir a ela.

—Você me trouxe um cachorro defeituoso!— O dragão rugiu.

—Não a deixe cair!

Mesmo quando o pároco gritou, Daisy caiu - mas apenas um pouco: mãos invisíveis a pegaram em pleno ar e Annie gritou. —Lá agora! Eu peguei você! —E Daisy começou a cheirar os braços invisíveis e sacudiu o toco de sua cauda antes plumosa.

De repente, o pároco foi dominado pela exasperação. —Meu bom homem. — ele disse ao dragão, sua voz cortada com fúria reprimida. —Ela é sua última chance. E eu lembrarei a você que você

dificilmente é um prêmio, e não é o único que será amaldiçoado para sempre se você não puder nem mesmo tentar!

Fumaça subia das narinas do dragão. O pároco preparou-se para uma erupção e preparou-se para enfrentar o clarão de dragão para olhar e gritar, se necessário.

Mas o dragão não gritou. Ele inspirou e expirou, pesadamente, fumando pelo nariz. Então, muito devagar, com os ombros em posição de dignidade ferida, ele cuidadosamente pegou Daisy das mãos de Annie e afastou o cão, como se esperasse que ela mordesse.

A raiva do pároco evaporou em um desejo de rir. Ele resistiu. O dragão não entenderia e o pároco não queria magoá-lo. —Ela não vai te machucar, você sabe. — disse o pároco.

—Eu não tenho medo disso. — o dragão disse rigidamente. Daisy tentou lamber a mão dele. —Eu mantive cães de caça - há muito tempo. — Daisy latiu, o toco da cauda abanando. O dragão estremeceu. —Foi há muito tempo atrás.

—Bem. — disse o pároco. — É melhor você segurar o cachorro mais perto de você - como um bebê. —O dragão olhou para ele, chocado. Claramente um homem que nunca teve um bebê. —Assim. — disse o pároco, e demonstrou com os próprios braços, fazendo um movimento como se fosse embalar algo em seu peito. O dragão copiou-o cautelosamente. —E agora é melhor levá-la para dentro e ver o que há para comer. — instruiu o pároco. —Pelo menos estou faminto; e imagino que Daisy também deva estar.



Capítulo 9

O dragão levava Daisy para o café da manhã todas as manhãs, e alimentava com seus arenques do prato com uma solicitude que quase fez o pároco querer rir, embora se contivesse. Pode-se rir de um bebê ao dar os primeiros passos vacilantes - um bebê não desanima- , mas um homem adulto, cambaleando de pé ao se levantar da cama doente, sentiria vergonha e poderia se recusar a tentar novamente. .

No terceiro dia, o dragão informou ao pároco. —Eu ainda sou um dragão.

—Bem. — disse o pároco. —Então você ainda não ama Daisy. Você não pode esperar que isso aconteça de uma vez.

O dragão bateu na cabeça do cachorro. —Eu não acho que pareça menos dragão. — ele disse. —Talvez sobre o focinho?

O pároco olhou e foi forçado a admitir que, infelizmente, ele não o fez. —Mas.— ele disse. —Não é verdadeiramente amor, você sabe, se você está tentando sentir isso puramente pelo propósito egoísta de quebrar a maldição.

—Egoísta. — disse o dragão, e se largou no banquinho. —Não é egoísmo. Eu não tentaria nada se apenas me preocupasse. Estou apenas tentando agora para o bem dos meus criados. —Daisy pôs as

patas sobre a mesa e aspirou esperançosamente na direção do brinde do pároco. O dragão colocou a mão na cabeça dela e a empurrou de volta em seu colo. —Isso não vai funcionar. — disse o dragão.

O pároco arrancou um canto da torrada e entregou-o ao dragão para alimentar o cão. —Então, pelo menos, você terá a satisfação de gritar: “Eu avisei!” Quando a Noite de todos os santos chegar, se a maldição permanecer intacta.

O cão também mudou os hábitos do dragão de outras formas. Ele não mais desapareceu o dia todo para chorar, mas reapareceu de manhã, meio-dia e noite para carregar Daisy no jardim de rosas, para que o cachorrinho pudesse responder ao chamado da natureza.

O pároco fez questão de estar no jardim também naqueles tempos, com o argumento de que uma presença humana amigável poderia induzir o dragão a se demorar mais no ar fresco e no sol - o que poderia colocá-lo em um estado de espírito melhor. para aprender a amar.

Na verdade, o pároco ficou bastante surpreso ao encontrar o dragão se esforçando tanto. Ele esperava que o dragão desistisse rapidamente, talvez até se recusasse a tentar, pois se recusara a conhecer muitas das moças que seus criados trouxeram para a propriedade.

Mas talvez a proximidade do fim da maldição o tenha levado à ação.

Seja qual for o motivo, ele estava tentando. O pároco fez a maior parte da conversa, e o dragão balançou as asas e inalou fumaça pelo nariz - mas mesmo assim, geralmente ele chegou perto do pároco, quando poderia ter levado Daisy para qualquer lugar naquele labirinto de um jardim de rosas e evitado humanos. conversa inteiramente.



Uma noite, encontrou o pároco sentado em um banco de pedra, uma bengala de ébano que ele encontrara na biblioteca ao lado dele. O dragão estava a poucos metros de distância e ambos observaram Daisy fungando no gramado. Parecia um pedaço de grama perfeitamente comum para o pároco; mas o cão avançou com as patas dianteiras, farejando alegremente o chão, seguindo algum rastro invisível aos olhos humanos.

—Você sabe. — comentou o pároco.—Quando eu era jovem, alguém me disse que os cães não podem ver a cor. Por muito tempo depois disso, senti pena deles; mas então comecei a me perguntar se talvez os cães não sentem pena de nós, porque para eles deve parecer que nosso olfato está totalmente ausente. É como se todos fôssemos cegos ou surdos. Eu me pergunto se eles tentam falar conosco à sua maneira, usando cheiros, apenas para nos achar totalmente insensíveis a isso. Você acha que eles se preocupam com a nossa incapacidade?

O dragão estava olhando para ele. —O que?

—Eu acho que eles devem. — disse o pároco. —Eu não acho que é nos cães se sentirem superiores porque eles podem fazer o que não podemos - a maneira como nos sentimos superiores em relação à nossa linguagem falada, e ridicularizar os cães apenas entenderem algumas palavras, quando não conseguimos entender linguagem dos cheiros. Acho que nossas limitações devem levá-los à compaixão.

—Você pensa demais. — o dragão zombou.

—Provavelmente. — o pároco concordou, muito alegremente. —Mas ainda assim você deve admitir que um cachorro é uma criatura mais amorosa que o homem. Todas as coisas que desejamos que fôssemos, cachorros são: leais, fiéis, amorosos e alegres diante da adversidade. Olhe para Daisy. — ele disse e apontou para o

cachorro, que estava extasiado, cheirando a grama. —Ela perdeu ambas as patas traseiras, e ainda...

O dragão arrastou seu pé com garras pela sujeira. —Então eu deveria ser mais como um cachorro, é isso?

—Raro é o homem de quem não se pode dizer isso. Certamente poderia ser dito de mim. — disse o pároco, e bateu na perna ruim com a bengala de ébano. —Este ferimento tem vinte anos, e ainda assim às vezes eu me preocupo com as coisas que não me deixam fazer. Que bom é isso? Você nunca vai pegar um cachorro fazendo isso. Eles são os verdadeiros estóicos.

O dragão não respondeu. O pároco pensou que talvez ele não estivesse ouvindo, mas depois o dragão disse, meio sem jeito. —Eu sempre gostei muito de cachorros. Tínhamos muitos quando eu era jovem, mas depois que papai morreu, o local foi mal administrado e a maioria dos cães foi vendido. Eu pretendia criar uma matilha de novo, depois que eu amadurecesse.

Ele soou como se quisesse continuar, mas não o fez. O pároco disse, para encorajá-lo. —Você teve um cachorro favorito?

—Bella. — disse o dragão. —Minha cadela de ponteiro. Ela morreu enquanto eu estava fora na escola. —E então, abruptamente, como se para virar a conversa, ele apontou para a bengala polida de ébano do pároco, com seu cabo de marfim entalhado. —Isso é meu?

O pároco pousou a mão levemente sobre ela. —Isto é. Houve chuva na noite passada e às vezes isso endurece minha perna, então eu pedi emprestada essa bengala para o dia.

—Você deveria ter perguntado.

—Você não foi por perto para eu perguntar. — disse o pároco. —Eu só encontrei esta tarde. É uma parte do seu tesouro?



—Eu não tenho nenhum tesouro.

—Oh? Então, se alguém entrasse nesta casa, e acabasse com - digamos - uma única rosa, que você nunca sentiria falta -, você não voaria atrás deles bufando, e fervendo de raiva?

As asas do dragão se agitaram irritadas. —Isso é apenas estar de pé sobre os meus direitos como um inglês. — disse ele. — O velho sr. Henry costumava vir atrás de nós com o mosquete quando pegamos as suas maçãs - meus primos e eu.

—Então os ingleses são todos dragões. — disse o pároco. —Mas eu espero que o Sr. Henry não tenha tentado sequestrá-lo.

—Ele não estava sob maldição. — respondeu o dragão. —Eu estava bastante desesperado.

E certamente o pároco sabia a partir das trincheiras que homens desesperados tomavam medidas desesperadas. Ele descansou o queixo no cabo de marfim frio da bengala e deixou o tópico passar.

—Sinto muito. — disse o dragão de repente.

O pároco ficou obscuramente tocado. —Bem o suficiente. — disse ele. —Apenas veja que você não faz isso de novo.

O dragão não respondeu.

Daisy fez um pequeno ruído de ganido em sua garganta, que era o som que ela fazia quando se cansava e queria ser pega. O dragão, bem treinado, foi até ela e a ergueu em seus braços. Suas asas mantiveram o frio longe, cercando-se do cão cansado em seus braços. Lembrou ao pároco inesperadamente de sua própria esposa Emily, em sua juventude, segurando o bebê Rose em seus braços.

O dragão pousou as asas de novo e olhou para o sorriso suave do pároco e franziu a testa. —Por que você ficou?— Ele perguntou abruptamente.

O pároco piscou e se endireitou. —Suponho que sinto que tenho um dever aqui. — disse ele.

—Um dever. — disse o dragão, e havia alguma amargura em sua voz. —Eu suponho que você se sente como um homem de Deus que é seu dever me redimir.

—Eu não presumo muito. — respondeu o pároco. —É para Deus redimir.

O dragão bufou pelo nariz, soprando baforadas de fumaça. Ele se afastou do jardim e voltou para a casa, andando rápido o suficiente para que o pároco não fizesse qualquer tentativa de acompanhá-lo.

E ainda na manhã seguinte, ele estava de volta, trazendo Daisy para o sol. Ele e o pároco sentaram-se lado a lado sem falar, observando o cão inspecionar as teias de aranha no gramado.



Capítulo 10

Talvez um pouco da magia da propriedade estivesse ligada à letra. Levou muito mais tempo do que deveria ter feito para chegar à senhorita Clarence, e quando chegou, a vila já o entregara como morto. “Morto por um espião alemão por sua bicicleta”, foi o veredicto no Green Man. “Jogou seu corpo no pântano.”

Os rumores haviam ganhado tanta força que até a chegada da carta não os matou, apenas mudou de forma. Sequestrado em vez de morto, ele tinha sido, e escapou uma carta de alguma forma (um homem esperto, seu pároco; eles estavam orgulhosos dele em Lesser Innsley). —Você segurou a carta sobre uma lâmpada, senhorita? É como você consegue mostrar tinta invisível. — as crianças da escola informaram ansiosamente a Srta. Clarence.

A senhorita Clarence ridicularizou suas sugestões. Ela enviou a carta fechada para Rose e declarou firmemente o assunto encerrado. Ela não era suspeita: não lia ficção policial e zombava de histórias de espiões.

Mas apesar de seu alto escárnio, a imprecisão da carta e a falta de um remetente roíam nela. Numa noite chuvosa, sentada diante do fogo e relendo Nicholas Nickleby, a Srta. Clarence se viu sem ler

nada, mas olhando para as chamas, ouvindo o tambor de chuva no telhado e se preocupando.

Uma noite, uma batida interrompeu suas preocupações. A Srta. Clarence fechou o livro de maneira inteligente e se apressou em direção à porta, abrindo-a para encontrar... —Rose!

—Eu vim logo que pude sair. — disse Rose. A cor estava alta em suas bochechas, e a mente de Srta. Clarence imediatamente pulou para visões de pneumonia. Ela arrastou Rose para dentro da casa e do casaco para a cadeira de estimação da Srta. Clarence antes do incêndio, com uma colcha da irmã da Srta. Clarence crochetada nos joelhos e uma xícara de chá ao lado dela.

—Precisamos encontrar meu pai. — disse Rose, o que ela dissera três vezes antes, apenas para ser informada de que não adiantava encontrar o pai se Rose morresse de pneumonia logo em seguida.

—Mas Rose, querida, como podemos?— Disse Clarence. —Não há endereço de retorno.

—Você manteve o envelope?— Rose perguntou.

—Sim. — disse a Srta. Clarence com relutância. Normalmente ela colocava os envelopes longe como vazamentos de fogo, mas este tinha preservado, embora não conseguisse explicar por que. —Mas, como eu disse, não há ...

Rose pegou o envelope da mão dela. —Mas há um carimbo postal! Vamos segui-lo de volta e ver se podemos descobrir mais alguma coisa sobre isso. Espero que quem cuida do correio seja um fofoqueiro inveterado. Eles sempre estão nos livros.

A Srta. Clarence olhou para ela, exasperação misturada com admiração. A admiração ganhou; e um sorriso iluminou o rosto da



Srta. Clarence. —Eu suponho. — ela admitiu. —Os romances de mistério não são uma literatura absolutamente sem valor, afinal. A aldeia está na rota do trem?

Rose sacudiu a cabeça. —Mas isso não importa. — disse ela triunfante. —Um dos meus colegas me emprestou uma moto com um sidecar[8]. Vamos tomar isso amanhã de manhã.

—Um sidecar!— Senhorita Clarence disse fracamente. Mas logo desprezou a fraqueza de coração*: quem era ela para temer uma carona num sidecar quando um velho amigo corria perigo? —* Vamos começar de manhã, então. — ela pronunciou.

—Esse é o espírito!— Rose gritou.

Mas mesmo esse humor heróico não conseguiu superar a praticidade básica da Srta. Clarence. —Se o tempo estiver claro.

—É melhor. — disse Rose.

***

O pároco subiu ao terceiro andar naquela manhã. Queria olhar pelas janelas altas e ter uma visão geral do campo e ver se as árvores além das paredes tinham começado a ficar amarelas. Não lhe parecia que os muros fossem tão altos: no entanto, era impossível ver a floresta além deles, quando se ficava entre as rosas.

As árvores de fato ficaram amarelas, tocadas de vermelho e marrom: além do encantamento, o outono chegava. O pároco ergueu

8 

o queixo e apontou os olhos para as árvores douradas e tentou perceber em seu coração que o verão tinha acabado.

Foi então que ele ouviu o som das rodas no caminho de cascalho. Ele olhou pela janela. Uma motocicleta com carro lateral subiu pela alameda branca e a motorista sentou-se montada, muito esperta em uma saia azul -

Rose.

Rose chegara ao covil do dragão.

O pároco correu para as escadas. Ele não deveria correr, sua perna ruim dificilmente aguentaria; e, normalmente, isso não o incomodava, mas naquele momento o pároco teria sacrificado um bezerro gordo apenas para poder descer as escadas e gritar para a filha: “Volte! Retorne!”

Mas o bezerro cevado teria morrido em vão, pois quando o pároco chegou à grande escadaria, o dragão já estava em pé. O pároco soltou um grito inarticulado, e o dragão desviou-se da porta para contemplar, perplexo, enquanto o pároco desceu correndo as escadas.

O dragão subiu até o meio aterrissar com uma ponta de suas asas. O pároco parou do outro lado, e eles ficaram com aquela extensão entre eles. As asas do dragão se espalharam, cortando totalmente as escadas e bloqueando toda a visão da porta. Cachos de chamas lambiam seu focinho.

—A quem você convocou?— O dragão exigiu.

—Deixe-me passar. — disse o pároco.

Uma gota de chamas explodiu do nariz do dragão. —Diga-me!—Ele gritou.



O pároco encontrou-o com raiva. —Eu não convoquei ninguém. — disse ele. —Eles vieram de livre e espontânea vontade. Agora me deixe ir, então posso dizer a ela para sair!

Outra batida. O pároco se encolheu como se tivesse sido espetado por um alfinete, os olhos se lançando para a porta, apesar do dragão se aproximar diante dele.

—Sua filha. — disse o dragão, com um rápido salto de intuição. —É a sua filha quem vem.

O pároco começou a avançar, como se quisesse empurrar o dragão escada abaixo. Se ele tivesse feito isso, ele nunca soube; pois o dragão dançou para o lado, pressionando-se contra o corrimão e olhando para o pároco com os brancos aparecendo ao redor dos olhos, embora o pároco tivesse metade do seu tamanho.

O medo deu lugar à indignação. O babado do dragão se arrepiou e ele rosnou. —Como você se atreve a pensar que eu sou alguma ameaça para ela?

—Como ouso eu? Você a ameaçou! —O pároco disse.

—Foi há semanas atrás!

—E você nunca retirou essas ameaças. — interrompeu o pároco. —Você está surpreso que eu tenho pouca fé em você? O que na sua conduta deveria me inclinar a ter alguma?

—Depois de tudo o que fiz pelo cachorro idiota!— O dragão explodiu.

—Conheci homens maus que amavam seus cães. — disparou o padre. —Prometa-me conduta segura para Rose.

O dragão agitou suas asas. Seu babado eriçou-se e depois se achatou de novo, e sua longa mandíbula se apertou. —Muito bem. —

disse o dragão, todo o seu velho mau humor em sua voz. —Sua filha - na verdade a festa toda - vai sair ilesa quando quiserem. Eu te dou minha palavra.

O pároco fez uma reverência porque não achou que pudesse dizer algo que não soasse sarcástico. E ele passou pelo dragão, consciente de como era maior o dragão do que ele: o quão alto ele era, o tamanho dos ombros, a força dos braços. Ele havia levantado o pároco para o telhado sem problemas, quando o pároco tentou tomar uma rosa.

—Eu nunca poderia amá-la de qualquer maneira. — o dragão rosnou.

O pároco parou para olhar para trás. O dragão se lançou para cima, na direção do teto alto, e então desapareceu em volta da curva das escadas e desapareceu.

O pároco sentiu a fraqueza que se segue após a batalha, tremendo através de seus membros. Ele teve que agarrar o trilho para evitar que caísse, e surpreendeu-o a cada passo que seus joelhos fracos podiam segurá-lo.

Ele viu agora quão desesperado seu primeiro plano teria sido. Se ele tivesse corrido do lado de fora agitando os braços e gritando — Volte! Volte! —Era provável que Rose tivesse escutado? Não; e, de fato, a Srta. Clarence também era uma alma firme e teimosa. Elas se tornariam apenas mais determinadas a ficar e descobrir o que estava errado.

O pároco estava no penúltimo passo quando o som da aldrava reverberou pela casa. Parecia provocar um coro de ecos, embora não fossem ecos, mas os sons dos criados sussurrando. Fazia muito tempo desde que todos os convidados tinham chegado à porta da frente.



—Vou abri-lo.— disse o pároco, e pensou ter ouvido Hugh gemer de decepção. —Se você fizer um chá para nós nos jardins dos fundos daqui a uma hora, seria muito gentil.

O sussurro ficou mais alto, mais feliz agora, e o pároco teve a impressão de ... movimento, talvez; nada tão definido quanto formas no ar; de fato, uma vez que a impressão se foi, o pároco pensou que talvez não fosse nada além de um truque da luz.

A aldrava soou novamente, com mais firmeza, como se o próximo passo pudesse ser um aríete. O pároco correu os últimos passos até a pesada porta e a abriu.

E ali, na varanda, estava sua Rose.

—Papai!— Ela chorou, e o alívio em seu rosto trouxe lágrimas aos seus olhos.

—Eu te preocupei, minha querida. Sinto muito.

Eles não estavam abraçando diante as pessoas. Mas o pároco pegou a mão dela na sua e segurou-a entre eles; e eles sorriram um para o outro.

***

É claro que a Srta. Clarence também teve de ser cumprimentada, com as mãos sacudidas ao redor, e desculpas pelo fato de o pároco não ter conseguido dar uma volta pela casa. —O dono é um grande recluso. — explicou o pároco. —Ele não gosta de ter pessoas. Mas vamos tomar chá no jardim daqui a uma hora.

Poderia ter sido um pouco trabalhoso despachar a Srta. Clarence, mas ela era uma alma discreta, e despachou-se para eles anunciando sua intenção de encontrar aquele doce mirante cujo

telhado espiava por cima das sebes de rosas. —Não escolha as rosas. — advertiu o pastor, com mais urgência do que pretendia. —O dono da casa é possessivo com elas.

—Bem, é claro que eu não deveria ir pegar as rosas de outra pessoa. — disse Clarence. O pároco sorriu fracamente.

E então Rose e o pai estavam sozinhos e caminharam juntos em outro ramo do jardim. Rose disse. —Nós pensamos que você deveria estar ferido ou doente. Por que você não voltou para casa?

A pergunta contagiou o pároco. —Eles cuidaram de mim quando eu estava doente ...— ele começou.

Mas então sua mente ficou em branco. Apenas seu caso com Rupert Spiles o colocara em uma posição onde ele deveria contar mentiras elaboradas, e isso foi há tanto tempo que ele estava totalmente fora de prática.

E em qualquer caso, ele odiava mentir para sua filha. Mas também não podia falar com absoluta honestidade (O dono da casa me sequestrou e agora sinto pena dele?), Então ele se refugiou na verdade parcial. —O dono da casa está muito doente. — explicou ele. —Isso o anima para me ter por perto. Eu senti que era meu dever ficar.

—Mas você também tem o dever de Lesser Innsley. — disse Rose. Sua voz não era aguda, mas agora que seu alívio inicial acabou, o pároco ouviu uma decepção arrepiante em seu tom.

—Eu sei. — disse ele, confuso, porque na verdade a magia do lugar tinha empurrado esse dever muito longe de sua mente. —Eu sei, minha querida. Eu não sei como explicar ... —E aqui ele fez uma pausa, buscando alguma explicação que fosse suficiente, e não exigiria magia e maldições e, em geral, pareceria muito louco.



Mas ele não conseguia pensar em nada. —Ele me pediu para ficar até o final de outubro. — disse ele finalmente. —Os... os médicos acham que sua doença vai chegar a uma crise até então, e seu destino decidiu de uma forma ou de outra. Não senti que pudesse dizer não. Você entende?

Ele olhou para o rosto de Rose então. Ela estava mordendo o lábio, a testa lisa e jovem franzida, os olhos preocupados; mas enquanto ele observava, a testa dela se alisou, e ela estendeu a mão e tocou sua manga. —Eu não. — ela disse francamente. —Mas eu acredito que, se você está fazendo isso, então deve estar certo.

O pároco ficou tão tocado que não conseguiu falar por alguns instantes. —Obrigado.— disse ele. —Receio que você possa superestimar seu velho pai, mas - eu agradeço a você.

Eles andaram em silêncio por um tempo. Um zangão tardio pousou numa rosa, e o pároco olhou-a pensativo. Ele não conseguia se lembrar de ver insetos no jardim antes. E de fato a casa em si parecia suspeitamente livre de ratos ...

—Receio que esta visita não dure muito. — disse Rose. — Devemos sair a tempo de voltar antes de escurecer.

—É claro. — disse o pároco. —Eu não deveria gostar de você dirigindo essas estradas sinuosas sem faróis.— Para os faróis, como todas as outras luzes da noite, não seriam exibidos durante esse período. —No entanto, você conseguiu gasolina suficiente?

—Oh. — disse Rose, e ela sorriu. —A vila inteira se uniu - todos que recebem uma ração de gasolina. Todos estão muito preocupados com você.

E o pároco foi novamente dolorosamente tocado, e novamente horrorizado com o pouco que pensava que ele tinha dado a Lesser

Innsley desde que ele tinha ido embora. Não parecia certo que mesmo um encantamento o fizesse tão esquecido. —Você deve dizer a eles. — disse ele finalmente, e sua voz era rouca. —Que eu sou verdadeiramente grato. Verdadeiramente grato, minha querida Rose.

E não havia mais nada a dizer sobre esse assunto: então, durante algum tempo, não disseram nada, mas apenas vagaram por uma faixa de rosas, que caíam pesadas e perfumadas da pérgula acima de suas cabeças.

Eles atravessaram a pista até um dos círculos cobertos de rosa. Rose se virou devagar para olhá-lo. —Eles são verdadeiramente esplêndidos para rosas tão tarde na estação. — disse ela, e foi para cheirar um, uma cabeça de repolho florescendo vasta de uma rosa. Isso a fez espirrar, e ela sacudiu a cabeça e se virou para olhar para o pai. —Você está feliz aqui?— Ela disse. —Seus sons inválidos ...— Ela fez uma pausa, como se procurasse por uma palavra que não fosse insultante, e ainda assim conseguiria passar. —Excêntrico. — disse ela finalmente.

—Estou feliz aqui. — assegurou-lhe o pastor, acrescentando com toda a sinceridade: —Mais feliz agora que te vi. Lamento ter te preocupado.

Mas Rose ainda estava com problemas. —Por que você não incluiu um endereço de retorno?— Ela perguntou. —Todos nós teríamos sido muito mais fáceis em nossas mentes se tivéssemos sabido onde você estava - e teria sido muito mais fácil encontrá-lo se pudéssemos simplesmente ter dito, Briarley Estate.

A verdade é que não ocorrera ao pároco, e ficou perplexo com essa omissão assim que ela mencionou. Um sempre incluiu um



endereço de retorno, e também escreveu o local de escrita logo abaixo da data em uma carta; e ainda assim ele não o fez.

Parte da magia do lugar, talvez. Uma propriedade encantada secreta não gostaria que sua existência fosse brandida em um envelope.

—Eu sinto muito. — ele disse impotente. —Como você me encontrou sem o endereço?

—Seguimos o carimbo postal até a aldeia e perguntamos por você nos correios, onde a funcionária nos contou a história do homem que adotou seu cachorro aleijado - e é claro que sabíamos que tinha que ser você. — disse Rose, então ironicamente que o pároco riu.

—Certamente não sou tão ruim assim.

—Você tem uma afeição incorrigível por coisas quebradas. — brincou Rose. —É uma doença com você. Ora, vi você levar latas amassadas porque sentiu pena da lata.

O pároco riu como se não tivesse rido há muito tempo. — Minha querida garota, como eu senti sua falta. — disse ele.

—Você pode sair com a gente. — disse Rose. Ela ergueu os olhos para o rosto dele.

O pároco baixou o próprio olhar. Ele foi tentado, poderosamente tentado. Mas mesmo naquele momento, ele sabia que não poderia dizer sim. No entanto, foi muito difícil falar.

—Minha querida menina. — disse ele finalmente. —Não. Eu fiz promessas: tenho um dever aqui.

Rose suspirou, mas não fez outra reclamação. —Bem. — ela disse. —Pelo menos vou conseguir um endereço adequado para este

lugar antes de ir. Você sabe, ninguém poderia nos dizer onde estava? Até mesmo o carteiro, que entrega aqui, levou algum tempo antes que pudesse lembrar o caminho a seguir.

Seu tom era jocoso, mas seus olhos estavam questionando novamente. E, no entanto, o pároco não tinha resposta que ele pudesse dar. —A memória funciona de maneiras estranhas. — ele disse, com uma falsa sinceridade. —E você encontrou no final, pelo menos.

Rose assentiu com um aceno de cabeça. Eles andavam juntos, lado a lado, como costumavam fazer no jardim da casa paroquial; mas não era o velho silêncio sociável que pairava entre eles, e isso afligia o pároco, mais porque ele não sabia como consertá-lo. Suas respostas às perguntas dela foram evasivas, mas o que mais ele poderia dizer?

Mas ela passou a mão pelo braço dele, como fizera quando era mais nova, e ele a olhou com alguma surpresa e sorriu para ela.

—Gostei muito de brincar de detetive. — disse Rose. — Agora que tudo correu bem, é claro. Não me dê uma razão para fazer isso de novo. —E ela fez uma cara de buldogue para ele, o que o fez rir.

As sebes de rosas as levaram ao mirante da Srta. Clarence no momento em que o som prateado de um triângulo tilintava no jardim para chamá-los para o chá. Todos os três partiram juntos e saíram do labirinto de rosas em um período de tempo extraordinariamente curto (o pároco notou a testa de Rose enrugar-se novamente), e andaram até os fundos da casa onde o chá havia sido colocado esperando por eles no brilho do sol.

—Oh meu bom gracioso!— Miss Clarence chorou.



Isso da Srta. Clarence era praticamente uma profanação: e naquele momento o pastor viu a mesa de chá através dos olhos e quase desmaiou. Pois os servos tinham preparado um verdadeiro chá, com bolinhos dourados e manteiga dourada, e um pouco de jarro prateado de creme fresco e uma tigela de açúcar branco puro: uma quantidade tão grande como não se podia encontrar em toda a Inglaterra naqueles dias de racionamento.

—Meu Deus, gracioso! — exclamou a Srta. Clarence, com a mão no coração. —Como isso pode ser?

Capítulo 11

Em sua própria guerra, o pároco havia aprendido o truque das decisões rápidas, e ele fez uma neste momento. Não havia explicação para isso que bastasse, exceto a verdade. A sensata senhorita Clarence foi a última pessoa que alguém gostaria de contar uma história de encantamento, mas isso deve ser feito.

—Vou buscar os criados. — disse o pároco. —E eles vão explicar tudo.

—De fato, estamos bem aqui. — disse Annie, e ela parecia quase chorar. —Não fizemos a coisa certa para o chá? Ah, é minha culpa; A sra. Price achou que devíamos preparar pães ou mesmo um prato de sopa, mas eu disse que os bolinhos são tão rápidos e novos também, feitos com bicarbonato de sódio ...

A voz da sra. Price surgiu no ar. —Eu suponho que isso não é mais tão novo.

A Srta. Clarence tinha se agarrado às costas de uma cadeira de vime e segurado com as duas mãos. —Bondade graciosa. — disse ela; e Rose conseguiu puxar a cadeira ao lado a tempo de Miss Clarence cair nela.

—Papai. — disse Rose. —O que está acontecendo?



—Eu tenho medo de ter escondido isso de você. — disse o pároco. —Mas acredito que você teria me achado maluco se eu tentasse explicar isso de outra maneira. Você vê, há uma maldição ...

Tudo somado, o conto desceu mais prontamente do que o pároco poderia ter adivinhado. Embora no modo normal das coisas, a Srta. Clarence desdenhava acreditar em fantasias e fantasmas e coisas que acontecem à noite, seu bom senso comum não a deixava recusar a evidência de seus próprios sentidos. —Eu não quero ser um duvidoso Thomas. — ela disse, em vez de se desculpar, enquanto a explicação alcançava a maldição da feiticeira e os servos invisíveis; — mas tudo o mesmo...

—Senhora. — disse a sra. Price. —Não sei as feridas que você pode investigar, mas se isso ajudasse você a tocar minha mão, darei prazer a ela.

—Sim. — disse Clarence. Ela estendeu sua mão. —Se você quiser - Oh!— E sua mão se afastou e seus olhos se arregalaram com aquele toque invisível.

—Agora vamos pegar uma boa xícara de chá. — disse a sra. Price. —Isso vai te acertar em um momento.— O bule de chá subiu de seu lugar, e despejou em uma xícara de porcelana delicada. — Você toma com açúcar, amor?

As mãos da senhorita Clarence se agarravam às garras dos braços da cadeira de vime. —Um cubo. — ela disse, e se sua voz era um tanto fraca, era pelo menos constante.

Sob a influência do chá, ela se recuperou rapidamente. E Rose também apertou a mão da sra. Price, e escutou seriamente enquanto os serventes falavam de seus cem anos de espera - o longo desfile de garotas - a ideia original de um cachorro do pároco.

—Papai. — ela disse, hesitante, enquanto a explicação chegava ao fim. —Não seria melhor se eu tomasse o seu lugar? Se o cachorro ainda não quebrou a maldição, bem, talvez seja romântico, afinal.

—Não. — Não foi o pároco quem respondeu: ele estava muito espantado para falar. Miss Clarence entrou pesadamente na brecha. —Absolutamente não, Rose. — disse ela com firmeza. —Você tem o seu trabalho de guerra.

—Mas qualquer garota poderia fazer isso, realmente. — disse Rose.

—E você é uma coisa bonita. — Annie acrescentou, muito inútil, o pároco sentiu. —Pode funcionar.

—Rose!— Senhorita Clarence parecia chocada. —Você não pode abandonar seu país na hora de sua maior necessidade. Minha querida garota, você seria declarada ausente!

O olho de Rose assumiu um brilho mulato. Este foi o caminho errado a tomar, o pároco sentiu: haveria algo atraente para Rose na idéia de quebrar as regras em prol de algum bem maior.

—Você é destinada a coisas melhores do que se prender a sua uma fera de um homem que não dá a mínima para garotas. — acrescentou Clarence calorosamente.

As palavras pareciam abrir uma porta na cabeça do pastor: uma porta que talvez devesse estar aberta antes, dada a sua própria história, e no entanto só agora a possibilidade lhe ocorrera.

Eu não poderia amá-la, o dragão dissera.

Agora, o pároco seria o primeiro a admitir que sua parcialidade com a filha poderia obscurecer sua visão. Mas parecia-lhe que, se o dragão não pudesse amar Rose, não poderia sequer considerar a possibilidade de fazê-lo...



Bem. Se ele não pudesse amar Rose, então certamente ele não poderia amar nenhuma mulher.

Talvez ele se inclinasse para os homens.

Esses pensamentos passaram pela mente do pároco em um momento, e a possibilidade germinou quase com certeza. Os servos do dragão haviam passado por ele cem anos de garotas, e a maldição não havia sido quebrada, porque o dragão era homossexual.

A palavra homossexual existiu em 1840? O pároco não achou que fosse. Um sodomita, essa era a palavra que eles usariam. O dragão era um sodomita e tão envergonhado que não podia contar a seus servos, embora seu silêncio assegurasse que a maldição permanecesse ininterrupta, e que o dragão e todos os seus criados ficassem presos até o fim.

O pároco sentiu uma estranha sensação de repulsa ao egoísmo do dragão - e, no entanto, compreendendo também: ele sentira aquela vergonha e conhecia seu poder de dominação. Quem sabia como poderia ter deformado a própria vida se não conhecesse Rupert Spiles?

—Minha querida. — interrompeu o pároco, pois Rose e Clarence continuaram discutindo enquanto tudo isso passava por sua mente. —Minha querida garota. Não funcionaria.

Rose vacilou e olhou para o pai, franzindo o cenho ante a firmeza de sua voz. O pároco olhou para ela com firmeza, desejando que ela o entendesse. Não conseguia pensar em como explicar a ela sem contar a Annie e a sra. Price, e apesar de tudo, achava que devia guardar os segredos do dragão.

—Poderia!— Annie chorou, e havia um fio de desespero em sua voz. —Não poderia, agora? Você não acha que ele daria uma chance adequada apenas desta vez, agora que é tão tarde?

—Obvio, ele está muito afundado em seu desespero por qualquer coisa assim. — respondeu a Sra. Price. —É uma oferta doce, garota, mas é tarde demais. É melhor você ir agora e convencer seu pai a ir também se ele puder, ou então talvez a casa o arraste até o inferno com o resto de nós quando chegar a hora.

A cabeça de Rose tinha se voltado para a voz de Annie e depois para a senhora Price, e agora ela olhava para o pai. O pároco pegou as duas mãos. —Minha querida, volte para o seu trabalho. — disse ele. Ele tinha pensado em como contar a ela agora. —Você se lembra daquela colega de escola que tanto desaprovava - aquele Oscar Wilde? Poderia ele ter te amado se isso o salvasse de uma maldição?

Um momento de incerteza; e então entendendo o rosto de Rose estava inundado. —Tudo bem. — disse ela. —Mas não há nada que você possa fazer também. Você não vai embora com a gente, pai?

—Precisamos muito de você no Lesser Innsley. — acrescentou a Srta. Clarence.

O pároco sorriu e balançou a cabeça e tirou as mãos das filhas. —Eu fiz uma promessa. — disse ele. —E ainda tenho alguma esperança de que o cachorro trabalhe sua mágica. Agora venha. —ele disse. —Eu sei que já se passaram meses desde que você viu um chá como esse; e serão meses pelo menos, anos provavelmente, antes de você ver tal chá novamente. Cumpra seu dever com isso.

E, de fato, eles fizeram o chá com toda a justiça. Eles drenaram a panela e comeram os bolinhos nas migalhas, espalharam-se generosamente com manteiga e geléia. Rose, na verdade, bateu



palmas quando uma bandeja flutuante apareceu da casa, carregando sanduíches feitos com a boa carne assada, e a voz de Hugh - rude com timidez – disse. —Coma.

As sombras cresceram muito no momento em que se devoraram. —Nós devemos tentar tirar algumas das provisões da propriedade. — disse Rose. —Pense em que benefício um suprimento infinito de manteiga e carne assada poderia ser! Mesmo que a oferta só dure até a véspera de todos os santos... — E ela parou, envergonhada, e seu olhar cintilou na direção da xícara de chá flutuante da Sra. Price.

A taça pousou suavemente no pires. —Como vai. — disse a Sra. Price. —De uma forma ou de outra.

Eles guardaram um bom bloco de manteiga em um guardanapo, para Rose e Clarence levarem para casa, e ver se ele desapareceu como ouro de fada. A luz estava agora a oeste, e elas deviam partir logo se esperassem chegar em casa antes de escurecer; e assim a festa do chá terminou e elas voltaram para o caminho.

A moto não queria começar. Rose mexeu nela, e a Srta. Clarence sentou-se ao lado do pároco em um banco de pedra ao lado da casa. —Tem certeza de que não voltará conosco?— Perguntou ela.

—Eu não acho que a motocicleta acomodará três. — o pároco disse levemente.

—Seja sério. — ela o repreendeu. —Eu simplesmente não vejo o quão bom você pode fazer ficando aqui. Eu tenho muita dúvida de que você está correto em sua compreensão da maldição.

—Não vejo por quê. — respondeu o pároco. A feiticeira pediu a ceia, não para o dono da casa, para lhe entregar a verdade. O amor

romântico não teve nada a ver com a imposição da maldição. Por que então deveria ser amor romântico para quebrá-lo?

—É uma lógica muito boa de Oxford. — disse a Srta. Clarence secamente. —Você está pensando no amor como você o entende, como um homem educado de Deus. Mas você não é aquele que lançou a maldição: foi uma feiticeira, que deve ter sido uma mulher vingativa, considerar cem anos uma punição apropriada para uma única tarde de crueldade. O que ela consideraria amor?

—É um pouco mais do que indelicadeza transformar uma das criaturas de Deus com fome no frio. — disse o pároco.

—Sim, claro. — ela disse, com suavidade enganosa. Apesar da queixa do pároco, o ferrolho dela havia atingido a casa, e quando ele tentou desalojá-lo de sua mente, ele só afundou mais profundamente.

—Você está certa. — disse o pároco. —Vingativo, de fato. O dragão pode abrir seu coração para um orfanato inteiro de crianças e isso pode não ser suficiente para quebrar a maldição da feiticeira. O que tal mulher quer dizer quando ela diz amor? Eu não vou ... —E aqui o pastor baixou a voz. —Eu não vou ter Rose para ficar aqui.

—Não. — Clarence concordou. —Seria inútil.— E então ela acrescentou, desaprovando: —Foi sensato deixá-la ler Oscar Wilde?

—Ela está cuidando dos feridos de guerra em um hospital, senhorita Clarence. — disse o pároco equitativamente. —Ela vai se deparar com coisas muito piores do que o Sr. Wilde.

Srta. Clarence suspirou. Sentaram-se, observando Rose mexer no motor da motocicleta, e o pároco se perguntou desanimado se a definição de amor da feiticeira era ampla o suficiente para abranger



um amor romântico que não era o amor de um homem por uma mulher. Não parece muito provável.

—Na verdade, talvez eu esteja errada. — disse Clarence. — Talvez você esteja certo em acreditar que o amor da caridade cristã servirá tão bem quanto qualquer outro para quebrar a maldição.

—Vamos esperar. — disse o pároco. —O tempo cresce tão pouco, não vejo que haja muita chance de mais nada agora, mesmo que Rose tenha permanecido e - as coisas fossem bem diferentes daquilo que são.

A motocicleta resmungou para a vida. Rose girou para que a Srta. Clarence subisse no carro lateral e, quando a Srta. Clarence se organizou, Rose disse ao pai: — Você tem certeza de que não quer vir junto? Há espaço para você neste assento.

—Tenho certeza, minha querida. — disse o pároco.

Mas seu coração ficou pesado e Rose deve ter ouvido em sua voz, pois ela parecia ansiosa em seu rosto. —Você vai ficar bem?

—Minha querida, você é quem vai à guerra. — disse o pároco gentilmente.

—Sim. — Rose concordou, bastante truculenta; e se uniu para dizer: —Então você vê porque é importante que eu não precise se preocupar com você. Isso poderia me distrair do meu trabalho de guerra e, então, onde estaríamos?

—Muito triste, sem dúvida. — disse o pároco. —Mas garanto-lhe que não há necessidade disso. Eu estarei muito bem aqui.

—Vou orar por você. — disse Rose.

—E eu para você. — disse o pároco.

—Na verdade, nós dois vamos. — disse Clarence. Ela afivelou o capacete com firmeza na cabeça e assentiu para Rose.

O pároco ficou na entrada e acenou quando Rose e a Srta. Clarence se afastaram. Ele permaneceu ali enquanto o sol baixava, e as sombras se alongavam, e o caminho branco e reluzente brilhava como um rio de ouro na luz baixa da tarde.



Capítulo 12

A perna do pároco começou a doer com o esforço de seu longo dia, mas ele ainda não voltou diretamente para a casa. Entrou no jardim de rosas e se perdeu entre as cercas vivas, com suas rosas vermelhas quase negras no crepúsculo. O pensamento que a Srta. Clarence havia plantado havia estabelecido raízes firmes na mente do pároco: e agora que estava crescendo lá, ele precisava ver se conseguiria dar frutos.

Em suma, ele deve encontrar alguma maneira de discutir isso com o dragão.

A homossexualidade parecia um assunto delicado para criar com um homem-dragão que estava inclinado a soprar fogo de suas narinas quando se sentia insultado - como certamente faria se a suposição do pároco estivesse errada, e talvez até mesmo se estivesse certo.

Mas poderia um homem que se envergonhava, que poderia muito bem odiar a si mesmo, aprender a amar? O pároco conhecera esses homens em Oxford e tentara aconselhá-los entre seus paroquianos. Sentira-se envergonhado em sua juventude, antes de conhecer Rupert Spiles, que o ajudara a ver essas coisas sob uma

nova luz - antes que o próprio Rupert fosse extinto em Passchendaele[9].

O pároco andava devagar, as mãos cruzadas atrás das costas, tão absorto em pensamentos e tão longe da decisão que não percebeu o dragão sentado em um dos bancos ornamentais, até que o dragão disse. — Boa noite.

Então o pároco saiu de seu estupor. Tinha ficado bem escuro sem que ele notasse: as estrelas começaram a ficar visíveis no céu. — Boa noite. — disse o pároco.

—Você gostou da visita da sua filha?— Perguntou o dragão.

—Muito. — disse o pároco.

O dragão não disse mais nada, mas olhou para o pároco com expectativa, para que o pároco esperasse em vez de seguir em frente. Mas o dragão não falou, e por fim o pároco falou em seu lugar.

—Acho que haverá geada hoje à noite. — disse ele, e o dragão abaixou a cabeça em concordância. —Será que vai matar as rosas?

O dragão pareceu surpreso. —Claro que não. — disse ele, e então ficou em silêncio e pensativo. — Suponho que a maioria das rosas morre no inverno. — murmurou para si mesmo.

Depois de cem anos de rosas sempre em flor, poderia muito bem esquecer isso. O silêncio caiu entre eles. O pároco inspecionou as rosas novamente.

—Ninguém sentiu minha falta quando eu fui embora. — disse o dragão.

---

[9] A **Terceira Batalha de Ypres**, também conhecida como **Batalha de Paschendale** foi uma campanha da Primeira Guerra Mundial, A batalha teve lugar na Frente Ocidental, entre Junho e Novembro de 1917, e o seu objectivo era controlar as zonas a sul e leste da cidade belga de Ypres, na região da Flandres Ocidental.



O pároco recuou das rosas para olhar o dragão. A lua se ergueu atrás dele, lançando seu rosto na sombra, mas delineando a silhueta de ombros caídos de seu corpo. Suas asas ergueram-se altas e protetoras sobre ele.

—Os servos me disseram que enviaram convites para seus vizinhos. — disse o pároco. —E, no entanto, quando eles vieram, você se escondeu na masmorra e não os viu.

O dragão pareceu aturdido, e então seu folho no pescoço se eriçou de raiva, e breves cachos de fogo subiram de suas narinas. Mas ele não gritou, e depois de algum tempo seu babado se alisou novamente, e ele passou a mão sobre a cabeça e pareceu envergonhado.

—Talvez seja assim. — disse ele. —Mas eles não voltaram mais tarde.

—Talvez eles pensaram que você tinha ido embora. — disse o pároco. —Fechado a casa e ido para o continente. Por que deveriam visitar uma casa vazia? — O dragão não pareceu convencido. —E o encantamento torna difícil para as pessoas lembrar da propriedade, eu acho. — o pároco se aventurou.

Mas o dragão balançou a cabeça. —Os servos não foram todos esquecidos. Alguns tinham famílias que procuravam por eles ou amigos.

O pároco se afastou, porque a lua estava cheia em seu rosto, e ele não queria que o dragão visse seus sentimentos. Ele pensou nessas famílias vindo para encontrar seus filhos perdidos - imaginou Rose indo embora em serviço, e desaparecendo - e a mágica garantindo que ele nunca soubesse onde ou como.

—É uma maldição cruel. — disse o pároco.

—Não.— A voz do dragão era fraca. —Quando alguém que os amava veio, os servos perderam sua invisibilidade e puderam ir para casa com eles. É por isso que restam apenas três.

Isso pareceu ao pároco quase mais cruel - pelo menos para os que restaram; e ele descobriu que não sabia o que dizer. Então ele não respondeu diretamente. —Venha. — disse o pároco. —Caminhe comigo.

O dragão levantou-se e eles caminharam através das sebes intermináveis de rosas, que deveriam estar murchando naquele ar frio. Logo a geada chegaria, e além da propriedade mataria as flores, e então chegaria a hora de escolher os abrigos; e aqui as rosas floresceriam.

O silêncio se alongou. O pároco não sabia exatamente como começar, ou mesmo se deveria começar. Quem poderia dizer que o dragão não poderia queimar todo o jardim de rosas, com a sugestão de que ele poderia ser um sodomita?

O dragão quebrou o silêncio. —Você ama muito sua filha. — ele disse.

Isso empurrou um pouco demais a reticência inglesa do pároco. —Ela é minha filha. — ele respondeu.

—Os pais nem sempre amam seus filhos. — disse o dragão.

Não havia emoção em sua voz, mas ele não olhou para o pároco quando disse isso, e se inclinou para olhar para a rosa prateada ao luar. O pároco colocou as mãos nos bolsos. Seus dedos estavam ficando frios. —Não. — disse ele. —Suponho que não.

Ele esperava que o dragão gerasse alguma confiança: um severo pai, uma mãe distante mais preocupada com a sociedade do



que seu filho, ou algo desse tipo. Mas, em vez disso, o dragão disse: —Eu era muito querido em Eton, você sabe.

O pároco ficou intrigado com essa mudança na conversa. — Oh?

—Oh sim. — o dragão disse ansiosamente. —Os garotos costumavam brigar sobre quem deveria me fazer vir nos feriados. Eu era um órfão, você vê, então não havia razão para eu voltar para casa. Eu podia cavalgar e atirar e fazer jogos para seduzir um dia chuvoso, e em Oxford eu conduzi os rapazes em torneios - com bastões para as lanças e arautos anunciando os adversários, e todos indo para a água no final. “Briars é sempre bom para uma brincadeira” - foi o que eles disseram. Eles me chamavam de Briars.

Uma imagem subiu diante do pároco, indistinto e ainda convincente, de universitários às margens do Ísis aplaudindo o espetáculo, e os dois barcos desajeitadamente olhando uns para os outros, e o dragão no centro de tudo - não um dragão, mas um risonho. homem jovem. Impensável, talvez, cheio de si mesmo, sem dúvida - o que a juventude não era? Mas jovem, bem-parecido e vivo, e de modo algum o duende amargo que cem anos de quase solidão o haviam feito.

O pároco achou que era tolice da feiticeira tentar forçar o rapaz a aprender a amar cortando-o quase inteiramente do contato humano.

Desculpe, ele queria dizer - o que não foi a resposta correta. Ele se atrapalhou com as palavras e disse: —Briars? O que foi isso?

—Briarley. — disse o dragão. Sua cabeça recuou bruscamente, como se tivesse sido atingido por uma súbita percepção, e ele disse: —Permita-me apresentar-me. Meu nome é Ambrose Briarley.

Houve uma breve pausa, e então o pároco percebeu que havia um corolário óbvio, e que não seria gentil forçar o dragão a pedir uma coisa que ele deveria, por qualquer código de polidez, ter feito semanas atrás. —Meu nome é Harper. — disse o pároco. —Edward Harper.

Ele estendeu a mão para apertar. O dragão olhou para ele por um longo momento, e então todas as suas maneiras pareciam vir correndo de volta para ele; Ele colocou uma sonolenta Daisy no braço esquerdo, pegou a mão do pároco à sua direita e apertou-a com cuidado, como se tivesse medo de que ele pudesse afastar o braço do pároco. Sua palma estava quente e seca, e suas garras, afiadas como pareciam, não arranharam a pele do pároco.

—Prazer em conhecê-lo. — disse o pároco; e o dragão inclinou-se sobre a mão, no velho estilo da corte.

E, embora o pároco não tivesse conseguido fazer sua pergunta, ele foi para a cama naquela noite com a sensação de que tinha feito um bom progresso, apesar de tudo.



Capítulo 13

O pároco sonhava com Rupert Spiles naquela noite - Rupert Spiles andando de mãos dadas com a querida esposa do pároco, Emily, o que era muito estranho, como nunca haviam se conhecido na vida. Eles caminharam em uma clareira em uma floresta, com a luz do sol caindo em seus cabelos louros, para que eles brilhassem dourados ao sol.

O pároco ficou nas sombras à beira da floresta e observou. Emily usava o vestido de chá rosa que ela tanto amara que usava anos depois de ter caído de moda; e Rupert andou em camisa, com as mangas arregaçadas até os cotovelos, como se estivesse prestes a lançar uma vara na Ísis.

O pároco não pôde chamá-los, não tentou chamá-los. Ele observou-os caminharem juntos, embora nunca parecessem se afastar; e conversar juntos, embora o pároco não pudesse ouvi-los; e o tempo parecia se esticar como mel.

Eles se voltaram para olhar para ele. Ambos eram tão jovens, impossivelmente jovens à luz do sol; e Emily estendeu a mão.

E então o som de latidos despertou o pároco. Ele deita na cama, inquieto - pois é sempre inquietante sonhar que seus mortos estão acenando para você - e ainda assim, de algum modo estranho, decidiu.

Ele deve falar com o dragão sobre suas suspeitas, afinal de contas, mesmo se ele chamasse o dragão. Apenas a luz poderia curar a vergonha.

O latido continuou. Era Daisy, ele pensou, latindo no corredor. Não latindo como um cão de guarda pode latir, mas latindo com suprema felicidade.

Havia outro som também, ao mesmo tempo muito estranho e ainda familiar. O pároco sentou-se devagar - hoje ele pagaria o preço por tudo que caminhava ontem, ele poderia dizer -, ouvindo.

Rodas. Isso foi o que soou como. Quando Rose tinha oito anos, recebera um par de patins no Natal e patinava de um lado para o outro no pavimento de bandeira do presbitério durante todo o inverno. Eles tinham sacudido muito assim.

O pároco ficou tão fascinado que parou apenas para vestir o roupão antes de ir espiar a porta do quarto. O som tinha ficado muito distante, e ele não podia a princípio ver ninguém - e de fato, se Annie ou Hugh tivessem um par de patins, talvez ele não visse nada - mas então o som ficou mais alto de novo, e cada vez mais alto, e ainda assim o pároco não viu ninguém, mas então, por acaso, olhou para baixo.

E lá estava Daisy, com o que parecia ser a metade de um patim preso a sua traseira, impulsionando-se pelo corredor com suas boas pernas dianteiras. Sua língua soltou alegremente de sua boca.

Deu um latido sem fôlego ao ver o pároco. Imediatamente ela desviou de seu curso e correu para ele com toda a força - só que transpareceu que ela ainda não tinha dominado a arte de parar, e tentou parar muito tarde, e conectou sua canela com um sólido golpe.



O pároco deu um grito involuntário e agarrou o batente da porta.

—Daisy!— O dragão explodiu. O cachorro se apertou contra a perna do pároco enquanto o dragão avançava pelo corredor, suas asas roçando as paredes e derrubando as pinturas quando ele chegou. —Eu sinto Muito. Cão destruidor! Ela te machucou?

—Não como tal, não. — ofegou o pároco, que sentiu mais como se sua perna pudesse se dividir embaixo dele. —Você é responsável por isso ...— Ele acenou com a mão para Daisy, cujo rabo balançou cautelosamente acima do patim em anexo. —Criação?

— Não. — disse o dragão, as asas agitando-se, a cabeça abaixando-se, e o pároco teve a súbita impressão de que o dragão se sentia tão tímido quanto Daisy.

—Acho que é esplêndido. — assegurou-lhe o pároco, tão cordialmente quanto pôde. —Só ela vai ter que trabalhar para parar, não vai?

—Ela já desceu uma escada hoje. — o dragão disse sombriamente.

—Bem, seu ânimo está ileso, pelo menos. — comentou o pároco, ajoelhando-se desajeitadamente para irritar as orelhas do cachorrinho. Daisy lambeu a mão com entusiasmo, o rabo abanando tão descontroladamente que o patinador patinou no chão. —Onde você conseguiu um patim de rolo?

—Nós pedimos da Harrods. — disse o dragão.

—Harrods!— A incongruência assustou o pároco.

O dragão pareceu confundir a fonte dessa surpresa. —Eu não sou tão pouco generoso quanto você parece pensar. — disse ele.

—De fato, ele nos compra presentes de Natal todos os anos. — disse Annie.

O pároco deu um pulo de surpresa e recuou mais cuidadosamente atrás da porta, para que a moça não visse as suas pernas nuas. —Oh, desculpe. — disse Annie. —Eu e o Hugh fomos juntos para ver a diversão. Suponho que deveríamos ter dito que estávamos aqui, só nos esquecemos, você sabe, porque faz tanto tempo desde que tivemos visitantes e, de qualquer forma, o mestre pode nos ver...

—Pode?— O pároco ficou fascinado. —Você usa uma espécie de sonar?— Ele perguntou ao dragão, e percebeu, ao dizer isso, que muito provavelmente nunca tinha ouvido falar de sonar aqui.

Mas antes que ele pudesse reformular a questão, o dragão respondeu. —Eu posso ver o calor. —,disse ele, sua voz tão fria que o pároco não perseguir o assunto, apesar de perguntas reuniram-se como corvos em sua mente.

— Há alguns anos, pedi ao mestre um par de patins. — explicou Annie, e a mente do pároco voltou ao assunto em questão. —Só a correia quebrou em um dos patins, então ele teve que me pegar outro par - e no outro dia eu estava pensando na pobre Daisy e aqueles velhos patins quebrados vieram à minha cabeça, e eu disse, 'Hugh, Você acha que poderíamos transformar meus velhos patins em uma espécie de cadeira de banho para Daisy?'

—Só é melhor do que uma cadeira de banho. — disse Hugh, e havia um toque de orgulho em sua voz. —Porque ela mesma pode pressionar, não é?

—Achamos que talvez a espécie humana tenha se saído melhor em não ter evoluído a bipedalidade. — observou o pároco levemente. Mas sua pequena piada encontrou um olhar vazio do dragão e



confundiu o silêncio de Annie e Hugh. Ele lembrou que a teoria da evolução de Darwin deve ser bastante estranha para eles. De fato, o próprio Darwin pode não ter pensado nisso ainda em 1840.

— Eu diria que Deus sabia o que ele estava fazendo. — disse Annie por fim. —Nós estaríamos em um caminho pobre sem mãos, não é?

—Sim, claro. — disse o pároco. —Eu estava apenas pensando que uma criatura de quatro patas que perde uma perna é apenas levemente prejudicada por ela; enquanto que, para um homem, a perda de qualquer um dos membros pode ser um desastre, porque temos apenas dois de cada um.

Outra pausa cumprimentou esta observação. Então o dragão pigarreou, coçou a nuca sob o babado e disse. — Decidi dar-lhe a bengala do tio Roderick. A de cabo de marfim de que você gosta tão bem.

O pároco ficou um pouco aborrecido - ele realmente não pretendia referenciar sua própria claudicação ocasional -, mas também, quase contra sua vontade, bastante tocado. —Eu não gostaria de ter uma herança de família.

—Oh, isso não importa. Não é como se houvesse herdeiros para ...

—Herdar?—, O pároco disse, sorrindo para essa brincadeira ridícula com a palavra herança; e de alguma forma isso tornou tudo mais fácil. —Obrigado. — disse ele. —É uma bela obra de arte. Seu tio trouxe da Índia?

—Oh sim. — disse o dragão. —Ele contou as histórias mais maravilhosas do lugar, e quando eu era criança, eu sempre quis ir. — Uma grande tristeza parecia crescer sobre ele. —Alguém poderia

imaginar que uma criatura com asas poderia andar aqui e ali nesta terra, mas na verdade eu estou acorrentado a este lugar. Eu posso voar para onde quiser, mas pareço ser repelido pelo próprio chão, se eu tentar pousar em outro lugar: é como tentar forçar dois ímãs juntos em seus pólos iguais ...

O pároco decidiu que era melhor distrair o dragão antes que ele realmente seguisse essa linha de pensamento de auto piedade. — Vou me vestir. — disse o pároco. — E então acho que devemos levar Daisy ao jardim.

Daisy descobriu, mesmo quando Rose descobrira quando criança, que a grama oferecia um obstáculo desagradável para as rodas de patins. Ela ficou atolada, e logo abandonou a tentativa, erguendo seus suaves olhos castanhos para o dragão e dando um latido triste, como se dissesse: “Me pegue.”

O pretenso coração de pedra do dragão não era uma prova contra o som. Ele pegou o cachorro em seus braços e acariciou suas orelhas macias caindo com uma mão.

—Oh, vamos levá-la no salão de baile. — sugeriu Annie. —Há muito espaço lá. E a Sra. Price está fazendo um chá, e todos nós poderíamos tê-lo juntos, como se estivéssemos em um baile nós mesmos - não poderíamos?

—Sra. Price dirá que você está ficando acima de você mesmo. —,disse Hugh.

—Bem, deixe-a! Se eu tiver menos de dois meses para viver, gostaria de viver um pouco, não é?

O pároco olhou para o dragão. Seu rosto comprido permaneceu impassível, mas sua mão parou na cabeça de Daisy. O cachorro se virou e bateu o nariz contra a palma da mão.



—Tudo bem. — disse o dragão. —Vamos para o salão de baile, então.

O pároco imaginou um salão de baile como se pode ver num filme: um teto imenso e um lustre de cristal. Mas este era um salão de festas de campo, projetado para a confortável aristocracia rural, o tipo de lugar onde os personagens de um romance de Austen poderiam ter dançado: grandes e espaçosos, certamente, mas não cavernosos.

O vasto e liso chão deixava Daisy quase louca de prazer. Ela se inclinou sobre seu meio patim, latindo, seu rabo de uma cauda fluindo atrás dela. Ela colidiu com as paredes, sacudiu-se e correu em outra direção; e todos se sentaram, observaram e riram, e de fato começaram a bater palmas quando Daisy conseguiu se virar cedo o suficiente para passar pela parede em vez de bater nela.

— Coisa não natural. — anunciou a Sra. Price, mas quase com carinho, quando entrou na sala levando um grande ponche flutuante que devia ser um prato de sopa. O syllabub[10] de 1840 parecia uma besta muito diferente do que a de 1939-1940 não tendo nenhum syllabub para falar, por conta do racionamento.

—Oh, querida Daisy, Sra. Price. — disse Annie. —Sente-se e observe e talvez você a ame tanto quanto nós. Talvez se todos a amamos, é disso que precisamos para quebrar a maldição.

—Nunca entendi a idéia de dar a um cachorro o mesmo nome que você pode dar a uma pessoa. — disse a sra. Price.

Mas, mesmo assim, uma cadeira foi puxada para fora, e os estofados no assento se comprimiram, e todos sentaram-se em volta

---

10 

da mesa, beberam um prato de sopa e observaram Daisy, e tiveram um momento alegre.

Daisy ficou cansada eventualmente, e o dragão a ergueu em seu colo e soltou o patins, quando ela se enrolou e caiu no sono; o que se tornou sua desculpa para não dançar quando Annie perguntou, depois que Hugh pegou o violão. —Outro presente de Natal. — explicou Annie ao pároco, como se tivesse inveja de demonstrar a generosidade do dragão.

E assim o pároco dançou com Annie e a sra. Price também, e descobriu, para sua diversão, que as imagens mentais que ele havia construído não eram muito certas: pois Annie não era uma garota de aparência baixa, mas uma amazona alta, e a sra. Price não era uma cozinheira confortavelmente gorda, mas uma mulher tão magra que o pároco mal a sentiu quando pisou em seus pés.

A perna do pároco não permitiu muita dança. Mas depois passaram a tarde toda em volta da mesa, e o pastor aprendeu as palavras para as antigas baladas escocesas de Hugh, até o sol da tarde entrar pelas janelas altas e projetar longos retângulos dourados de luz no chão. Então Hugh declarou seus dedos estavam doloridos demais para jogar mais.

Então a sra. Price e Annie o levaram para colocar hamamélis[11] em seus dedos, e isso deixou o pároco e o dragão sozinhos no salão de baile, com Daisy ainda dormindo no colo do dragão, e o dragão lentamente, acariciando lentamente as orelhas macias.

Houve uma paz de ouro no momento, o que fez parecer que nada poderia dar muito errado. E assim o pároco disse, quase ocioso. —Estive pensando mais sobre essa maldição sua.

[11] Erva usada como medicamente para feridas juntamente com o barbatimão.



—Oh?— O dragão não parecia muito interessado.

—A senhorita Clarence sugeriu que eu estivesse errado. — disse o pároco. —Ela acha que eu tenho dado muito orgulho ao lugar para idéias abstratas sobre a natureza do amor, e não considerando o caráter de uma mulher que iria lançar uma maldição tão desproporcional.

—Talvez seja simplesmente inquebrável.— O dragão não pareceu surpreso, e atingiu o pároco que quase desistira décadas atrás.

—Não. — disse o pároco, depois de alguma hesitação. —Eu tenho pouca experiência direta com magia, você entende, mas nas histórias sempre parece que as maldições são quebráveis se você simplesmente souber como fazer isso.

—Então você acha que é romântico, afinal. Toda essa pasta sobre cachorros era inútil, assim como eu pensava. —O dragão fez empurrar Daisy para fora de seu colo. Daisy olhou para ele e choramingou, e ele descansou uma mão pesada em sua cabeça.

O pároco ficou exasperado. —Não é amor verdadeiro se é apenas um meio para um fim.— disse ele.

Mas o dragão o ignorou. Deixou Daisy de lado e se levantou, andando de um lado para outro, as mãos cruzadas atrás das costas e as asas farfalhando de agitação. —Claro que você está me dizendo isso agora que sua filha se foi. — disse ele amargamente.

—Ela teria feito alguma diferença?— Perguntou o pároco. —É possível que você ame uma mulher?

O dragão congelou. Ele entendeu: o pároco viu que na linha rígida de suas costas, suas asas meio espalhadas, a nota sufocada em sua voz quando ele disse. —O que você está dizendo para mim?

E o pároco despertou então para o fato de que ele estava pisando em terreno perigoso: mas era tarde demais para recuar. — Por favor. — ele disse. —Não quero insultar você. É apenas que devemos estar trabalhando a partir de uma base de verdade, se quisermos ter alguma esperança de quebrar essa maldição.

O dragão virou-se. Ele andou em direção ao pároco como um tigre furioso. Daisy começou a latir.

—Você não quer me insultar. — o dragão disse, sua voz baixa e trêmula de raiva, mas subindo para um grito enquanto ele continuava. —Você não quer me insultar, mas me chama de sodomita! Por Deus, o que você chama de insulto, então?

—Eu não... — o pároco começou.

—Não pese as palavras comigo! Deus, eu odeio clérigos. Melindrosos-boca e mente suja, vendo bestialidade em todos os cantos! Como ousa, como ousa, eu te alimentei e te abriguei sob meu próprio teto, como ousa me acusar!

Daisy latiu e latiu. O dragão empurrou a cabeça para trás e soltou fogo na direção do teto alto. Ele voou para o alto, voando em volta da sala em um grande oval desigual, liberando jatos de fogo para que as faíscas chovessem. O pároco tirou a jaqueta de lã e pendurou-a sobre Daisy, para proteger o pêlo das faíscas. O cachorrinho estremeceu e latiu.

Uma das tapeçarias pegou fogo perto do topo. O dragão soltou um grito de trombeta e voou para lá, batendo nele com as asas e os pés escamosos com garras nuas, até que a tapeçaria partiu-se em dois e a parte inferior caiu em um monte fumegante; e então o dragão se virou, e o pároco se abaixou, embora o dragão estivesse do outro lado da sala.



Ele não viu o dragão romper a janela. Ele só ouviu o som estilhaçando do vidro, e viu as peças quebradas brilhando no pôr do sol, e a forma escura do dragão contra o céu dourado enquanto ele voava para longe.

—Bem. — disse o pároco. Seus joelhos tremeram e ele se ajoelhou, só que principalmente de propósito, para colocar uma mão calmante no cachorro. —Isso foi bem, Daisy, não foi?

O cachorro apenas estremeceu em resposta.

O pároco começou a rir de maneira instável, embora oferecesse pouco alívio a seus nervos. Pois ele sabia que tudo voltaria a acontecer. A rápida apreensão do dragão e sua fúria não foram a de um homem falsamente acusado, mas o amargo terror de um homem que acredita que seu mais obscuro segredo foi descoberto.

Capítulo 14

O dragão desapareceu.

Ele ainda deve estar no local: ele disse que não poderia pousar em outro lugar. Mas ele parou de descer para o café da manhã ou para o jantar.

—A maior parte de sua torre é como um labirinto. — aconselhou a sra. Price, enquanto colocava uma costeleta na tigela de Daisy. O cão mordiscou-a indiferente, depois apoiou o nariz nas patas e olhou para o pároco com tristes olhos castanhos. —Ele fica assim às vezes. Não se preocupe com isso.

—Talvez eu deva escalar a torre dele para falar com ele? — sugeriu o pároco. Ele descansou a mão nas orelhas macias de Daisy. Ela cheirou a palma da mão e depois baixou a cabeça novamente. — Eu poderia dizer a ele que seu cachorro sente falta dele.

—Oh, melhor não. — disse Annie. —Eu subi na torre dele uma vez e ele jogou uma bota na minha cabeça. Não há nada a fazer além de esperar.

—Mas há menos de dois meses para quebrar a maldição. — protestou o pároco.

Um suspiro pesado respondeu-lhe. Ele não sabia se era de Annie ou da sra. Price.



O pároco tinha um belo temperamento quente e agora se levantava contra o dragão. O pároco podia entender a violência da primeira reação do dragão, mas não esse desrespeito contínuo por Daisy: mesmo que o dragão não sentisse responsabilidade por ela, ainda assim o cão era sua melhor última esperança, e repugnava o pároco ao vê-lo dando acima e de ombros.

Deus talvez pudesse salvar um pecador contra sua vontade. O pároco era um mero mortal e reivindicou esses poderes.

No terceiro dia, o pároco pegou sua bicicleta e foi para Briarfield. Disse à sra. Price que pretendia parar nos correios, pois tinha alguma ideia de que qualquer carta de Rose pudesse parar ali e nunca chegar à propriedade; mas seu temperamento subiu enquanto ele passava pelo belo dia brilhante, e ele pensou que poderia simplesmente ir até Lesser Innsley. Ele iria colocar para fora de sua mente para sempre o dragão e a casa encantada e os pobres servos indefesos...

Ah, mas eles iriam assombrá-lo para sempre se ele o fizesse. Parou abruptamente diante da pequena agência dos correios, com os lados cobertos de hera que tinham corado vermelho-outono, e seus pensamentos também pararam, e ele parou para recuperar o fôlego. Não, ele não podia sair. Ele se tornou responsável. Ele deve ver a maldita coisa poderia ser quebrada.

Ele tentou se animar dizendo à funcionária sobre a boa saúde de Daisy, e o patim de rolo. —Eu não posso acreditar que nunca pensamos nisso!— A mulher se maravilhou.

Mas, no final, a diretora deu um pulo e pôs a mão sobre si mesma. —Eu tenho uma carta para você. — disse ela. —Não consigo imaginar como me esqueci de enviá-la.— Seus pequenos olhos se arregalaram atrás dos óculos grossos, e o pároco - irritado com o

mundo e assim irritado o suficiente para bater nela - assegurou-lhe que estava tudo bem.

Ele pegou a carta de Rose do lado de fora e leu embaixo das árvores com folhas em tom de ouro.

"À meu pai adorado, que isso seja entregue às pressas..."

Os lábios do pároco se contorceram em um sorriso. Seu mau humor caiu repentinamente para longe. Rose havia aprendido aquele hábito antiquado de saudação quando leu as cartas do pároco em Oxford, e isso se tornou uma brincadeira entre eles.

Ela lhe deu as últimas notícias - na medida em que era possível dizer-lhe qualquer coisa quando não podia dizer onde estava, ou o que estava fazendo, ou qualquer outra coisa que pudesse impedir o esforço de guerra. Ela e uma amiga tinham andado de bicicleta, "*à beira-mar ou nas colinas ou talvez nos pântanos - isso cobre todas as possibilidades, não é, caso isso caia nas mãos dos alemães? Você deve simplesmente tomar minha palavra para que a paisagem, seja ela qual for, seja adorável. E vimos um pôr do sol mais lindo, o céu todo coberto de escarlate e laranja.*

A manteiga acabou por ser de fada dourada, estou com medo. Que pena!

Sua. filha amorosa e obediente,

Rose."

O pároco deixou a carta de lado, ainda sorrindo, e sacudindo a cabeça: tinha sido demais esperar que a comida encantada durasse além das paredes do castelo.



Sentiu-se mais forte agora, e mais calmo, e dobrou a carta com cuidado no bolso do colete antes de montar novamente a bicicleta e virar de volta para o castelo. Ele voltaria: ele voltaria. Ele subiria os degraus da torre e pediria desculpas ao dragão.

***

O pároco estava a pouco mais de meio caminho da escada em espiral quando Daisy começou a se contorcer e latir em seus braços. Ele segurou o cão lutando com dificuldade. —Você pode vir tirá-la das minhas mãos!— Ele chamou as escadas.

A princípio não houve resposta, e ele começou a se perguntar se o dragão poderia estar em outro lugar; e então o dragão gritou. — Eu nunca pedi para você se intrometer!

Daisy latiu e latiu e quase conseguiu arrancar-se dos braços do pároco. O pároco esperava que o dragão não aproveitasse a oportunidade para sair voando pelas janelas.

Mas quando o pároco finalmente chegou ao topo da escada, ele descobriu que o dragão não havia se movido. A sala redonda da torre tinha janelas largas e arejadas, janelas profundas e vistas que se estendiam até o jardim de rosas e as paredes da propriedade, até as árvores do outono.

Mas o dragão estava sentado de costas para tudo aquilo, os ombros rígidos, as asas enroladas em volta dele como um cobertor, e os olhos fixos no retrato de um homem jovem e bonito com cabelos dourados e sobrancelhas fortes e costeletas fofas e ridículas que devem ter sido fora do auge da moda em 1840.

—Vá embora. — disse o dragão.

Daisy soltou um uivo triste, como se tivesse entendido as palavras. O pároco acariciou seus ouvidos. —Sinto muito. — disse ele.

O dragão olhou para ele. O pároco aproveitou a oportunidade para depositar Daisy no colo do dragão. O cachorro colocou as patas no estômago do dragão e olhou para o rosto dele.

Aquele olhar poderia ter derretido um coração de pedra, como o dragão alegou ter. O dragão pousou a mão em cima da cabeça de Daisy e fez uma careta para o pároco. —Agora vá embora. — disse ele.

—Eu vim me desculpar. — disse o pároco.

—Bem. — disse o dragão. —Você se desculpou. Agora vá.

O pároco plantou seus pés. —Eu também vim... — disse ele. — Para contar uma história.

O dragão se contorceu, seu folho no pescoço se alargou sobre a cabeça. —Eu disse a você que eu odeio parábolas. — disse o dragão.

—Não é uma parábola. — disse o pároco. —Apenas uma história. Uma que me faz parecer um pouco surrado.

O dragão bufou. Cachos de fumaça subiam de seu nariz. Daisy fungou o nariz na palma da mão.

Mas ele não disse ao pároco para ir, então o pároco sentou-se em um dos grandes peitoris da janela (o dragão ocupou o único assento), e entrelaçou os dedos, tentando iniciar.

Ele falhou. —Aquele retrato. —disse o pároco. —É assim que você olhou antes da maldição?



Agora o dragão se virou para o brilho. —Você acha que é algum homem estranho cuja imagem eu mantenho para inflamar minhas luxúrias impuras?

—Não. — disse o pároco, e se absteve de fazer referência a Narciso. —Os servos me disseram que era o seu próprio retrato que você mantém aqui.

O dragão encolheu os ombros - um movimento que levantou suas asas, fazendo-as se arrepiar e se rearranjar. —Sim. — ele disse brevemente.

Ele não disse mais nada. O pároco olhou novamente para o retrato, contemplando o belo rapaz no auge de sua juventude e lembrou-se subitamente de um rapaz que conhecera em Oxford, Cyril Saunders. Não havia semelhança na aparência: Saunders tinha sido sombrio e meditativo e estranhamente bonito - até que o gás comeu seu rosto em Ypres. Saunders atirou em si mesmo depois da guerra.

A comparação com Narciso já não parecia mais engraçada, mas triste. Ele estava lutando para encontrar alguma maneira de expressá-lo quando o dragão quebrou o silêncio.

—Apenas vá. — disse ele. Ele tentou se levantar do assento, mas Daisy começou a latir e ele caiu de novo. —Eu posso ver que você não pode falar comigo. — disse ele. —Você só ficou em Briarley por causa do dever em primeiro lugar, e é por isso que você está aqui agora, porque você acha que é seu dever tentar ganhar os pecadores para a luz. Mas isso é impossível. Você estava certo: muito bem; é isso que você quer ouvir? Eu sou sodomita. Agora vá!

O pároco não se mexeu. Daisy se agachou no colo do dragão.

—Desprezado. — o dragão elaborou. —Aos olhos de Deus. A sra. Price tem dito disso: aquela mendiga não era uma feiticeira, mas um anjo enviado para me ferir. A maldição foi inquebrável desde o começo.

O dragão ficou em silêncio e novamente o pároco se esforçou para falar. Não era que ele não tivesse nada a dizer, mas muitas coisas. Ele sentiu aquelas mesmas emoções em sua juventude, aquela amargura e raiva ardente e autocondenação. Naquele momento ele também sentiu algo que nunca esperara sentir: e isso era uma profunda compaixão pelo dragão.

—Briarley. — disse o pároco. O dragão não olhou para ele. O pároco deu um passo à frente e pegou a mão do dragão na sua, e então a cabeça do dragão girou, então o pastor teve uma breve visão daqueles olhos humanos marrons no rosto escamoso do dragão.

Então o dragão desviou o olhar novamente. O pároco segurou sua mão. —Briarley. — disse ele. —Eu não venho para condenar você. Se eu não suportasse dividir um quarto com você, também não poderia ficar sozinho: falo com você como um pecador.

O dragão puxou a mão dele. Ele poderia ter voado não fosse por Daisy em seu colo. —Não me dê essa conversa de pai! Companheiros pecadores, de fato. Só porque somos todos pecadores aos olhos de Deus...

—Eu não estou falando sobre a noção calvinista de depravação total. — interrompeu o pároco. E, embora ele odiasse a palavra, ele disse. —Estou falando a você como um companheiro sodomita.

A boca do dragão caiu aberta. O pároco tinha uma visão desagradável de suas fileiras afiadas de dentes semelhantes a tubarões.



Então a boca do dragão se fechou novamente. Dois pequenos cachos de fumaça saíram do nariz dele. —Impossível. — disse ele.

—Não tanto. Você acha que eu mentiria para você sobre uma coisa dessas?

—Mas... — disse o dragão. —Você é um bom homem. Você tem uma filha. Você deve ter tido uma esposa.

—De fato eu fiz. — disse o pároco. —E eu a amava muito. Mas há homens que podem amar homens e mulheres, assim como homens que amam apenas mulheres ou homens; houve uma peça grega antiga, acredito ...

O dragão acenou com um golpe de sua mão. —Os antigos eram um bando de degenerados.

—Nem sempre. — disse o pároco, e depois continuou ansiosamente, por isso ligado a uma teoria. —Embora, claro, às vezes eles fossem. Você vê, eu acredito que Paul ...

—Paul!— E o dragão se virou novamente, desdenhoso. —Me poupe de seus sermões.

O pároco ficou em silêncio novamente. Os antigos gregos - a Bíblia - estes teriam trazido a conversa para um terreno confortavelmente abstrato. O dragão tinha uma das mãos nas costas de Daisy, e o rabo de Daisy abanava muito devagar, e ela olhou para o pároco por cima da manga do casaco do dragão.

—Vamos deixar Paul de lado. — disse o pároco. —Deixemos de lado os gregos, deixemos de lado todos os sermões, deixe-me falar a vocês não como um homem em um púlpito, mas como seu igual, de pé lado a lado em terra firme. De fato, é assim que eu deveria ter falado com você desde o começo, em vez de zombar de você e prescrever como um médico do alto. Todas as minhas sugestões

nasceram da minha própria experiência. Até mesmo o cachorro que sugeri porque um cachorro de estimação me ajudou muito, depois que eu saí do exército e senti que toda a felicidade havia sido drenada para mim, porque eu era aleijado e meu amado amigo estava morto.

O dragão não respondeu por algum tempo: tanto tempo que o pároco foi vencido pela dúvida, e sentiu vergonha de ter revelado tanto, e teria deixado o quarto como um cão chicoteado, exceto que o dragão disse. —Eu não culpo você. Depois de como eu te tratei a primeira vez que nos encontramos ... —Sua voz desapareceu.

—O sequestro?— Perguntou o pároco. —A ameaça de me tirar do telhado?

O dragão abaixou a cabeça. —Sim. — disse ele. —Depois disso. Você não me deve nenhuma gentileza, qualquer simpatia depois disso: foi mais que eu mereci, até mesmo por você, me fazer sermão do alto.

O pároco sentou-se novamente. Daisy pegou o punho do dragão com os dentes de marfim e puxou de brincadeira.

—Não é uma questão de merecimento. — disse o pároco. Ele procurou por uma explicação que o dragão pudesse entender, e não poderia encontrar nenhuma, porque ele não tinha certeza se entendia. —Eu fiquei porque queria ajudar. — disse ele por fim. —E eu poderia ter ajudado mais se tivesse julgado menos. Não há nenhum justo, ou não, nem um.

—Você é um dos justos. — disse o dragão.

O fervor em sua voz envergonhou o pároco. Ele balançou a cabeça, levantou-se e foi até a janela, e ficou de pé com as mãos



cruzadas atrás das costas, olhando além das rosas e das paredes para o mundo dourado do outono, além.

—Você é... — o dragão insistiu. —Você não acredita? Você acha que a sua sodomia te amaldiçoou? Você é o primeiro homem verdadeiramente bom que já conheci.

O pároco viu que o ponto teológico talvez estivesse além do dragão e só o confundiria. Então ele disse: — Eu não acho que estou condenado. Se há pecados imperdoáveis, eles são os pecados que os nazistas estão cometendo, e não as falhas de jovens lascivos.

—E a igreja?— O dragão disse. Havia uma excitação reprimida em sua voz. —Esta é a opinião da igreja?

O pároco suspirou. —Não.

—Claro que não. — disse o dragão. —Por causa de Levítico e Paul. Deus também os entregou à impureza por meio da concupiscência de seus próprios corações, para desonrar seus próprios corpos entre si ...

Naturalmente o dragão conhecia a passagem relevante. Certamente ele havia se queimado no próprio cérebro do pároco quando ele era jovem.

—Eu dei esse grande pensamento. — disse o pároco, falando devagar, pois, embora ele realmente tivesse pensado nisso, fazia muito tempo que não havia discutido com ninguém. —Eu discuti isso com o meu grande amigo Rupert Spiles. Pensamos que talvez tenha sido a brutalidade do mundo romano - a degeneração de que você falou - que fez Paul escrever assim. Talvez os homens usassem um ao outro tão brutalmente que ele não pudesse conceber qualquer relação entre os homens que fosse paciente, gentil e partilhasse de todas essas outras qualidades em seu grande discurso sobre o amor:

e ainda assim suas palavras produziram tal mudança em nossa vida. sociedade que até os homens podem amar uns aos outros agora, como eles não podiam no tempo de Paul.

O babado do pescoço do dragão se levantou. —Isso é sofisma. — ele interrompeu. —Você inventou isso para desculpar seu próprio pecado para si mesmo.

—É possível. — o pároco concordou. —Certamente essa seria a opinião da igreja. Mas...

—Chega!— As asas do dragão se agitaram com agitação. —Você pode ter todas as suas belas palavras sobre isso, mas no final é vil - é bestial - é uma armadilha do diabo para capturar homens no escuro. Você diz que amor não é amor se é um meio para um fim? Mas os homens sempre tratam uns aos outros como um meio para um fim, e se afastam um do outro quando esse fim é alcançado, e nunca se importam com seus Davids e Jonathans!

—Você foi maltratado. — disse o pároco gentilmente. —Se essa é a única relação entre os homens que você viu.

—Suponho que Rupert Spiles nunca usou você assim?— A voz do dragão era contundente.

—Não.

—Então ele não viveu o suficiente para se cansar de você.

As palavras foram feitas para ferir, mas não foram. O pároco sentiu tanta intensidade de compaixão pelo dragão que ele poderia não se sentir ferido se o dragão o tivesse jogado escada abaixo. Ele quase podia sentir o medo e a raiva do dragão, seu desejo de ser convencido e sua convicção de que os argumentos poderiam ser as armadilhas do diabo. O pároco havia sentido todas essas coisas.



—O que eu sei. — disse o pároco. —É que foi o amor de Rupert Spiles que me ensinou a amar. E não era só amor romântico, eros como diriam os gregos, que aprendi com ele - embora tenha sido eros que me abriu a porta: foi a intensidade do eros que me permitiu também aprender de amizade fiel, philia e carinho, e até mesmo o amor ágape que é a caridade cristã. Todas essas coisas começaram para mim na ternura que senti por Rupert. Eu não poderia ter amado minha esposa Emily, minha filha Rose, ou meus paroquianos, ou de fato te amado, se eu não tivesse aprendido através de Rupert Spiles como cumprir o mandamento e amar outro como a mim mesmo.

Outro longo silêncio se seguiu. Mas desta vez o pároco não sentiu vontade de fugir. Ele se sentou novamente e esperou. A cabeça do dragão se inclinou para baixo, de modo que o pároco pôde ver por baixo do seu babado no pescoço escamoso, para a tenra nuca humana.

Depois de muito tempo, o dragão disse: —E ele era seu amante?

—Sim.

—E você o amava com seu corpo - e isso não tornava o amor impuro?

—Não. — disse o pároco. Ele sempre acreditou nisso, mas mesmo assim, ao sentir isso, sentiu um peso nos ombros: fazia tanto tempo que não falava de Rupert Spiles, não apenas como amigo, mas como tudo que Rupert tinha sido para ele, sua felicidade dourada nas trevas se tornou mofada de vergonha.

—Talvez o seu amor por sua esposa tenha purificado isso? — sugeriu o dragão.

—Não precisava de purificação. — disse o pároco.

O dragão soltou um suspiro trêmulo. Então o dragão ergueu a cabeça e estendeu as asas, como um homem poderia esticar os braços depois de ficar sentado por muito tempo; e o pároco viu um flash de luz através de uma das asas do dragão e percebeu que estava rasgado.

—Qual é o problema com a sua asa?— Perguntou o pároco.

Ele tentou perguntar casualmente, mas o dragão se arrepiou de qualquer maneira e apertou as asas novamente. —Não é nada. — disse o dragão.

—É certo que estou pouco familiarizado com a fisiologia do dragão. — disse o pároco. —Mas parece improvável que existam aluguéis em suas asas.

As asas do dragão e o folho do pescoço caíram. —Eu cortei no vidro quando ...— ele disse, e sua voz se afastou também.

—Você voou pela janela. — o pároco forneceu, e o dragão deu à cabeça longa um aceno de assentimento agudo para baixo.

—Mas realmente não é nada. — disse o dragão. —Ele vai se curar em poucos dias. Eu já sofri isso antes.

—Você tem o hábito de voar pelas janelas?— Perguntou o pároco.

O dragão meio rosado, as asas arrepiando-se de irritação, e Daisy acordou com um latido. O dragão sentou-se novamente. —Não zombe de mim. — ele disse ao pároco.

O pároco levantou as mãos. —Sinto muito. — disse ele. —Mas eu tenho uma pequena experiência em consertar as asas das aves.

—Claro que sim. — o dragão zombou.



O pároco o ignorou. —Então você vai me deixar ver sua asa?

O dragão agitou suas asas. —Tudo bem.

Ele abriu as asas e elas se estenderam pela sala redonda da torre. De fato, ele teve que curvá-las para dentro para ajustá-las.

O pároco veio para ficar ao lado do ombro do dragão. Ele podia sentir o calor febril de seu corpo. —Você está sempre tão quente?— Ele perguntou ao dragão, e estendeu a mão para tocar a mão em sua testa.

O dragão recuou. —Sempre. — ele disse secamente. —O fogo queima dentro de mim.

O pároco supôs que, de fato, deveria.

O pároco consertara as asas das aves com bastante frequência. Na verdade, ele era bem conhecido por isso: os filhos de sua paróquia muitas vezes traziam-lhe pássaros canoros feridos. Mas a asa do dragão não foi moldada à maneira dos pássaros, mas dos morcegos, com uma membrana espessa esticada sobre uma estrutura de osso.

O pároco sempre achou as asas do dragão pretas antes. Mas estando tão perto, com a luz brilhante do sol através das janelas, ele podia ver que eles eram de um verde muito escuro. Ele se perguntou se aquele verde era derramado sobre a pele das costas do dragão, e quão longe ele chegava - e lembrou a si mesmo que ele estava aqui por um propósito, e não mera curiosidade científica.

O dragão estremeceu quando o pastor pousou as mãos na longarina. Ele deu um rápido suspiro instável.

—Eu te machuquei?— Perguntou o pároco.

O dragão balançou a cabeça. —Não.

Mas sua voz ainda soava instável, e o pároco achou que poderia ser apenas um estoicismo de garoto que o deteve.

Mas não parecia machucá-lo quando o pároco movia as mãos cuidadosamente sobre os ossos da asa, procurando por intervalos ou lugares sensíveis. As asas do dragão eram quentes, o que não deveria ser surpreendente: elas eram parte de seu corpo; é claro que eles deveriam estar quentes. Mas eles pareciam um apêndice tão artificial para brotar das costas de um homem que, de alguma forma, o pastor esperava que fossem legais, mecânicos.

Ele verificou a articulação por último, onde a asa estava presa na omoplata do dragão. O dragão usava uma sobrecasaca e uma camisa por baixo, e ambas as peças tinham longas aberturas costuradas nas costas para as asas passarem - o que expunha a pele o suficiente para que o pároco pudesse ver que o verde da asa de fato derramava nas costas do dragão. A cor ficou menos escura, mais obviamente verde do que na asa; e rapidamente se transformou em mera sardas esmeralda contra a pele pálida do dragão. O pároco queria tocar um e ver se ele era escamoso.

Mas ele não fez. Ele sentiu uma súbita onda de vertigem e ficou onde estava, debruçado, uma das mãos agarrando o banquinho do dragão e a outra pressionada contra a parte superior das costas do dragão, logo acima da asa que brotava. A batida do coração do dragão tamborilou contra a palma dele.

A vertigem passou. O pároco retirou as mãos. —Os ossos parecem bem o suficiente. — disse ele.

—Eu poderia ter te dito isso.— A voz do dragão era baixa.

O pároco recuou, inseguro, e inclinou-se para observar o encaixe na ala. A asa era simplesmente uma fina camada esticada de pele, como a lona de um avião - embora, ao contrário da tela, isso



parecesse estar se unindo. As pontas do encaixe já estavam se fechando, mantidas juntas por uma delicada fina camada de pele quase translúcida ainda.

O pároco não tocou. De fato, como o dragão havia dito, não parecia haver muito que ele pudesse fazer.

Ele se levantou rápido demais, o que o deixou um pouco tonto, de modo que ficou um pouco instável quando se afastou do dragão. Suas mãos estavam secas e estranhas, e ele as segurou atrás das costas. —Parece que você estava certo. — ele admitiu. —Me perdoe. Eu esperava que houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudar.

—Você está feito?— O dragão disse, e talvez houvesse um toque de decepção em sua voz. Ele cruzou as asas nas costas e disse: —Eu lhe disse que era desnecessário dar uma olhada.

O pároco inclinou a cabeça. —Você sente dor?— Ele perguntou. —É por isso que vimos tão pouco de você nos últimos dias?

O dragão virou a cabeça para longe. —Não.

Ele realmente estava amuado. —Então você pode se juntar a nós?— Perguntou o pároco. —Eu senti sua falta.

A cabeça do dragão virou-se rapidamente para ele e depois caiu de novo. —Você está mentindo.

—Eu não estou.— E o pároco percebeu, com alguma irritação, que ele estava de fato dizendo a verdade. —Você é intensamente irritante. — ele disse ao dragão. —Mas, mesmo assim, parece que eu fico entediado quando você está fora.

O focinho longo e esguio do dragão não era feito para sorrir, mas mesmo assim parecia que havia um sorriso no modo como ele se levantava e o desenvolto conjunto de suas asas. —É só que você está sentindo falta da sua aldeia. — ele disse teimosamente. —Você

está acostumado a cuidar de todas as almas perdidas lá. Eu sou apenas um substituto.

—Bom Deus, Briarley!— O pároco disse, e se controlou. De fato, em sua própria aldeia, ele tinha paroquianos com essa mesma tendência de auto-tortura para insistir que qualquer coisa que alguém pudesse dizer ou fazer por eles era mera polidez. Não adiantou, ele havia encontrado, argumentar diretamente com eles inútil.

—Daisy. — disse o pároco. —Certamente sentiu a sua falta.

O dragão olhou para o cachorro em seu colo. —Qual o uso? Agora que sabemos que a maldição deve ser quebrada através do amor romântico ...

—Não sabemos nada disso. — disse o pároco. —E mesmo que Daisy não sirva para você, você certamente é útil para ela. Ela mal come suas costeletas. Se você colocá-la em seu patins, ela se arrasta pela casa farejando vestígios de você. É lamentável.

Daisy, sempre prestativa, mordeu o punho do dragão e puxou divertidamente sua manga.

O dragão tirou os dentes da roupa. Daisy mordiscou sua garra. —Isso só vai deixá-la mais triste. — o dragão disse teimosamente. — Quando a maldição termina, e eu me transformei em um pilar de sal. Seria melhor para ela ...

—Seria melhor para ela. — interrompeu o pároco. —Se você se abster de desistir, ainda. Todos nós vamos morrer um dia, mas isso não é motivo para nos atirarmos do parapeito agora mesmo.

O dragão bufou.

—Daisy já te ama. — acrescentou o pároco. —Você pode ver isso muito bem. Uma metade da maldição já está quebrada. Você



não poderia trazê-la para baixo e amarrá-la em seu patins de rodas e ver se você a encontraria para amá-la de volta?

Ele foi para o topo da escada e olhou de volta para o dragão, expectante. O dragão suspirou e franziu as asas e fez um grande trabalho sobre pegar Daisy. Ele pegou seu patins pelas alças, ponto em que o rabo de Daisy começou a balançar para frente e para trás, e ela começou a latir.

O dragão a aproximou dele e rosnou para ela: —Só estou fazendo isso porque me diverte, você sabe.

Daisy lambeu o focinho.

Capítulo 15

—Por que você se tornou um pároco?— Perguntou o dragão.

Fazia três dias desde a conversa deles na torre. O dragão havia retornado às atividades regulares da casa, e o pároco tinha o hábito de se juntar ao dragão no jardim quando teve a chance, embora o ar esfriasse a cada dia.

Era final da tarde quando o dragão fez sua pergunta. As sombras eram compridas, e eles andavam em silêncio na grama, com Daisy andando de um lado para o outro em seu patins de rodas, sem som algum, a não ser o ruído ocasional de suas rodas.

—Eu queria ajudar as pessoas. — disse o pároco. —E eu já vira sangue suficiente na guerra, por isso não queria ser médico; e em qualquer caso, um médico deve se preocupar se seus pacientes podem pagar. Um pároco é pago por sua paróquia para ajudar a todos.

—Para ajudar a todos. — o dragão ecoou, como se isso fosse uma visão inteiramente nova sobre o propósito dos clérigos.

De fato, talvez fosse para ele, pensou o pároco. Em 1840, a igreja tinha sido uma das poucas posições abertas a cavalheiros e atraente porque era uma sinecura. Muitos púlpitos devem ter sido inevitavelmente preenchidos por homens sem vocação.



—Você simplesmente não parece um homem da igreja. — disse o dragão.

—Oh, eu não concordo com isso. — disse o pároco com facilidade. —Eu sou terrivelmente propenso a sermões, como você deve ter notado. E gosto muito de uma parábola.

—Sim, mas você não é nem um pouco inclinado ou hipócrita. — disse o dragão.

A boca do pároco funcionou - ele tentou corajosamente reprimir um sorriso - mas sua diversão explodiu dele em um bufo.

O dragão pareceu perceber que talvez ele tivesse sido rude. — Eu não quis dizer... — disse ele, e parou rapidamente, percebendo, talvez, que não havia algo não tão importante que tal afirmação pudesse ter significado.

—Oh, não se preocupe com isso.— O pároco acenou com uma mão. —Há muito tempo deixei de prestar atenção à tagarelice da nobreza rural. Eles são inteiramente cheios de si mesmos...

—Agora espere. — o dragão começou, suas asas batendo em indignação. O pároco mais uma vez não conseguiu suprimir um bufo. —Oh! Você está ... brincando? — o dragão disse.

—Mais ou menos. — disse o pároco. —Mais ou menos.

Eles chegaram a uma clareira entre as rosas que continham um bebedouro desconhecido. Daisy rangeu para ele, farejando a base, e então cumpriu seu dever com esse novo e estranho marcador de limite.

—Eu só quis dizer. — disse o dragão. — Que a maioria dos eclesiásticos que conheço tem sido hipócritas pavorosos sobre esse tipo de coisa: em sua formações que pregam sobre a temperança e adúlteros que protestam contra as luxúrias da carne e tudo o mais. .

Os capelães da escola nos ensinaram sobre a ociosidade, mas nunca trabalharam por si mesmos.

—Suponho que um desses pode conhecer os males da bebida mais do que um homem que nunca bebe em excesso. — disse o pároco brandamente. —Mas seu ponto é tomado: é uma grande pena, na minha opinião, que esperamos a perfeição de nossos pregadores, e tenhamos tornado impossível que eles reconhecessem suas próprias lutas, quando na verdade são nossas lutas - nossas fraquezas - que se unem. Toda a humanidade. Se você quiser alguém para guiá-lo através de um labirinto, você deve escolher alguém que tenha estado lá antes.

O dragão abriu a boca, como se concordasse, depois fechou de novo e franziu a testa, aparentemente tentando descobrir se o pároco concordava ou não com ele. Por fim, ele disse. —Você acha que a sodomia é um labirinto do qual você escapou?

O pároco ficou surpreso. O tópico havia sido completamente abandonado entre eles desde que eles falaram sobre isso na torre do dragão, e ele não esperava que o dragão o trouxesse de volta. —Não. — disse ele, bastante rígido, pois ele sabia que estava em desacordo com a doutrina da igreja sobre este ponto. —Meu amado amigo morreu. Talvez, se ele tivesse vivido, eu teria permanecido feliz em com ele toda a minha vida.

—Então você acha que é uma armadilha.

O pároco dobrou-se e arrancou um caule de erva do chão e arrancou todas as sementes. —Não. — ele disse, mais rígido ainda. — Mas você deve entender que estou falando apenas como eu mesmo nisso - estou completamente no mar - posso estar te desviando completamente. A igreja certamente não concorda.



—Mas é só isso!— O dragão trombeteava, suas asas se erguendo em sua excitação. —Como você pôde se unir à igreja que te condena?

—Como se as Ilhas Britânicas transbordassem de profissões que acolhem a homossexualidade. —zombou o pároco.

—Homo... — A voz do dragão sumiu no meio das sílabas desconhecidas.

—Relações sexuais entre dois homens. — disse o pároco. —Ou duas mulheres. Dizem que é comum no teatro, mas mesmo lá as pessoas não ousam ser abertas - e de qualquer forma eu não tenho nenhum talento como ator, enquanto o bom Deus achou por bem me dar algum talento para dar sermões e sentar com os doentes.

O dragão contemplou isso. Seu babado no pescoço caiu. —Eu esperava. — ele admitiu. —Que o que você me disse - na torre – que refletiu alguma mudança na sociedade.

—Receio que não. Eu não estou sozinho em minhas opiniões, mas estamos longe da maioria, acredite em mim.

Daisy se esfregou na perna do dragão. O dragão a ergueu em seus braços e ela lambeu seu rosto escamoso.

Eles ficaram parados por algum tempo, e a perna do pastor tinha ficado rígida. O bebedouro estava vazio, e ele empoleirou-se na beirada, com o bastão no chão para lhe dar equilíbrio enquanto descansava a perna. —Estou eminentemente adequado à minha profissão de todas as outras formas. — disse ele. —E, na verdade, sinto que minhas próprias experiências me deram uma visão mais clara da tentação - e a diferença entre o que a sociedade chama de pecado e o que deve ser certo e errado aos olhos de Deus. E em todo caso ... Ele torceu o bastão no chão, fazendo um buraco na terra. —

Uma vez que eu conheci Emily, eu acreditei que tinha saído de ...— Ele fez uma pausa, e seus lábios se curvaram. —Minhas loucuras juvenis.

—Você tinha?

O pároco encolheu os ombros.

—Você tinha? — o dragão insistiu.

—Eu achei que não era tão verdadeiro como eu esperava. — O pároco deu de ombros novamente. —Mas se você está esperando por um conto sórdido de cair com o coadjutor na sacristia, não tenho tais histórias para contar. Eu tenho sido fiel a Emily e a Rupert desde que eles morreram.

Ele esperava alguma reação do dragão: talvez choque com aquela sugestão blasfema. Mas o dragão ficou em silêncio, acariciando a cabeça de Daisy, embora ele parecesse quase inconsciente do toco de uma cauda que chicoteava em êxtase de um lado para o outro.

—Conte-me sobre ele. — disse o dragão.

—Sobre quem?—, Disse o pároco.

Era uma pergunta honesta, mas o babado do dragão se arrepiou, como se ele achasse que o pároco estava sendo deliberadamente denso. —Sobre Rupert Spiles.

—E quanto a ele?— Perguntou o pároco. Houve um toque de frio em sua voz, que ele não pretendia; mas ele se sentiu naquele momento como um cavaleiro que foi convidado a fofocar sobre sua dama.

—Oh, eu não sei. — disse o dragão. Ele clicou seus polegares com garras juntos. —Como ele era?



A dor do pároco alisou: isso parecia bastante inocente. Mas levou algum tempo para redigir uma resposta. Depois que Rupert morreu, o pároco o trancou em uma caixa no fundo de sua mente, como uma imagem que pode desbotar com muita exposição à luz - apenas para descobrir que as lembranças, ao contrário das imagens, desaparecem ainda mais rápido na escuridão.

Então demorou algum tempo para ele pousar na memória, e quando ele o fez o feriu, e ele teve que recuperar o fôlego. —Ele era alto. — disse o pároco. —Magro e de cabelos dourados. Ele jogava críquete - não bom o suficiente para fazer onze -, mas bem o suficiente para jogar no time do condado, no verão saí para visitá-lo em sua casa ...

A lembrança cálida pareceu se sobrepor ao dia frio. Rupert Spiles, como uma estátua, em pé de ouro e marfim à luz do sol com seu cabelo brilhante e branco de críquete - de pé sobre um jovem Edward Harper, que ainda não era pároco, mas apenas um estudante em Oxford, apoiado nos cotovelos, a grama e sorrisos, porque era o verão de 1914 e eles eram jovens e viveriam para sempre.

—Você sente falta dele?— Perguntou o dragão.

—O que você acha?— Perguntou o pároco, irritado.

—Sinto muito.

A voz do dragão era suave, e então o pároco ficou com pena de sua própria irritação. —A borda saiu. — disse o pároco. —Mas sim. Eu acho que se alguém realmente ama alguém, então nunca deixa de perder essa pessoa.

Um silêncio caiu entre eles depois. O frio do bebedouro havia penetrado nas calças do pastor, e agora seu assento estava frio. Ele

se levantou e cambaleou em sua perna ruim - piorou no frio - e recuperou o equilíbrio novamente, e decidiu que era hora de voltar para a casa.

O dragão caiu ao lado dele. Ele havia enfiado Daisy sob o casaco e ela espiou o pároco, ofegando alegremente.

—Eu sinto muito por ter me irritado em você, Briarley. — disse o pároco. —Você me pegou em um lugar ferido, como você vê.

—Eu também sinto muito. — disse o dragão. —Foi como cutucar um machucado - quando eu deveria saber que isso machucaria você.

—Bem, agora você saberá da próxima vez. — disse o pároco. — E faça melhor. Isso é o melhor que qualquer um de nós pode fazer.

Eles estavam andando no jardim há algum tempo e deveriam estar no fundo do labirinto. Mas chegaram muito rapidamente à beira das sebes de rosas e encontraram-se na fina faixa de relva abaixo da casa, olhando pela janela da biblioteca. Um livro estava aberto sobre uma mesa e, enquanto o pároco olhava, uma página virou. Annie deve estar lendo.

—Eu gostaria que você me chamasse de Briars. — o dragão disse de repente.

O pároco se virou para olhá-lo. —O que há de errado com Briarley?

—Meus colegas de escola me chamaram de Briars. — disse o dragão.

—Nós não estudamos juntos. — protestou o pároco.

—Meus colegas de escola estão todos mortos. — disse o dragão, e agora ele era o único a parecer mal-humorado. —E eles não



sentiam a minha falta. Nós não estaríamos aqui se algum deles tivesse.

—Você acha que teria quebrado a maldição?— Perguntou o pároco. —Eu sei que salvou os servos, mas afinal, eles não eram o foco da ira da encantadora. Se seus amigos viessem, eles não teriam encontrado os portões fechados contra eles?

Fumaça subiu do nariz do dragão. —Eu te digo que eles não vieram!

—Tudo bem. — disse o pároco, e deixou o assunto ir. Parecia improvável que ninguém tivesse tentado nada - mas fazia cem anos, então o que ele sabia? E os estudantes podiam ser inconstantes: um menino que era amado por suas cotovias poderia ser esquecido, assim que as cotovias parassem.

Deve ter amargurado o dragão para pensar que os colegas de escola que ele amava tão bem o abandonaram.

E o pároco pensou repentinamente que eram tempos passados que ele pensava no dragão pelo seu nome, e não apenas 'o dragão'. Isso tinha sido adequado o suficiente quando o dragão era um mero sequestrador, mas menos agora que o dragão estava se tornando - um amigo.

Sim, um amigo. Por mais exasperador que o pároco o encontrasse, ele se apaixonara pelo homem.

O pensamento atingiu o pároco como uma pontada no coração. Ele realmente lamentaria se a maldição seguisse seu curso, e o dragão - *não*, e Briarley afundasse no inferno como a Sra. Price esperava, ou se transformou em uma coluna de sal, ou uma topiaria de rosas.

—Briars. —disse o pároco, testando-o e sentindo-se magoado - tanto em espírito quanto em carne - pela força com que o dragão agarrou com gratidão a mão dele.

—Isso não parece mais amigável, Harper? — perguntou o dragão (não, Briarley).

—Sim. — disse o pároco. E então ele disse - um tanto timidamente - meio desejando que ele pudesse pegar de volta quando as palavras saíram de seus lábios. —Se você quisesse, você poderia me chamar de Teddy.

—Teddy!

—É o que eles me chamavam. — disse o pároco. —Meu irmão e meus amigos, antes de eu ir para a escola. — Morto, morto, quase todos mortos. —Ninguém me chamou assim desde que Emily morreu.

—Teddy. — O dragão disse com cuidado, como se tentasse. — Você sabe. — ele disse. —Eu não acho que poderia.

O pároco, para sua própria surpresa, sentiu-se intensamente desapontado. —Oh. — ele disse. —Bem. Você não precisa, você sabe. Harper é muito bem.

Eles atravessaram a grama. A sombra da casa estava no gramado, e o ar ficou muito frio quando passaram para a sombra.

—Eu posso. — disse o dragão - eles tinham chegado à porta agora; o dragão abriu-o e o pároco passou e ficou do lado de dentro, esperando. —Eu posso te chamar de Edward?

E o pároco sentiu um brilho cálido, que não tinha nada a ver com a entrada na casa. (Mesmo a magia não conseguia aquecer uma casa de campo inglesa.) —Você pode. — ele concordou.



—Edward, o Confessor. — o dragão disse alegremente.

O pároco poderia ter jogado alguma coisa para ele, se tivesse alguma coisa para entregar. Em vez disso, pegou a maçaneta e fechou a porta do dragão, e correu pelo corredor, usando a bengala para dar um passo a mais no degrau. Ele avistou seu reflexo em um espelho que estava pendurado no final do corredor, e descobriu que ele estava sorrindo.

Capítulo 16

Tempo passou. O pároco agora ia até o covil do dragão todos os dias, para contemplar as janelas das árvores em mudança além das paredes. As folhas marrons e vermelhas haviam substituído totalmente o verde e, por sua vez, estavam caindo para revelar galhos nus e pretos. Toda a véspera do dia de todos os santos estava a caminho.

No entanto, uma espécie de paz reinou dentro da propriedade. As rosas floresciam e o jantar chegava eternamente igual a cada noite, e parecia impossível acreditar que alguma coisa mudaria.

Todos os dias eles caminhavam no jardim de rosas: Briarley com Daisy em seus braços e o pastor ao lado dele. Tinha ficado tão frio que uma geada branca frequentemente atingia as rosas escarlates pela manhã, e a grama congelada rangia sob seus pés. Deixara de incomodar aquele pároco que as rosas foscas nunca murchassem.

Certa manhã, com o sol brilhando impotentemente contra o frio, encontraram uma clareira entre as sebes. Uma fonte ficava no centro, com uma escultura de um fauno equilibrado em um casco e a água pingando de suas panelas em uma bacia rasa. O pároco tocou os dedos na água. —Está quente. — ele murmurou.

Briarley colocou Daisy no batente da fonte. Ela abaixou o nariz para cheirar a água e recuou quando uma gota espirrou em seu



nariz; Depois, inclinou-se para a frente e enfiou o nariz, encontrando-o quente, puxou-se para a água e remava feliz junto com os pés da frente.

O pároco sorriu. Briarley observou, seu rosto imutável. Seu focinho não permitia sorrisos; mas o pároco se tornara hábil em ler os olhos e a testa, e aqueles também não sorriam.

—Sra. Price acha que os fogos infernais do Inferno aquecem este lugar. — disse Briarley. —É por isso que a grama fica verde e as rosas crescem o ano todo.

Bem, não é de admirar. Esse não foi um pensamento alegre. — Eu deveria pensar que o fogo infernal do Inferno poderia manter o gelo afastado. — disse o pároco.

Mas Briarley não estava escutando. —Harper. — disse ele, e havia uma nota hesitante em sua voz. —Eu sei que eu disse a você para sair muitas vezes, e antes eu realmente não quis dizer isso, mas ...

E agora ele fez uma pausa, por tanto tempo que o pároco disse: —Meu querido Briars, você não pode pensar que eu vou cortar e fugir tão tarde.

—Eu gostaria que você fosse na véspera de todos os santos.— Briarley disse tudo de uma vez, e levantou a mão para evitar que o pároco falasse. —O chão pode se abrir e engolir essa casa inteira até o inferno por tudo que sabemos. De fato, isso parece muito provável. E eu não posso fazer nada ...

Aqui sua voz vacilou. O pároco estendeu a mão e pôs a mão em seu braço. —Firme. — disse ele.

—Não posso fazer nada pela sra. Price, Annie ou Hugh. — disse Briarley. Ele olhou para frente, sem piscar, e seu peito arfava

enquanto falava. —Mas posso garantir que você está bem fora disso - e que você levará... levará Daisy com você. Suba na sua bicicleta e vá para Briarfield.

—Ainda são duas semanas para a Noite de Todos os Santos. — disse o pároco.

—Você realmente acha que tudo pode mudar em duas semanas?— Briarley perguntou.

—Tudo pode mudar em um instante. — disse o pároco. —A Luftwaffe derruba uma bomba e todo um prédio de apartamentos é destruído. O cortador de grama deve ter arruinado as pernas de Daisy em alguns momentos. —O cachorro latiu alegremente ao som do nome dela, e remou até eles, e Briarley a tirou da água.

—Para melhor. — esclareceu Briarley, enfiando Daisy dentro do casaco para mantê-la a salvo do ar frio. —As coisas podem mudar para melhor em duas semanas?

—Romeu e Julieta se apaixonaram em um instante. — disse o pároco.

Fumaça subiu das narinas do dragão. —A maioria dos tipos de amor. — ele respondeu, e parecia que ele estava tendo dificuldade em controlar sua voz. —Demorou mais do que isso.

Isso foi verdade. Daisy tinha sido seu último esforço, e a maldição permaneceu ininterrupta. O pároco sabia, por amarga experiência, que chegara uma época em que estender a esperança corpórea aos doentes tornava-se uma espécie de escárnio: eles não se davam bem e sabiam disso, e ressentiam-se de serem exortados a ter uma falsa esperança.

Ele tinha visto o suficiente da doença e da morte para poder consolar os moribundos. Mas agora toda a sua alma se rebelou. Os



capelães da prisão se sentiam assim, quando iam consolar um homem condenado quando sua execução se aproximava? Se eles duvidavam da justiça da sentença, - na verdade, quando eles sabiam que a sentença era injusta - o seu escritório os atormentava?

—É injusto. — o pároco explodiu. —Isso é injusto. O que você fez que mil outros ingleses não teriam feito em seu lugar? Se é perverso afastar um mendigo, se nos afastamos dos padrões de hospitalidade estabelecidos nas escrituras, por que, então, somos todos iníquos e devemos sofrer juntos - assim como o povo de Sodoma e Gomorra sofreu. Foi o fracasso de sua hospitalidade que foi seu verdadeiro pecado; e, de fato, somos todos sodomitas, por toda a Europa nossa hospitalidade falhou. Nós transformamos o estranho de nossos portões e cuspimos nos estranhos que já estão dentro, e por que você deveria ser amaldiçoado por isso quando o resto de nós continua em nossos caminhos pecaminosos?

Briarley olhou para ele, espantado. O pároco sentiu que talvez estivesse falando muito asperamente e, no entanto, só poderia continuar. —Não foi Deus quem enviou a feiticeira. Ela não era um anjo, mas apenas um ser humano pecador como o resto de nós. Se ela tivesse o poder de encantar uma casa para se limpar e cozinhar por si mesma, por que não poderia acolher todos os mendigos da terra? Ela usou seu poder de maneira vingativa, cruel e egoísta como qualquer outro capitalista, para punir alguém que a deixou com raiva, em vez de ajudar alguém.

Aqui o pároco ficou sem palavras, respirou e, em vez disso, apunhalou seu bastão de ébano no chão para sublinhar suas palavras. Ela perfurou um buraco no relvado verde suave e uma flor cresceu: não uma rosa, mas uma suave flor azul, que se desenrolava com pétalas abertas como um lírio - embora o pároco nunca tivesse visto um lírio de puro azul antes.

Os dois olharam para baixo, atordoados. Levou alguns minutos para crescer e abrir. O pároco não se atreveu a olhar para Briarley.

Mas quando finalmente a flor se abriu, o pároco olhou para Briarley, e seu coração deu um grande baque estranho e depois ficou como um peso de chumbo em seu peito, pois o homem parecia tão dragão como sempre.

—Isso nunca aconteceu antes. — disse Briarley, e sua voz soou instável novamente.

—Você acha que eu enfureço a feiticeira?

Briarley se ajoelhou ao lado do lírio. Daisy tirou a cabeça do casaco para cheirar as pétalas e espirrou; e Briarley tocou a flor, tomando o cuidado de tocar as pétalas com as almofadas suaves dos dedos, em vez das garras que rasgavam. —É macio. — disse ele; Depois, para a grande surpresa do pároco, Briarley arrancou a flor e empurrou-a para o pároco, mais ou menos como um colegial empurrando uma flor para uma garota. —Tome isso.

O pároco pegou a flor. Tinha um cheiro doce e limpo, como o perfume que a esposa do pároco Emily costumava usar, e o pároco sentiu um momento de tristeza tão intenso que lágrimas entraram em seus olhos.

Ele enfiou o lírio azul cuidadosamente em seu bolso e, em seguida, levantou os olhos para encontrar Briarley olhando para ele com uma linha de preocupação entre seus olhos humanos marrons. O pároco sorriu e ofereceu seu braço, para que pudessem andar de braços dados juntos, como os jovens haviam feito em Oxford nos dias do pároco.

Eles não deixaram para trás o talo da flor azul, mas andaram pelo perímetro daquele círculo de sebes de rosa. Talvez o dragão



estivesse tão curioso quanto o pároco para ver se florescia novamente.

Mas isso não aconteceu. Por fim, o pároco disse. —Por favor, perdoe meu desabafo. Minhas emoções me levaram embora, estou com medo. Eu sempre encontrei injustiça - sempre fui enfurecido pela injustiça.

—Então você acha que foi injusto?— Briarley perguntou, com a urgência de um homem implorando por um gole de água no deserto.

—Sim. Muito mesmo. — disse o pároco; e Briarley soltou um grande suspiro e não disse mais nada. — Isso consola você? — perguntou o pároco, pois achava que tinha, e mesmo assim não entendeu.

Briarley assentiu. —Sim. — disse ele, falando devagar, como se também não entendesse. —Sra. Price sempre disse que era apenas uma punição pelos nossos pecados e, no entanto, sempre achei que era injusto.

Eles deram outra volta ao redor do círculo. O lírio azul não floresceu novamente.

—E ainda assim você está certo. — ponderou Briarley. —Só porque é um pecado que todos nós cometemos - isso não significa que não é pecado. Eu tive muito. Eu poderia ter dado a ela um pouco.

—É mais fácil condenar pecados que somente outras pessoas cometem. — disse o pároco. —Eu acho que é por isso que a igreja fala tão duramente contra o adultério, o divórcio e a homossexualidade. Mas foram os pecados universais da cobiça, gula e orgulho - os pecados que raramente pregamos hoje em dia - que causaram a última guerra, e a última guerra plantou as sementes para isso.

Talvez nestes últimos dias o encantamento estivesse ficando cada vez mais fraco. A guerra, que parecera tão distante que quase poderia estar em um livro de história, parecia muito próxima do pároco novamente. Chegou a ele com um pequeno choque que não sabia como ia a maré da batalha.

—Estive pensando. — disse Briarley. Sua voz foi abrupta novamente. —Se a casa não afundar no Inferno ou cair em ruínas. Estará vazio depois da véspera de Todos os Santos. Eu estive pensando ... —Ele engoliu, e o pároco ficou perto o suficiente para que ele pudesse ver a garganta do dragão balançar. —Eu devo escrever um novo testamento. Vou sair para uma casa de convalescença para soldados feridos. Você vai testemunhar isso para mim?

—É claro. — disse o pároco. Sua garganta inchou tanto que ele não pôde falar mais, mas apenas apertou o braço do dragão, e esperou que isso contasse sua emoção. —Claro.

***

O pároco levou o testamento para a aldeia na manhã seguinte para enviá-lo aos advogados de Briarley em Londres - que era a mesma empresa que o Briarley Estate usara desde a juventude de Briarley, embora o pessoal do curso tivesse mudado, e o pároco pensou na parábola do navio, que teve todas as suas madeiras substituídas ao longo de sua viagem. Os jornais da loja contaram sobre os ataques da RAF em Berlim.

Enquanto andava de bicicleta de volta à propriedade, ele nutria alguma esperança de que pudesse encontrar as rosas murchando, a grama ficando opaca com o outono e a maldição totalmente quebrada por esse ato de generosidade.



Mas o dragão o encontrou quase nos portões, suas narinas fumegando com impaciência. O pároco escondeu sua decepção por trás de um sorriso e eles entraram para almoçar.

Mas depois o pároco escapou para o seu quarto por alguns minutos, e chorou, porque parecia que a última grande esperança se fora, e quando a maldição terminasse, o dragão deveria morrer.

Capítulo 17

O Briarley Estate não tinha sirenes de ataque aéreo. O primeiro sinal que o pároco teve do atentado foi o enorme choque e a sensação selvagem de ser jogado para fora da cama.

Ele estava de pé novamente antes de estar completamente acordado, xingando em palavras que teriam chocado a querida Srta. Clarence, porque por alguns instantes ele achou que estava de volta às trincheiras. De fato, ele já estava abotoando a calça quando sentiu total consciência e percebeu o que deve ter acontecido, e sabia que precisava sair.

Ele pegou o sobretudo da cadeira e o colocou quando foi verificar a porta.

A porta estava fria ao toque e o corredor escuro e silencioso. A bomba não teria atingido essa parte da casa, ao que parece, se tivesse atingido a casa. Talvez fosse apenas perto.

Ele correu pelo corredor. —Briarley!— Gritou ele, e lembrou-se naquele momento que Briarley dormiu em seu covil no topo da torre - diretamente no caminho de qualquer bomba.

—Droga!— Gritou o pároco. Por que ele não disse ao homem para se mudar para os quartos inferiores?

Mas parecia impossível que a guerra viesse aqui.



Outro estrondo chocante. Os castiçais tremeram e o chão dançou sob os pés do pároco. Mas este era menos violento, pensou, e vinha de mais longe: os bombardeiros devem seguir em frente, expulsos de Londres pela galante RAF. Eles estavam largando a última carga útil para poder fugir mais rápido.

O cheiro de fumaça o atingiu perto do final do corredor. Ele havia ganhado as escadas agora, e eles também eram frios e escuros.

—Briarley!— Ele gritou. Sua voz ecoou pela escada. —Annie! Hugh! Sra. Price!

Ele não recebeu resposta. *Onde os servos dormiram? Lá embaixo no porão?*

Ele não lhes faria nenhum bem andando cegamente sobre a casa. Eles talvez não soubessem dos bombardeios, mas as casas haviam pegado fogo em 1840, com tanta certeza quanto em qualquer outra época; eles saberiam que deveriam sair.

O pároco ganhou o grande salão. Por fim, ele viu a fumaça, subindo perto do teto, erguendo-se de Deus sabe onde.

Ele atravessou os azulejos. Ele quase ganhou a porta quando ouviu Daisy latindo.

Ele parou, ferido. O cachorro latiu e latiu.

Daisy não tinha pernas. Ela não podia fugir das chamas.

—Briarley! — gritou o pároco. —Você tem ela?

Mas ainda não havia resposta, ninguém por chamada; e o cachorro começara a intercalar seus latidos com gemidos estridentes.

Ela não poderia estar tão longe se ele pudesse ouvir isso. O pároco se virou da porta e se amaldiçoou e entrou na casa para encontrá-la.

A fumaça ficou mais espessa quando ele foi. Ainda não estava sufocando, e ele esperava que não crescesse assim: que o cachorro estava perto da borda das chamas, e ele poderia colocá-la debaixo do braço e levá-la para fora, e nenhum dano seria feito.

O ar ficou quente e mais quente. Sua pele doía com o calor disso. Os gritos de Daisy ficaram mais altos, mais desesperados, mais perto ele esperava - e ele virou a esquina, e ele chegou à sala de jantar, e através da outra porta ele podia ver uma parede de fogo.

Mas o quarto em si ainda não estava em chamas. Parecia, de fato, uma paródia obscena de seu eu imutável: a mesa, como sempre, com o leitão e o rosbife, a toalha de mesa queimando porque os castiçais caíam e o linho pegara. As maçãs caíram de sua torre e se espalharam pelo chão. O pároco pisou em um e caiu dolorosamente em um joelho.

Foi dessa perspectiva que ele viu Daisy tremendo no canto, seus olhos brilhantes refletindo o fogo.

Eles fizeram uma pequena cama para ela, uma cesta com um cobertor de lã macia e seu patim dobrado ao lado. Ela estava lutando contra o patins com as patas dianteiras, como se soubesse que isso poderia salvá-la, se pudesse se arrastar nele. O pároco arrastou-se na direção dela (era mais fácil respirar perto do chão), pegou-a nos braços e enfiou o patins no bolso do sobretudo; e cambaleou a seus pés para levá-la para fora da porta.

Houve um rangido sinistro. O pároco levantou a cabeça - tudo parecia estar se movendo devagar agora, como em um momento de horror supremo - e viu o anel de fogo do lustre acima, queimando



não apenas com suas velas habituais, mas brilhando com o brilho horrível de metal quente.

O lustre se soltou do teto e se encostou na parede. E então o teto caiu depois, e um vasto facho de fogo caiu do outro lado da porta.

A mente do pároco ficou muito calma em momentos de crise. Isso o mantinha em bom lugar na última guerra, e isso significava, agora, que ele examinava suas opções com um claro olho calmo. O quarto não tinha janelas. O fogo bloqueou as duas portas. Não havia saída.

Ele iria queimar até a morte - ou melhor, sufocar e ser queimado depois - e Rose nunca saberia o que tinha acontecido com ele. Mesmo se ela viesse para cá - e ela viesse aqui, uma vez que as cartas parassem - ela não saberia o que aconteceu: pois a casa ainda estaria de pé e as rosas ainda floresceriam, como se as bombas nunca tivessem sido ...

Ele deu um passo em direção à porta. Mas o calor ardente do fogo era como uma parede física, e ele não podia mais atravessá-lo do que podia atravessar a pedra; e ele recuou, em vez disso, lutando para segurar Daisy, que se debatia freneticamente em seus braços.

Ele se abaixou. O calor e a fumaça aumentaram, e o ar baixo ainda era comparativamente respirável, embora ainda fosse ruim o bastante para fazer seus olhos arderem. Sua pele estava esticada e apertada. —Tudo bem, está tudo bem. — ele disse ao cachorro, e beijou sua cabeça macia. —Pelo menos não morreremos sozinhos - eu sempre tive medo de morrer sozinho.

Não acalmou o cachorro. Sua cauda chicoteou para frente e para trás em terror, suas pequenas patas arranharam seu braço, e ela latiu e latiu e latiu.

Se Rose chegasse antes que a maldição terminasse - se ela pudesse sair de novo - certamente Annie contaria o que havia acontecido. Annie tinha saído? Alguém saiu? A maldição terminaria, se todos eles queimassem?

Houve um grande acidente em algum lugar não muito longe. O pároco segurou Daisy perto, tão perto que ele podia sentir seu batimento cardíaco frenético e latidos ainda mais frenéticos - sentiu mais do que ouviu, porque o rugido da chama parecia bloquear todos os outros sons. Seria a coisa gentil quebrar seu pescoço agora, antes que o fogo os pegasse?

O pensamento parecia tomar uma forma material terrível como ele tinha. Uma grande silhueta satânica preta assomava na porta bloqueada, as asas abertas, as costas tensas; e então a viga caída se levantou e foi posta de lado, e a voz de Briarley subiu acima da guerra das chamas. —Edward!

—Aqui! —gritou o pároco, e ele ficou de pé e tropeçou na direção da voz, embora suas pernas deslizassem como macarrão embaixo dele, e sua cabeça encharcada de fumaça subisse. Mas ele não precisou correr mais: Briarley correu para ele, envolveu-o com uma toalha molhada e o levou para fora do quarto.

—Eu tenho Daisy. — o pároco estava dizendo, e Daisy estava latindo, e o pároco estava repetindo. —Eu tenho Daisy, eu tenho Daisy...

E Briars estava dizendo, sua voz rouca da fumaça. —Você não deveria ter ido atrás dela - você deveria ter me deixado pegá-la. Você deveria ter me deixado pegá-la, seu homem estúpido, sou imune ao fogo.



***

Isso não era estritamente verdadeiro. Briarley levou-os para fora, o cãozinho e o pároco, e quase os jogou no gramado para bater as brasas salpicando suas próprias roupas, e foi então que o pároco viu as bolhas salpicando suas mãos.

—Meu bom homem!— Ele gritou. —Suas mãos - deixe-me ver.

Briarley estendeu as mãos, obediente, e o pároco pôde ver as queimaduras feias listradas nas palmas de suas mãos, de onde ele havia erguido aquela viga. Ele não pensou - ele estava cansado demais além do pensamento - ele pegou as mãos de Briarley nas suas e as beijou, e Briarley as arrebatou novamente e as escondeu atrás das costas. —Não foi nada. — ele insistiu.

—Nada!— Gritou o pároco. —Você salvou nossas vidas!

—Eu não deveria ter feito nada disso se você não fosse um idiota. — disse o dragão. As palavras podem ter soado zangadas, mas ele envolveu um braço em volta do ombro do pastor e o pároco bateu nas costas dele, e ambos estavam rindo de alívio.

Daisy choramingou a seus pés. O dragão caiu ao lado dela, e estendeu a mão para ela, e recuou quando ela farejou sua mão empolada. O pároco se ajoelhou, os joelhos rangendo e puxou o cão tremendo em seu colo.

Foi quando os servos chegaram. Annie gritou. —Graças a Deus, eles estão vivos!

E ela jogou um balde de água sobre o pároco. Foi um alívio depois daquela chama e calor escaldante.

O pároco se virou para ela, e percebeu com um choque que podia - quase a ver: o ar estava tão denso de cinzas que sua invisibilidade abriu um espaço dentro dele.

Atrás dela, também, surgiram outras duas formas claras na noite coberta de fuligem: uma alta, uma pequena e leve, e ambas carregando baldes; e então Annie estava chorando. — Daisy! —Uma mão quase visível agitou as orelhas do cachorro, e Daisy tentou lambê-la.

—Senhor seja louvado. — disse a Sra. Price. E ela se ajoelhou ao lado do pároco, o balde tilintando no chão, e ela ergueu a água em suas mãos em concha - de modo que o semicírculo parecia pairar no ar - e segurou-a para o cachorro beber.

Veio um grande rangido da casa. Outra viga caiu e faíscas voaram. — Você acha que a magia será depois de consertar isso agora? — perguntou Annie.

—Eu suponho que poderíamos viver nos porões até que a maldição acabe. — Hugh respondeu sobriamente.

O pároco virou-se para perguntar a Briarley sua opinião. Mas Briarley não estava mais ali: ele havia se afastado alguns metros, as asas abertas e a cabeça inclinada para o céu.

O pároco sentiu um súbito e intenso pressentimento. — Briarley! — Ele chamou. Mas sua voz queimada de fumaça não ia muito longe, e Briarley não ouviu; então o pároco foi até ele. — Briars! Venha conosco, então. Deve haver algum lugar que possamos nos abrigar durante a noite.

Briarley não se afastou do céu. O vento quente que soprava da casa arrepiou seu folho no pescoço.



Daisy se contorceu nos braços do pároco e soltou um pequeno latido. —Briars. — disse o pároco.

—Leve os servos para a casa do velho zelador. — disse Briarley. —Eu vou atrás deles.

—Depois dos aviões?— O pároco disse, incrédulo. —Briars, eles estão a milhas daqui agora. Você nunca vai alcançar!

—Não me diga o que fazer!— Briarley chamejou. O fogo subia das narinas dele.

—Todos os bombardeiros têm artilheiros. — insistiu o pároco. —Mesmo se você os pegasse, eles atirariam em você do céu!

—Eles bombardearam minha casa. — respondeu Briarley. Sua voz tinha assumido uma calma mortal mais horrível do que qualquer raiva externa. —Eles quase te mataram. E eles pagarão.

—E se você pegar um dos nossos aviões por engano?— Ele tentou agarrar o braço de Briarley, como se ele tivesse força para segurá-lo.

Briarley o sacudiu. O branco de seus olhos brilhava vermelho na luz refletida do fogo. —Solte-me!

Daisy começou a latir. —Não faça isso!— Gritou o pároco.

Mas o dragão - pois ele parecia agora todo dragão, como na primeira noite em que o pároco o conhecia - levantou-se com um poderoso impulso de suas asas e disparou para o céu. Por alguns momentos, o pároco pôde vê-lo à luz ardente da casa, subindo depois dos aviões em retirada; e então ele desapareceu na escuridão.

***

O pároco mal sabia o que aconteceu em seguida. Empurrou Daisy para os braços de Annie e correu atrás de Briarley, como se ele pudesse fazer qualquer tipo de tempo seguindo-o através do país e a pé.

As sebes de rosas, geralmente um labirinto retorcido, separavam-se diante dele como o Mar Vermelho. Ele foi direto para uma pequena porta na parede atrás da casa e saiu por ela.

A lua brilhava prateada e calma no campo além. Sua luz delineava os planos em retirada, de modo que suas rígidas asas retas pareciam recortes escuros no céu prateado. Briarley voou atrás deles, suas amplas asas de morcego se espalharam enquanto ele subia depois dos aviões inimigos. Um fluxo súbito de chamas irrompeu dele.

Ele estava longe demais para ver claramente. No entanto, o pároco parecia vê-lo em detalhes agonizantes.

Flashes brilhantes brotaram dos aviões, tão distantes que eram silenciosos e bonitos, como fogos de artifício. Mas isso foi um tiroteio.

—Briarley! — gritou o pároco. —Briarley! Briars!

Era como se suas palavras fossem uma bala. Quase naquele momento, algo derrubou Briarley e ele caiu do céu. Ele se virou repetidamente, longe demais do pároco para ver com alguma clareza, e ainda assim ele parecia ver tudo, até que a forma negra se fundiu com a escuridão da terra abaixo.

—Briarley! — gritou o pároco, como se o jovem não estivesse irremediavelmente fora de questão. E então ele começou a correr.

Uma velha trilha abandonada levava para longe da casa. O pároco a seguiu, correndo mais rápido do que ele fugira desde que



ele havia atacado o Somme. Desta vez, ele não tinha arma, nem medo de segurá-la, e correu como se, correndo, pudesse alcançar Briarley, em toda a vastidão da paisagem rural iluminada pela lua.

O pároco não tinha fôlego para gritar. Sua garganta, já lavada pela fumaça, doía a cada respiração, e ele sentia o gosto de sangue no fundo da boca. Mas ele continuou correndo, com os olhos fixos naquele ponto em que Briarley desaparecera na escuridão.

Ele não poderia estar morto. Ele não poderia estar morto. O pensamento bateu na cabeça do pastor com cada respiração rouca. Briarley não poderia estar morto, quando acabara de arriscar a própria vida para salvar o pároco e a doce Daisy, quando finalmente ele estava apenas começando a aprender a amar, e quando o pároco estava aprendendo...

O pároco tropeçou. De fato, foi um milagre que ele não tivesse tropeçado antes, correndo desordenadamente na escuridão. Mas agora sua sorte o alcançou, e ele caiu com força sobre uma raiz e foi esparramado.

Ele se deitou no chão, ofegante. Começou a tossir e, durante algum tempo, sentiu-se sufocado ali no chão, afogando-se no ar.

Mas finalmente ele recuperou o fôlego. Ele cuspiu e se arrastou de joelhos, olhando para aquela paisagem silenciosa e prateada.

E foi então que a realidade o atingiu, como um golpe no rosto. Briarley caíra: estava perdido em algum lugar distante na escuridão e o pároco não o encontraria. Ele soltou um som, não alto, um gemido ofegante, e se enrolou em si mesmo. —Maldito seja, Briarley. — ele engasgou, e então começou a soluçar.

Prendeu a respiração para conter os soluços: era um truque que aprendera quando criança. Mas na sua próxima respiração,

outro soluço explodiu, e a força dele quase dobrou. Seu rosto pressionou contra a grama fria e arranhada. Ele bateu a mão contra a terra, repetidamente, e chutou o chão, e enrolou-se de lado no chão como um cachorro batido, e ainda não conseguia impedir as lágrimas de fluir.

O fogo o tinha ressecado. Ele ficou sem lágrimas antes de ficar sem soluços. Por um momento ele ficou deitado no chão, com os olhos secos, o rosto esmagado contra a manga arranhada de seu sobretudo, cada soluço sacudindo seu corpo como se tivesse sofrido um choque elétrico.

Mas finalmente - finalmente - os soluços diminuíram também. O pároco ficou quieto no chão frio, frio e duro, até que lhe ocorreu o pensamento de que, se não se levantasse, ia morrer ali.

E ele tinha que viver, ele lembrou. Ele havia esquecido por um tempo. Mas ele tinha que viver, por Rose.

Ele ergueu o rosto do braço e piscou ao encontrar o mundo ainda prateado ao luar. Achando que deveria escurecer - que deveria haver trovões e relâmpagos, como havia sido a noite em que ele recebera a notícia da morte de Rupert.

Mas Emily morrera em uma bela manhã de primavera, logo depois que os narcisos floresceram.

O pároco ficou de pé. Eles estavam nus - ele tinha esquecido até agora - nus e frios e maltratados da corrida pelo campo. Sua perna ruim doía de frio e uso excessivo.

Atrás dele, a Propriedade Briarley ainda ardia. O pároco ficou olhando até que não conseguiu mais erguer a cabeça pesada. Então sua cabeça se inclinou para frente, seu corpo se curvou como o de



um velho e ele começou a longa marcha de volta para a casa quebrada.

Capítulo 18

Mal amanhecia quando o pároco chegou à parede da propriedade. O fogo já estava apagado, deixando para trás apenas uma névoa de fumaça que captou o brilho rosa da aurora; e isso era muito bonito, e o pároco, que estava quase entorpecido de frio e dor, foi surpreendido por um momento pela beleza, e isso o fez querer chorar.

Mas os olhos dele estavam secos demais para chorar, e ele caiu de novo na dormência novamente. Havia uma pequena porta na parede, ele viu, provavelmente a porta de um comerciante. A maçaneta girou facilmente sob a mão entorpecida e ele entrou no terreno do Briarley.

Ele parou um momento na porta, ainda segurando a maçaneta, para contemplar a casa. Uma metade não era nada além de escombros fumegantes. A outra metade ainda estava de pé e ele se perguntou se havia alguma coisa na casa, ou se era apenas um casco vazio e queimado.

Mas então ele soltou a porta e ela se fechou e sua cabeça caiu, de modo que ele só viu a grama coberta de gelo. Suas pernas pesadas mal podiam levantar seus pés de chumbo acima do chão duro e frio.



—Sr. Harper! Sr. Harper! Ah, Sr. Harper, você está vivo! Oh, isso é tudo o que precisávamos para tornar este dia mais feliz do mundo!

Uma amazona alta corria pelo caminho em direção a ele, com o rosto e o vestido manchados de fuligem. Ele olhou para ela, piscando, sem entender, até que ela quase o alcançou, e então ela gritou. — Harper! O Sr. Briarley está com você?

—Annie! — exclamou ele, e foi só quando se ouviu dizer o nome dela que entendeu quem ela era e o que deve ter acontecido, e então sua força cedeu e ele sentou-se na grama gelada e fria.

A maldição foi quebrada. Talvez tivesse quebrado quando Briarley morreu.

—Sr. Harper? — perguntou Annie.

Em algum lugar acima da cabeça do pastor, Daisy começou a latir.

O pároco levantou a cabeça. A sra. Price também chegara, com Daisy nos braços magros. O cachorro se contorceu e latiu, batendo no ar com as pernas dianteiras curtas, como se quisesse se jogar no colo do pároco.

A sra. Price pressionou com força a cabeça de Daisy e o cão parou. —Deus abençoe a todos nós. — disse ela, e se ajoelhou na grama ao lado dele, compreensão em seus olhos.

Annie olhou entre os dois, o rosto alegre se desintegrando em preocupação. —O que é isso?— Perguntou ela, e sua voz se tornou urgente, quase desafiadora. —O que é isso, então?— Ela exigiu. —Ele quebrou a maldição! Estamos todos bem agora! Onde está o Sr. Briarley?

—Maior amor. — disse o pároco, e sua voz quebrou e sua cabeça caiu para frente como se toda a força tivesse saído de seu pescoço. —Não há maior amor do que este, para que o homem dê a sua vida pelos seus amigos ...

Annie olhou para ele, sem entender. Então seu rosto se encolheu. —Não pode ser!— Ela gritou, e ela soluçou, e se ajoelhou e enterrou o rosto no colo da Sra. Price. Daisy lambeu sua orelha.

A sra. Price acariciou o cabelo dela. —Lá, criança. — disse ela. —Todos nós já vivemos muito além do nosso tempo.

—Mas nós não temos que viver nada!— Annie chorou. — Estamos presos aqui nas rosas há anos e anos e, finalmente, ele nos salvou e não consegue compartilhá-lo!

O pároco não aguentou. Ele se levantou, embora sua perna ruim quase tenha cedido embaixo dele. Mas ele prendeu a respiração, ergueu-se e saiu mancando, embora cada passo parecesse como se alguém tivesse enfiado uma faca no pé e cortado ao longo de sua tíbia. Como a Pequena Sereia ... Rose odiava essa história ... a Pequena Sereia que desistiu de sua voz por pés, embora cada passo que ela deu parecesse estar andando em facas. “E tudo por um homem humano, quando deve haver homens serias perfeitamente legais” Rose disse ...

O pároco desviou do caminho sem querer: seus passos cambaleantes o tinham desencaminhado. Ele entrou em uma roseira e pegou os galhos espinhosos para se manter em pé; e o pároco notou, só então, que todas as rosas haviam morrido. As flores negras e murchas ainda se agarravam aos arbustos, suas pétalas pareciam dedos de bruxa.

—É isso que você queria?— Perguntou ele à roseira, como se aquelas flores mortas fossem realmente as mãos daquela feiticeira



há muito tempo. Mas um vento gelado soprou, e as flores mortas tremeram e se despedaçaram quando o pároco se desvencilhou do mato.

Ele cambaleou para a frente da casa. Os degraus da frente estavam ilesos. Dirigiram-se a uma porta incendiada e, através do arco vazio da entrada, o pároco pôde ver o céu reluzente. Mas os degraus em si ainda estavam de pé, apesar de uma fresta passar por eles.

Um jovem estava sentado naqueles degraus, com os braços ao redor das pernas e a cabeça contra os joelhos. —Hugh?— O pároco disse.

O jovem ergueu a cabeça, e o pároco viu os olhos avermelhados e o bico grande vermelho. —Eu ouvi você dizer aos outros. — disse ele. —Eu vim aqui tão ...

O pároco sentou-se pesadamente a seu lado e pôs a mão no ombro. Ele esperava que a mão oferecesse algum calor e conforto, porque seu coração era uma pedra em seu corpo e ele não achava que poderia oferecê-lo de outra maneira.

—Quebrou porque morreu?— Perguntou Hugh. —Teria quebrado há muito tempo, se o tivéssemos matado?

A mão do pároco deu uma pancada na cabeça de Hugh com tanta força que derrubou Hugh dos degraus. —Vá embora!— Gritou o pároco. —Continue! Como você ousa dizer aquilo?

Hugh se virou, o peito arfando, os punhos cerrados. Ele era um jovem alto e bem construído, e ele poderia ter batido o pároco para uma polpa.

O pároco não tentou fugir. Ele estava sentado onde estava, nos degraus da frente do Briarley Hall, com as costas retas e o queixo

erguido, de modo que parecia tão feroz e orgulhoso quanto a proa de um navio. Hugh sacudiu os punhos, como um homem tentando secar as mãos, e afastou-se rapidamente para os fundos da casa.

O pároco sentou-se. Mesmo sentado, ele podia sentir a dor subindo pelas pernas. Seus pés descalços pareciam muito brancos à luz do amanhecer, e ele se perguntou se poderiam estar congelando e se perderia um dedo do pé. Mas tudo parecia muito longe dele, e ele não se importou particularmente.

Ele ficou sentado por algum tempo naquela névoa cinzenta e plana de exaustão e tristeza. Pétalas de fuligem rodopiavam ao vento. O pároco levou um no olho, e seus olhos piscaram e lacrimejaram com a tentativa de lavá-lo.

O som das rodas no cascalho não o acordou até estar bem fechado. Ele ergueu a cabeça ao som de freios fracos, parando e viu que os portões de ferro estavam abertos, e o carro branco inclinado salpicava negro de fuligem, e um caminhão subiu quase até o pé da escada.

O feitiço fora quebrado de fato: e o mundo moderno chegara a Briarley Hall.



Capítulo 19

O pároco desceu lentamente os degraus até o caminhão. Sentia-se muito velho e rígido à medida que avançava, como se tivesse envelhecido uma década em uma noite e se perguntado fugazmente se seu cabelo estava branco.

Um homem corpulento, de cabelos grisalhos e boné de Defesa Civil, saltou do caminhão. Ele tinha um rosto vermelho, uma barba rala e o aspecto geral de um militar aposentado, e ele falou com uma grosseria tão verdadeira que o pároco achou reconfortante.

—Eu sou o coronel Haverford. — disse o homem. —Este é Briarley Hall?

—Sim. — disse o pároco.

—Engraçado, isso. — o coronel Haverford ponderou. Ele olhou para o corredor com uma expressão perplexa no rosto redondo. —Eu moro perto de Briarfield desde que me aposentei, há dez anos, mas nunca ouvi falar desse lugar.

O pároco estava reunindo suas dispersas forças mentais para contar a história do proprietário recluso, que não saía em sociedade etc. - mas então o coronel Haverford virou-se para ele e respondeu à sua própria pergunta não muito bem feita, quando disse. — Encontramos um homem que afirma ser dono do lugar. Louco como uma lebre, eu acho.

A cabeça do pároco mergulhou. Ele teve que agarrar o capô do caminhão para se manter em pé.

—Firme agora!— Disse o coronel Haverford. —Parece muito inofensivo, se você me perguntar, mesmo que ele esteja rachado. É claro que ele pode ser um espião-besta, mas se ele é, bem, nós o temos agora, não é?

—Não, não. — disse o pároco. —Não é isso. É só que o jovem mestre ... —Um burburinho de riso impotente subiu aos seus lábios, alegria emanando dele, mesmo quando se lembrou de que talvez não fosse Briarley, pois certamente o coronel Haverford teria notado protuberâncias como asas. —Ele se depara com um pouco de rachadura. Nós pensamos que ele estava morto.

—Bem, agora. — disse o coronel Haverford. —Fácil o suficiente para verificar. Eu o tenho no banco de trás, veja ...

Mas sua voz sumiu. Ele estava olhando para o terreno agora e avistara Annie e a sra. Price, em seus longos vestidos antiquados com as mangas de perna de carneiro. —Eu digo. — disse ele, afrontado. —Você estava tendo algum tipo de festa a fantasia na noite passada? Há uma guerra, você sabe.

—São roupas velhas dos sótãos. — disse o pároco, quase febril de impaciência. —Sr. Briarley tem essa ilusão de que é a década de 1840... febre cerebral, você sabe ...

—Febre cerebral. — concordou o coronel. A explicação pareceu agradá-lo. Ele puxou o bigode e assentiu compreensivamente. — Coisa de rum, não é? Bem, eu tenho outros negócios para atender esta manhã e, sem dúvida, você pode cuidar dele melhor do que eu.

—Sem dúvida. — disse o pároco, tão impaciente que poderia ter chutado o homem.

Mas o coronel Haverford já estava abrindo a porta dos fundos. O pároco coxeava atrás dele - Deus, o que ele teria dado por aquela



bengala de cabo de marfim! Para qualquer pau! - e quase uivou de decepção ao ver o jovem deitado no banco de trás.

Um jovem homem. Um jovem com cabelos dourados e não um dragão.

Bem, naturalmente o coronel Haverford teria mencionado se tivesse encontrado um homem alado. O que o pároco esperava? Mas ele se sentiu doente e vazio de decepção.

—Eu digo!— Coronel Haverford estava gritando. Sua voz parecia muito distante agora. —Você está muito pálido! Afastem-se!

O jovem virou-se. Ele tinha costeletas fofas e ridículas e...

Olhos castanhos. O pároco conhecia aqueles olhos.

—Briars. — o pároco desabafou. Inclinou-se no caminhão, segurou a mão do jovem e beijou-o na boca.

***

Demorou algum tempo até o coração do pároco parar de trovejar.

Ninguém sabia; ninguém tinha visto. A porta do caminhão os havia escondido de vista e, de qualquer modo, o coronel Haverford estava ocupado enxotando Annie, Hugh e a sra. Price do caminhão, que estavam explorando com a curiosidade descarada das crianças. Eles haviam esquecido que eram visíveis, talvez; e desconcertaram o coronel Haverford por seu prazer positivo no fato.

—Muito bem. — o coronel Haverford confidenciou ao pároco. —Eu não acho que todos eles pegaram febre cerebral também?

—Imagino que o atentado os deixou um pouco histérico. — disse o pároco, tentando soar grave, embora seu coração estivesse batendo tão alto nos ouvidos que mal podia ouvir as palavras do coronel Haverford.

Ele foi embora. E então houve lágrimas e apertos de mão quando os criados vieram cumprimentar Briarley, -de volta dos mortos, como disse a Sra. Price. —Ressurgiram como Lázaro quando Nosso Senhor colocou a mão nele.

Ela jogou o avental sobre a cabeça para esconder as lágrimas.

Hugh apertou a mão do Sr. Briarley, parecendo mortificado e tímido, e Annie segurou as duas mãos e as beijou.

Mas a reunião passou e eles se dispersaram. Annie e Hugh foram para Briarfield ... —Para Briarfield! — gritou Annie, saltando no ar enquanto corria, como uma colegial de férias - e a sra. Price voltou apressada para a metade ainda do corredor, para ver o que poderia acontecer de ser recuperado da cozinha.

O pároco permaneceu sentado na grama. Era seco e sem brilho, como deveria ser o capim de outono, e ele se ocupava em colher hastes. Ele tentou suavizar um, como ele sabia fazer quando era menino, mas ou ele perdeu o truque ou a grama de outubro era muito frágil.

Briarley sentou-se ao lado dele. O pároco não olhou para ele a princípio, mas pôde sentir sua presença ali, o calor e o peso dele. Por fim, arriscou um olhar e descobriu o homem que olhava com espanto para si mesmo: as próprias mãos nuas, com unhas regulares no lugar de suas velhas garras curvadas, e os próprios pés descalços vermelhos de frio. Havia cortes costurados na parte de trás de sua camisa - para suas asas - e através deles o pároco podia ver suas



costas pálidas, a surpreendente vulnerabilidade esbelta de suas omoplatas.

Briarley ergueu uma mão trêmula para o próprio rosto, sentindo as costeletas idiotas nas bochechas, a ponte do nariz, o leve crescimento de barba no queixo. Os lábios do pároco ainda formigavam da queimadura dele.

—Ele não recuou de mim. — disse Briarley, e olhou para o pároco, como se precisasse de confirmação antes que pudesse confiar na evidência de seus próprios olhos e mãos.

—Meu querido Briars. — disse o pároco, —É claro que ele não viu nada estranho.

Briarley olhou para as mãos novamente. Ele tocou as pontas dos polegares em cada unha. —A maldição está quebrada?

—Parece muito assim. — disse o pároco.

—E tudo que eu precisava fazer todo esse tempo foi ter entrado em um prédio em chamas?— Briarley parecia indignado.

—Isso não é uma coisa tão pequena.— disse o pároco gentilmente.

Eles ficaram sentados por algum tempo lado a lado. Briarley olhou maravilhado para as mãos, e o pároco ficou mais desconfortável a cada momento. Parecia que eles não falariam daquele beijo, e provavelmente era o mesmo, mas mesmo assim ele parecia sentir pendurado acima da cabeça como a espada de Dâmocles.

—Você parece bem diferente também. — disse Briarley, suas palavras rompendo com os pensamentos do pároco.

O pároco mudou de posição. —Eu sempre fui um homem velho. — disse ele. —Desde que você me conhece.

—Você não é tão velho assim. — disse Briarley. —E de qualquer forma, eu tenho 120 anos.

O pároco olhou para ele - sentado ali na flor de sua juventude, com lábios vermelhos e bochechas vermelhas e o vento tocando seus cabelos dourados - e começou a rir.

—Bem, eu estou!— Briarley insistiu. —Vou fazer 121 na próxima véspera de todos os santos. Mas isso não é o que eu quis dizer. Meus olhos estão vendo de forma diferente agora. Antes, como um dragão - é difícil de explicar; Eu vi calor - na verdade eu não sei como explicar, para alguém que nunca viu. É uma cor diferente e outra para a qual não temos palavras. Mas agora eu vejo a cor de novo, como costumava fazer. —E então ele estendeu a mão e cutucou a bochecha do pároco de brincadeira. —Suas bochechas estão vermelhas. — disse ele; e ele puxou uma mecha errante do cabelo do pároco, ficando mais comprido, pois o pároco não tivera um corte de cabelo desde que chegou à propriedade. —E seu cabelo - você chamaria de castanho? Certamente não é cinza.

O pároco estava cansado demais para os jogos. Parecia-lhe que Briarley o estava provocando e era cruel. Ele afastou a mão do homem e disse, com uma rapidez que não sentiu. —É melhor decidirmos o que fazer, agora que todos vocês voltaram ao mundo novamente. Teremos que olhar para a casa e ver se alguma parte dela é aproveitável. Parece que uma boa metade disso pode dar tudo certo, e isso pode ajudar de alguma forma no esforço de guerra ...

Empurrou-se para ficar em pé, mas a dor atravessou as pernas, e o pároco caiu novamente como um saco de batatas. O mundo nadou por um momento, e quando clarearam novamente ele



encontrou Briarley olhando em seu rosto, com os olhos arregalados, zangado. —Você está se preparando para sair. — ele acusou. —Você quer colocar tudo em ordem e depois é só ir.

—Eu não vou a lugar nenhum ainda. — disse o pároco. Ele não estava realmente certo de que poderia andar de volta para casa, quanto mais andar de bicicleta em qualquer lugar. Se sua bicicleta tivesse sobrevivido ao bombardeio.

—A maldição está quebrada, seu trabalho está feito e você está pronto para lavar as mãos de mim. — disse Briarley. —E você me beijou!— Ele gritou, acusando.

O pároco fez uma careta e ficou vermelho como um menino de escola, puxando um obstinado pedaço de grama. —Eu pensei que você estivesse morto. — ele ofereceu, explicando.

—E você estava feliz que eu estava vivo?— Briarley exigiu.

—Sim!— Gritou o pároco. —Sim, fiquei feliz por você estar vivo! Eu sentiria muito a sua falta, seu homem estúpido!

Briarley pareceu desconcertado. Ele esfregou a mão sobre o queixo - *que estranho que ele tivesse um queixo!* Que estranho que ele tivesse uma boca e lábios, que se agruparam em perplexidade! — Então por que você está com pressa para sair?

—Oh. — disse o pároco. Uma onda de cansaço correu por ele. Ele sentiu que poderia chorar de pura exaustão. —Há uma guerra, Briars. Você pode ter notado ontem à noite. Tenho deveres para com minha paróquia, que negligenciei, e você terá deveres aqui - ou no exército. Eu imagino que você seria um bom piloto para a RAF. Certamente você registrou mais horas de vôo do que a maioria dos garotos que eles mandam. —E ele começou a rir de novo, sem alegria, porque sabia o quão curta a vida de um piloto poderia ser, e

parecia injusto - *injusto* - injusto ter trazido Briarley, através da maldição, apenas para mandá-lo morrer. Mas então não era mais injusto do que o sacrifício esperado de todos os outros pilotos, quem tinha 120 anos?

—Não poderíamos. — disse Briarley, e parou, e começou de novo. —Não poderíamos. — ele disse, e não conseguiu terminar a frase, e, em vez disso, pegou o rosto do pastor com ambas as mãos, muito gentilmente, e o beijou com a mesma delicadeza na boca.

Foi um beijo muito mais longo e mais profundo do que o pároco lhe dera antes, e ambos estavam tremendo quando Briarley recuou. Ele soltou o rosto do pároco com relutância e deixou as mãos caírem sobre os ombros do pároco, empurrando-o contra a grama e rastejando sobre ele, para que se beijassem novamente, e as mãos do pároco estavam no cabelo macio de Briarley.

—Briars. — ele murmurou. —Briars. Briars ...

Ele disse o nome entre beijos, até que Briarley recuou e o olhou no rosto. —Edward?— Ele disse, e o pároco o empurrou, então eles estavam sentados lado a lado novamente, e perfeitamente respeitável se alguém por acaso subisse pela pista - desde que ninguém olhasse de perto, e visse que eles estavam de mãos dadas...

—É só ... —disse Briarley, levantou a mão do pároco e começou a beijar os nós dos dedos. —Mesmo se você não puder ficar aqui ... mesmo que eu tenha que me juntar ao exército ... eu posso entender se você quiser ir, quando você nunca quis estar aqui...

—Venha agora. — disse o pároco. —Eu tive oportunidade suficiente para ir.

—Mas seu senso de dever fez você ficar. Eu sei isso. Isso acabou agora. Se Deus te enviou aqui, você realizou o que ele queria



de você. Mas se você ... se você não quiser sair .... se é só que você *tem que ir* ...

Ali ele pareceu perder as palavras e, em vez disso, apenas baixou a cabeça sobre a mão do pároco, os lábios contra a palma da mão do pároco, os longos cílios dourados cobrindo os olhos.

—Nós dois temos o nosso dever. — disse o pároco. —Nós seremos separados - talvez pela duração de um curto tempo. Mas isso não significa para sempre- não é? Que tudo tem que acabar entre nós. A guerra não pode durar para sempre. Não posso pensar que mais alguns anos serão tão terríveis, quando você já esperou cem.

Briarley soltou um som entupido de choro e puxou o pároco para um abraço. O pároco abraçou-o e apoiou a cabeça cansada no ombro de Briarley, deixando Briarley agarrar-se a ele até que finalmente o homem se soltou.

Eles estavam, talvez, com os olhos meio lacrimejantes depois disso. O pároco pegou um lenço, percebeu que, é claro, não havia tido tempo de pegar um com o teto caindo sobre a cabeça e simplesmente sorriu através das lágrimas.

—De qualquer forma. — disse o pároco. —Não vou embora ainda. Vou precisar de algum tempo para me recuperar antes de poder ir a qualquer lugar. De fato. —ele admitiu, embora doesse. — Eu não acho que eu possa andar agora mesmo.

—O quê?— A preocupação coloriu o rosto de Briarley. —Você foi ferido no bombardeio?

—Fui ferido correndo atrás de você, seu tolo. — disse o pároco. —Eu vi você cair do céu.

—Você fez!

—Foi como assistir a queda de Ícaro. — disse o pároco, com a voz baixa e com a emoção reprimida.

—Era?— E agora a voz de Briarley era suave.

—E eu corri atrás de você. — disse o pároco. —E tentei encontrar você, e não consegui.

Ele era muito inglês para contar o resto: que caíra de joelhos em um lugar escuro e chorava como se seu coração fosse quebrar. Ele disse apenas. —Foi uma longa caminhada de volta.

Mas talvez Briarley entendesse o resto, porque olhava para o pároco com uma suavidade nos olhos. E então ele sorriu: e com um sorriso nos lábios, seu rosto era o rosto de um anjo.

—Bem. — disse Briarley. —Eu cuidarei para que você não tenha que caminhar até que tudo esteja bem.

E ele reuniu o pároco em seus braços - não tão facilmente como em seus dias de dragão. Mas ainda assim ele não se queixou enquanto levava o pároco para o caminho de cascalho até as ruínas ainda fumegantes da casa. Ele deu a volta para o lado da casa que ainda estava de pé e encontrou uma pequena porta fechada: a porta se abriu silenciosamente ao toque dele, e ele carregou o pároco para o umbral.

Fim